

IGREJA LUTERANA

REVISTA SEMESTRAL DE TEOLOGIA



SEMINÁRIO CONCÓRDIA

Diretor

Gerson Luis Linden

Professores

Acir Raymann, Anselmo Ernesto Graff, Clóvis Jair Prunzel, Gerson Luís Linden, Leopoldo Heimann, Norberto Heine (CAAPP), Paulo Gerhard Pietzsch, Paulo Moisés Nerbas, Paulo Proske Weirich, Paulo Wille Buss, Raul Blum, Vilson Scholz

Professores Eméritos

Ari Lange, Donaldo Schüler, Paulo F. Flor

IGREJA LUTERANA

ISSN 0103-779X

Revista semestral de Teologia publicada em junho e novembro pela Faculdade de Teologia do Seminário Concórdia, da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

Conselho Editorial

Paulo Wille Buss (Editor)

Paulo Proske Weirich (Editor Homilético)

Assistência Administrativa

Nara Coelho

A Revista *Igreja Luterana* está indexada em *Bibliografia Bíblica Latino-Americana* e *Old Testament Abstracts*.

Os originais dos artigos serão devolvidos quando acompanhados de envelope com endereço e selado.

Solicita-se permuta
We request exchange
Wir erbitten Austausch

Correspondência

Revista Igreja Luterana

Seminário Concórdia

Caixa Postal 202

93001-970 – São Leopoldo/RS

Telefone: (0xx)51 592 9035

e-mail: seminarioconcordia@ulbranet.com.br

www.seminarioconcordia.com.br

IGREJA LUTERANA

VOLUME 64 - NOVEMBRO 2005 - NÚMERO 2

ARTIGOS

A Tradução da Bíblia

por João Ferreira de Almeida e suas Revisões

Vilson Scholz 07O lugar de culto: fundamentos e critérios
para construção ou reforma de uma igreja*Paulo Gerhard Pietzsch* 30

Lutero e a presença de Deus e do diabo na História

Anselmo Ernesto Graff 40**DEVOCIONAL**

Salmo 46

Vilson Scholz 40

Em que tipo de mundo você vive

William Miller 61

A BÊNÇÃO EM FAMÍLIA

*Dr. Wilson Scholz**

(Texto da palestra apresentada no Congresso da Liga de Leigos Luteranos do Brasil, em Piratuba, SC, em agosto de 2005.)

INTRODUÇÃO: A ESTRUTURA DO CREDO, SÓ QUE DE TRÁS PARA FRENTE

O assunto é família, e o enfoque precisa ser bíblico. Julguei interessante abordar o tema sob a perspectiva dos três artigos do Credo. Num certo sentido, tudo que se pode dizer sobre este assunto (e muitos outros) cabe debaixo dos três artigos da fé cristã: a família sob a ótica da criação; a família no drama da redenção; a família à luz da ação do Espírito Santo em nossas vidas.

Só que eu decidi começar de trás para frente, indo do terceiro ao primeiro artigo. Não sou o único nem o primeiro a fazer isto. E o motivo não é apenas de ordem prática. Há uma intenção. Na vida da gente hoje, em termos de fé e vida de igreja, tudo começa pelo terceiro artigo. O Espírito Santo me chama, congrega, ilumina e santifica – no batismo (terceiro artigo). A partir daí passo a ouvir, assimilar e crescer na compreensão da obra de Cristo a meu favor (segundo artigo). E quando descubro que o universo foi criado pela Palavra de Deus, que é o próprio Filho de Deus, passo a entender também que este mundão de Deus é a casa que ele preparou para todos nós (primeiro artigo). A família é uma boa criação de Deus, e é nela que ele nos quer ver felizes.

*O Rev. Dr. Wilson Scholz é professor de Teologia Exegética (Novo Testamento) no Seminário Concórdia e na ULBRA e Consultor de Traduções da Sociedade Bíblica do Brasil.

1. FAMÍLIA À LUZ DA SANTIFICAÇÃO

— FAMÍLIAS NA FÉ OU FAMÍLIA DA FÉ?

FAMÍLIA E FAMÍLIAS NA BÍBLIA

Já que o assunto é família, fui verificar na Bíblia o uso da palavra “família”. Descobri que, na tradução portuguesa, aparece ao todo 145 vezes. Destas, só dez estão no Novo Testamento (NT). Parece, de fato, que família é mais um assunto do Antigo Testamento (AT). E quando se chega a “famílias”, no plural, o uso, na Almeida Revista e Atualizada (ARA), fica restrito ao AT. São 238 casos, nenhum deles no NT. Até já se disse que a atitude cristã em relação à família vem do AT. Com certeza. Logo vai ficar mais claro por quê.

EFÉSIOS 3.15

Para ser breve, limitei-me ao NT. Selecionei alguns textos que julgo relevantes. Em Ef 3.15, Paulo afirma: “Me ponho de joelhos diante do Pai, de quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra”. No mundo antigo, não havia nações ou países como temos hoje. Uma das maneiras de falar de todas as pessoas era fazer referência a todas as famílias. Aqui Paulo fala de “toda família, tanto no céu como sobre a terra”. Parece que tem em vista o seguinte: os vários grupos de pessoas sobre a terra e de anjos nos céus têm um nome de família, a saber, o nome de Deus, que é o Pai de todos. Deus é o Pai de todas as suas criaturas. Este texto pertence, pois, ao primeiro artigo.

EFÉSIOS 2.19 E GÁLATAS 6.10

Quando chegamos ao texto de Ef 2.19, entramos no terreno do terceiro artigo. Paulo afirma: “sois da família de Deus”. A rigor, o termo “família” não é usado aqui (*oikéioi tou theou*). Uma tradução bem literal seria: “Vocês são familiares (da família) de Deus”. “Vocês são membros da família de Deus”. Lutero tem: “*Gottes Hausgenossen*”. Vocês são da parentela de Deus. Trata-se, pelo contexto, dos gentios, que agora não são mais estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos do povo de Deus e membros da família de Deus.

O texto seguinte, Gálatas 6.10, é semelhante. “Enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé”. De novo, dá para traduzir por “aos membros da família da fé”. A família da fé é o conjunto de todos os que têm fé.

FAMÍLIAS NA FÉ OU FAMÍLIA DA FÉ?

O que fica dessa discussão, e realmente importa, é que existe uma

família de Deus, uma família da fé. E agora vou tocar no subtítulo desta parte, ou seja, a pergunta: famílias na fé ou família da fé? Acho que está mais ou menos claro que, no NT, o termo família é usado como um outro nome para “igreja”, “povo de Deus”, etc. Portanto, muito antes de apresentar “famílias na fé”, o NT fala a linguagem da família da fé.

Talvez alguém pergunte: Mas por que essa distinção miúda, essa picuinha? Acontece que houve um tempo – e talvez ainda faça parte de nossos hábitos – em que perguntávamos pelo número de famílias que fazem parte da igreja. Um aviso: não tenho nada contra isso; que bom que podemos ter famílias na igreja! Só que não era e nem é a realidade de muitas igrejas. Em muitos lugares, hoje, o fenômeno de meia família na igreja ou só um membro da família na igreja é comum. E esta também era a realidade nos tempos bíblicos do NT.

OUTRAS FORMAS DE FALAR DA FAMÍLIA DA FÉ

Existem lugares, no NT, em que se fala da família da fé, mesmo que a palavra “família” não apareça. Não existe a palavra “família”, mas o assunto está lá.

Em Mateus 12.49-50, Jesus, avisado de que sua mãe e seus irmãos estavam à procura dele, apontou para seus discípulos e disse: “Eis a minha mãe e meus irmãos”. Apontou para a família da fé.

Em 2 Coríntios 6.18, Paulo cita a promessa que Deus fez a Davi (2 Sm 7.14): “Eu serei o Pai de vocês, e vocês serão meus filhos e minhas filhas”. Normalmente seria assim: “Eu serei o Deus de vocês e vocês serão o meu povo”. Mas falar de Pai e filhos dá no mesmo.

Em 1 Timóteo 5.1-2, Paulo aconselha Timóteo quanto a como tratar as pessoas na igreja. O homem mais velho como a um pai, os da mesma idade como a irmãos, as mulheres de mais idade como se fossem sua mãe, e as mulheres de sua idade como se fossem suas irmãs. São irmãos e irmãs na fé, mas aqui está em vista o modelo ou o procedimento que se adota com irmãos e irmãs de sangue.

Em 1 João 3.1,14-18, o apóstolo chama Deus de Pai, diz que somos filhos desse Pai, irmãos uns dos outros e, no fim, se dirige aos seus leitores em termos de “filhinhos”. A igreja é vista como a família da fé.

O TERMO “CASA” NO NOVO TESTAMENTO

Há momentos em que, no NT, se usa o termo “casa”. Às vezes se tem em vista o prédio, a construção. É o que acontece em 1 Pedro 2.5: “sois edificados casa espiritual”, onde o povo de Deus é claramente comparado a um edifício, uma construção, um templo. O alicerce é Cristo; nós somos pedras vivas. Agora, casa pode também designar aqueles que moram nela. Por exemplo, em 1 Pedro 4.17, o apóstolo anuncia que

era chegada a hora de “começar o juízo pela casa de Deus”. Aqui “casa” tem o sentido de povo, pessoas. O mesmo acontece em Hebreus 3.5-6, onde o autor faz uma comparação entre Moisés e Cristo, cada qual sendo visto como dirigente da casa de Deus. “Cristo ... dirige a casa de Deus”.

A CASA NO TEMPO DOS APÓSTOLOS

Para se entender um pouco melhor essa questão de “casa”, e abordar um último aspecto, preciso explicar o que era uma “casa” no tempo dos apóstolos. Casa era uma família, mas uma família bem maior do que aquela que nós conhecemos. A casa era feita dos membros da família, mas incluía mais gente: escravos, libertos, servos e trabalhadores, às vezes até sócios e arrendatários. A princípio, o dono da casa tinha autoridade plena sobre os membros da casa. Havia um sentimento de lealdade à casa de que se fazia parte. Isso se devia a fatores econômicos, sociais, psicológicos e religiosos. A religião do chefe da casa era mais ou menos automaticamente a religião dos membros dela. À luz disso ganha novo significado aquilo que Paulo disse ao carcereiro de Filipos: Crê no Senhor Jesus e serás salvo, *tu e a tua casa*.

A casa dava aos membros dela um sentimento de identidade e segurança. Ela era a unidade básica da sociedade na qual Paulo se movimentava. Fornecia o modelo para as instituições políticas maiores. O Imperador era visto como pai e o Estado como sua casa.

Em suas cartas, Paulo faz referência a essas casas (1 Co 1.16; 11.22; 16.15; Fp 4.22; etc.) Também menciona igrejas que se reuniam na casa de certas pessoas (Rm 16.5; Cl 4.15; Fm 2). À medida que não havia mais espaço para os cristãos dentro das sinagogas, a igreja se instalou nas casas. Até se pode dizer que as igrejas que aparecem no NT eram todas elas igrejas “domésticas”. Nessa “casa” ou *oikos*, o ministro ou pastor era o *oikonómos*, o “mordomo” ou administrador.

Em conclusão, dá para dizer que a igreja, no NT, não é organizada por famílias, mas é apresentada como uma grande família. Mas havia também casas inteiras que eram igrejas (com exceções, como mostra 1 Pedro, onde temos mulheres crentes, casadas com pagãos).

2. FAMÍLIA NA ESFERA DA REDENÇÃO — A SALVAÇÃO COMO ASSUNTO DE FAMÍLIA, ISTO É, O DESCENDENTE AO FINAL DE UMA LONGA LINHAGEM.

GENEALOGIAS?

Genealogia é uma exposição cronológica, geralmente em forma de diagrama, da filiação de um indivíduo ou da origem e ramificações de uma

família. Em reuniões de família, é comum ver essas árvores genealógicas. Nem sempre é fácil ir além de quatro gerações! Quem julga tudo isso um tanto estranho, facilmente há de concordar com 1 Timóteo 1.4: “nem se ocupem com fábulas e genealogias sem fim, que, antes, promovem discussões do que o serviço de Deus, na fé”. E com Tito 3.9: “Evita discussões insensatas, genealogias, contendas e debates sobre a lei; porque não têm utilidade e são fúteis”.

MATEUS 1.1-16

Esse é um lado da moeda. Mas, e como começa o Novo Testamento? Começa com uma genealogia, em Mateus 1.1-16. Ainda lembro da minha surpresa ao encontrar esse texto, quando li o Novo Testamento pela primeira vez. A mensagem de Mateus 1 parece ser esta: discussões sobre genealogias podem não ter utilidade, especialmente no nosso caso. Mas isto não significa que todas as genealogias são sem importância. Na verdade, uma genealogia é muito importante: a de Jesus. Quando ela se completou, no Natal, todas as outras árvores genealógicas perderem sua importância.

Talvez muitos já se tenham perguntado o que essas listas de nomes fazem na Bíblia. A maior coleção de listas encontra-se no livro de Crônicas. A primeira explicação que eu ouvi a respeito da presença de tantos nomes na Bíblia foi de que é sinal que Deus se preocupa com pessoas, e as conhece pelo nome. Pode ser. João 10.3, no entanto, é mais direto: o bom pastor chama as ovelhas pelo nome.

UM OUTRO JEITO DE ESCREVER HISTÓRIA

Na verdade, a genealogia é um outro jeito de escrever história. Disse alguém: “A forma genealógica pode ser empregada como alternativa às formas narrativas ou poéticas de expressão, como um entre vários métodos de escrever a história e de transmitir as preocupações teológicas e nacionalísticas de um povo” (JOHNSON, M. D. *As Genealogias de Jesus Cristo*. In *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, vol. IV, p. 500). “Abraão gerou Isaque”. Tão simples. Mas quanta coisa não existe por trás dessa oração! Páginas e páginas de história.

O que eu quero fazer a partir de agora, então, é traçar a linhagem de Jesus Cristo, começando lá no princípio. A intenção é dar maior atenção ao livro do Gênesis. No meio disso, a gente vai aprender alguma coisa sobre outros tempos, outras famílias, mas, acima de tudo, a gente verá também como Deus escreve certo por linhas tortas e nem sempre respeita os arranjos e as convenções humanas. O esquema genealógico abaixo será explicado no texto que segue.

DEUS

Adão [e Eva] (Gn 1.26-28; 2.18, 23-24; 3.6-7, 14-19)

[Caim (Gn 4.1)] – [Abel] – **Sete** (Gn 4.25-26)

[...] **Enos**

[Lameque (Gn 4.19,23-24)] **Cainã**

[Jabal, Jubal, Tubalcaim] [...]

(Gn 4.20-22) **Enoque** (Gn 5.24)

Matusalém

Lameque

Noé (Gn 5.28-29)

Sem (Gn 6.9-10) – [Cam – Jafé]

[.....]

Tera

Abraão (Gn 11.10,26)

[Ismael -] **Isaque** (Gn 16.1-2; 17.20-21; [18.1-10])

[Esaú -] **Jacó (Israel)** (Gn 25.19-26; 27.27-29)

[Rúben – Simeão – Levi –] **Judá - José**

(Gn 29.30; 35.23-24) [- Benjamim] + seis

(Judá: Gn 29.35; Gn 38 na história de José; Gn 49.8-12; 1Cr 5.1-2)

Perez (Gn 38.27-30) [Efraim e Manassés (Gn 48.10-19)] [Saul]

[.....]

Salmom

Boaz (Rute 4.13-22)

Obede

Jessé

Davi

(1Sm 16.1,10-12; 2Sm 7.12-16; 1Rs 11.36)

Salomão (1Rs 1.11-14)

Roboão (1Rs 11.26,36; 12.16-17)

[....]

Joás - a linha por um triz

(2Cr 22.1-3,10-12; 23.1-3,11,14-15)

[....]

Ezequias (2Cr 29—32)

[....]

Josias (2Cr 34—35)

[....]

Jacó

José, marido de Maria (Mt 1.16)

JESUS, Leão de Judá

(Is 11.1-2; 16.5; Jr 23.5; 33.15-17; Ez 34.23-24; Mt 21.9; Jo 7.42;
Rm 1.3-4)

JESUS, Raiz de Davi

(Ap 5.5; 22.16)

JESUS, Meu Irmão

(Rm 8.29; Hb 2.11)

NO COMEÇO, UMA FAMÍLIA

A humanidade começou com uma família. Deus decidiu criar o homem à sua imagem e semelhança. Diz Gênesis 1.27-28: “Assim Deus criou os seres humanos; ele os criou à imagem de Deus. Ele os criou homem e mulher e os abençoou, dizendo: — Sejam fecundos e multipliquem-se; espalhem-se por toda a terra e a dominem”. E aquela família era o povo de Deus. Só duas pessoas.

MACHO E FÊMEA, MAS NÃO COMO PLATÃO PENSAVA

Sem querer entrar em todos os detalhes do texto, quero ao menos ressaltar alguns pontos. Primeiro: Deus os criou homem e mulher, macho e fêmea. Os dois sexos são correlatos, isto é, um é feito para o outro. Homem e mulher são diferentes, mas um não tem superioridade psicológica ou física sobre o outro.

Essa relação entre os sexos ocupou também os filósofos, mais especificamente Platão.

No *Banquete*, Platão apresenta o mito da natureza bissexual do homem. Os seres humanos teriam sido originalmente, em sua maioria, criaturas com duas faces e dois sexos. Uns eram duplamente machos, outros duplamente fêmeas, a maioria bissexual. Como resolveram escalar os céus e atacar os deuses, foram castigados: Zeus os rachou pelo meio. Em razão disso, cada parte ou sexo passa a vida com esse desejo insatisfeito que só termina quando se encontra a outra metade. Além disso, por causa de sua origem, alguns encontram a felicidade em relações homossexuais (eram duplamente machos ou duplamente fêmeas), ao passo que a maioria anseia pelo sexo oposto. No mito platônico, além de se justificar como natural a homossexualidade, perde-se de vista a unidade recíproca dos sexos. Ama-se o outro ou a outra apenas porque se quer uma auto-realização através dele ou dela. Por fim, o fato de o homem ser macho e a mulher fêmea é visto como um castigo, não como um dom de criação.

SEXUALIDADE EMBUTIDA NA CRIAÇÃO

Na verdade, a procriação (termo muito melhor do que reprodução), e, com ela, a sexualidade, estava embutida na criação, ao contrário do que

expressa Platão. A primeira bênção sobre o ser humano foi a bênção da fecundidade, o que, com certeza, ajuda a explicar por que a esterilidade era um problema tão sério nos tempos bíblicos, e ainda explica o drama de casais sem filhos hoje. E abençoar não é dar uma notícia ou informação, mas é dizer uma palavra que realiza o que anuncia.

Procriação não é a única função do casamento, talvez nem mesmo a primeira, mas é parte. A sexualidade não foi acrescentada após a queda, e a própria queda em pecado não teve dimensão sexual, ao contrário do que muitos pensam.

Em Gn 2.18,23-24 aparece a dimensão do companheirismo e da intimidade, sem qualquer referência a filhos. Aquele “uma só carne” não se refere unicamente a relações sexuais, pois, a rigor, o ato sexual ocupa uma porção muito pequena do tempo e da vida do casal. “Uma só carne” começa com um vivendo para o outro e em direção ao outro em todas as áreas da vida. Mas a unidade da carne só é atingida quando o desejo mútuo de homem e mulher leva ao relacionamento sexual.

O QUE O CASAMENTO TEVE A VER COM A QUEDA EM PECADO

A história de Adão e Eva não teve um final feliz. Os propósitos que Deus tinha para o mundo foram frustrados pela rebelião do primeiro casal, e com isso entra em cena a maldição em lugar da bênção. Trata-se do mais trágico e fundamental caso de plenitude perdida.

A história é bem conhecida. Vou ler apenas dois versículos e adicionar um breve comentário. Gênesis 3.6-7 diz: “Vendo a mulher que a árvore era agradável aos olhos e que as suas frutas eram boas de se comer, e que era árvore desejável para dar entendimento, apanhou uma fruta e comeu; e deu também ao marido, e ele comeu. Abriram-se, então, os olhos de ambos; e, percebendo que estavam nus, costuraram umas folhas de figueira e fizeram cintas para si”.

A queda ou a desobediência de Adão e Eva não tem conexão específica com o casamento. Não foi um ato sexual ilícito, muito menos a descoberta da sexualidade. Mas indiretamente tem a ver com casamento e teve um impacto desastroso sobre o mesmo. Envolve o casamento de forma indireta porque a mulher tomou uma decisão unilateral, isolada. Ela não parou para discutir a questão com seu marido, para uma decisão e ação conjunta. Também o homem se submeteu à decisão de Eva (v.6), sem analisar a questão de modo independente ou por si. Adão e Eva têm em comum apenas o fato de, um após o outro, incorrerem no mesmo erro. Existe ação conjunta na atitude equivocada. Dá até para perceber uma inversão de papéis, a mulher tomando a frente. Faltou, no caso, o “poder do nós”, que só foi restaurado na hora de fazer a coisa errada. A resposta a isso vem no v.16: a esposa é subordinada ao seu marido.

A PRIMEIRA PROMESSA ANUNCIA O DESCENDENTE

Mas antes disso (v.16) vêm outras providências que Deus tomou (v.15). Ele distribuiu castigos, na ordem em que a catástrofe aconteceu. Dirige-se primeiro à serpente, depois à mulher, e, por fim, a Adão. Vou me ater à palavra dirigida à serpente, pois embutida nela está o assim chamado proto-evangelho, ou primeiro evangelho, a primeira promessa de salvação. Ela tem, como disse alguém, as marcas do jardim, onde foi pronunciada. Deus amaldiçoou a serpente, e acrescentou (Gn 3.15): “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”.

Aqui começa a corrida atrás do descendente, em especial o descendente da mulher. Genealogias passam a ter importância. O termo descendente (ou “semente”) chega a ser um termo chave em Gênesis: ocorre 59 vezes neste livro, e só 170 vezes no resto do AT.

Também é importante observar, neste contexto, que, embora Deus tenha amaldiçoado a serpente (Gn 3.14), não fez o mesmo com a mulher. Deus amaldiçoou a terra, ponto final (3.17).

A luta entre a descendência da serpente e a semente da mulher se manifestou pela primeira vez no conflito entre Caim e Abel (Gn 4.8). Mais tarde, quando a maldade dos cainitas tomou conta da terra (Gn 6.1-13), Deus teve que fazer uma limpeza através do dilúvio. A linhagem foi preservada através de Sete e Noé.

A “BANDA PODRE” DA DESCENDÊNCIA DE ADÃO - GN 4.1; 4.17-24

Expulsos do paraíso, a história dos homens continua em Gênesis 4, que começa assim: “Coabitou o homem com Eva, sua mulher. Esta concebeu e deu à luz a Caim; então, disse: Adquiri um varão com o auxílio do SENHOR”. A partir de Caim, a linhagem continua com Enoque e chega a Lameque.

Em Gn 4.19, os dois que devem formar uma só carne se tornam três, pois Lameque se casa com duas. A propósito, a poligamia não foi privilégio exclusivo dos descendentes de Caim, como se vê na história dos patriarcas. Outra característica dos cainitas é a sede de vingança: “Sete vezes se tomará vingança de Caim; de Lameque, porém, setenta vezes sete” (Gn 4.24).

No mais, a lista de descendentes de Caim (Gn 4.17-24) inclui sete gerações. Caim e seus descendentes são apresentados como os fundadores do que se pode chamar de “cultura”, que é a moldagem humana da criação de Deus. Caim construiu uma cidade (v.17). Jabal foi o antepassado dos que criam gado (v.20). Jubal foi o antepassado de todos os músicos (v.21). Tubalcaim era ferreiro (v.22). Tudo isso faz parte da bênção de Deus, em Gn 1.28: dominar a terra. Por outro, parece confirmar aquela percepção, expressa em forma de pergunta: Por que o diabo tem que ficar com toda a

boa música? Os filhos das trevas são mais hábeis em sua própria geração do que os filhos da luz. Segundo o Gênesis, a cultura floresceu entre os descendentes de Caim.

SETE PARA O LUGAR DE ABEL - GN 4.25-26

Depois da morte de Abel (Gn 4.8), tudo indicava que só restariam os descendentes de Caim (vv.17-24), pessoas afastadas da presença do SENHOR (Gn 4.16) e sedentas de vingança (Gn 4.24). Só que Deus deu a Adão e Eva outro filho para ficar em lugar de Abel. Havia esperança para o futuro. A história de Sete e de seu filho Enos, uma genealogia bem breve, aparece em Gn 4.25-26: “Adão e a sua mulher tiveram outro filho. Ela disse: — Deus me deu outro filho (outro descendente) para ficar em lugar de Abel, que foi morto por Caim. E pôs nele o nome de Sete”.

Sete foi pai de um filho e o chamou de Enos. Daí se começou a invocar o nome do SENHOR. Ou, como se lê na NTLH: “Foi nesse tempo que o nome SENHOR começou a ser usado no culto de adoração a Deus”.

Aqui existe um grande diferença em relação a Caim: em vez de saírem da presença do SENHOR, como acontecera com Caim, os descendentes de Sete começaram a usar o nome SENHOR no culto de adoração a Deus (v.26). E a linhagem de Sete vai chegar a Noé e a Abraão.

A PARTIR DE NOÉ, OS SEMITAS - GN 5.28-29; GN 6.9-10

A história de Noé é bastante conhecida, especialmente a arca e o dilúvio. O que nem sempre se enfatiza é a aliança que Deus faz em Gênesis 9 (vv. 1-17). Deus faz uma aliança não somente com Noé, os seus filhos e os descendentes dele, mas também com todos os seres vivos (vv. 9-11,16). Como sinal da aliança, Deus coloca o seu arco nas nuvens (vv.12-13). O interessante desta aliança é que Deus não pede nada ou não coloca nenhuma responsabilidade sobre os ombros daqueles com quem ele faz sua aliança. E embora sempre se lembre que Deus permitiu, a partir daquele momento, o consumo de carne, o que nem sempre se lembra é que também a partir de então começou a vigorar o princípio do uso da força por parte da autoridade: “Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu” (v.6). Em outras palavras, surge o poder do Estado institucionalizado.

COM ABRAÃO, A PROMESSA DE BÊNÇÃO - GN 16.1-2; 17.20-21

Abraão, em quem seriam benditas todas as famílias da terra, está na linhagem de Sete, Noé e Sem. Daí vem a designação de semitas. Um exame de Gênesis 11.10-26 mostra isto.

Só que, como é sabido, a continuação da descendência de Abraão não foi fácil. Deus lhe havia prometido um descendente, e nada de Sara ter um filho. E foi então que ocorreu mais um episódio, numa história tão cheia

de peripécias, como é a de Abraão e Sara. O casal decidiu resolver a coisa a seu modo. Não havia clínicas de fertilização nem outros recursos de que modernamente dispomos. Eis o relato: “Sarai, a mulher de Abrão, não lhe tinha dado filhos. Ela possuía uma escrava egípcia, que se chamava Agar. Um dia Sarai disse a Abrão: — Já que o SENHOR Deus não me deixa ter filhos, tenha relações com a minha escrava; talvez assim, por meio dela, eu possa ter filhos. Abrão concordou com o plano de Sarai” (Gn 16.1-2). Naquele tempo, e a arqueologia confirma isto, esse tipo de arranjo era comum e perfeitamente legal, ou seja, estava previsto em lei. O filho de Agar seria considerado filho de Sarai (Gn 30.3,9).

Mas Deus tinha outros planos. Isto fica claro em Gn 17.20-21: “Também ouvi o seu pedido a respeito de Ismael; e eu o abençoarei e lhe darei muitos filhos e muitos descendentes. Ele será pai de doze príncipes, e eu farei com que os descendentes dele sejam uma grande nação. Mas *a minha aliança eu mantereí com Isaque, o seu filho*, que Sara dará à luz nesta mesma época, no ano que vem”.

FAVORITOS E QUERIDINHOS EM BAIXA: JACÓ, E NÃO ESAÚ (GN 25.19-26; 27.27-29)

Dos filhos de Isaque, que eram gêmeos, Esaú era o favorito. Era o primogênito. Só que a bênção acabou ficando com Jacó, que depois viria a ter o nome de Israel. Os relatos em destaque são Gn 25.19-26 e 27.27-29.

JUDÁ, E NÃO RÚBEN (O PRIMOGÊNITO), NEM JOSÉ (O QUERIDINHO); PEREZ, E NÃO ZERA

Dos doze filhos de Jacó, os doze patriarcas, a linhagem deveria ter passado por Rúben, o mais velho. Não passou. Tudo indicava que passaria por José, o de número onze e queridinho de Jacó, filho de Raquel, a esposa favorita de Jacó (Gn 29.30). E a gente pode até imaginar, pela atenção que se dá a José, em Gênesis, que isso de fato é assim. Mas não foi. Também não passou por Benjamim, pois Saul, um benjaminita, foi rejeitado, por mais que Paulo, quando Saulo, tenha se orgulhado de ser da tribo de Benjamim, uma tribo sempre leal a Judá.

A linha da descendência passou, isso sim, por um dos filhos de Lia (ou Léia; Gn 35.23), aquela que o ganancioso Labão empurrou para cima de Jacó e com a qual o patriarca dormiu na noite de núpcias sem notar que era a moça errada (Gn 29.25). Outra vez Deus escreveu certo por linhas tortas.

Que a linha passaria por Judá, e não por José, já pode ser visto no fato de a história de Judá e Tamar aparecer, sem mais nem menos, “ensanduichada” dentro da história de José (Gn 38). E também neste caso o primogênito, aquele da fitinha vermelha amarrada na mão, foi rejeitado:

Gn 38.27-30. O mesmo se repetiu na hora em que José trouxe seus filhos para a bênção de Jacó (Gn 48.10-19): era para ser Manassés e Efraim, mas o velho Jacó trançou as mãos e ficou sendo Efraim e Manassés! Josué, o sucessor de Moisés, era da tribo de Efraim.

Depois, a escolha de Judá foi confirmada na bênção que o velho Jacó deu aos doze patriarcas, em Gn 49.8-12. “Judá, os seus irmãos o louvarão e se curvarão na sua frente” (v.8). “Judá vai segurar o cetro de rei, e os seus descendentes sempre governarão” (v.10).

Um resumo de tudo isso aparece em 1 Crônicas 5.1-2: “São estes os descendentes de Rúben, o filho mais velho de Jacó. (Por ter tido relações com uma concubina do seu pai, Rúben havia perdido os direitos que eram dele como filho mais velho. Esses direitos foram dados a José. Foi a tribo de Judá que, de fato, se tornou a mais forte, e dela saiu um governador para todas as tribos.)”

O QUE RUTE ESTÁ FAZENDO NA BÍBLIA - RUTE 4.13-22

Enquanto o livro de Juízes e os capítulos iniciais de Samuel falam da interrupção da linhagem de Efraim, depois de Josué, o livro de Rute antecipa um novo desenvolvimento ligado à família de Judá.

A história de Rute, a moabita, está na Bíblia, não por ser uma história bonita de uma mulher que encontrou um sentido para sua vida no meio do povo de Deus, mas porque Rute é uma antepassada de Davi e, por conseguinte, de Jesus (Mt 1.5). Num sentido, toda a história é contada por causa da genealogia que aparece no final (4.13-22).

A LINHAGEM ENCONTRA O VEIO DA REALEZA:

DEUS FAZ ALIANÇA COM DAVI

OU: DAVI, OUTRO AZARÃO

– 1 SM 16.1,10-12; 2 SM 7.12-16; 1 Rs 11.36

1 Samuel 16 mostra que Davi foi ungido para ser rei, apesar de ser o filho caçula de Jessé. Mais tarde (2 Sm 7.12-16), o profeta Natã, como porta-voz de Deus, levou a Davi uma mensagem cheia de promessas. Davi teria descendentes, que seriam reis de Israel para sempre. Essas promessas aparecem em outros livros do AT, especialmente em Salmos (Sl 18.50; 89.3-4,26-27,36-37; 132) e também nos profetas (Is 9.5-6; 11.1-10; 16.5; Mq 5.2). No NT, elas são vistas como profecias a respeito de Jesus, descendente de Davi (Jo 7.42; At 2.30). Jesus, o Messias, é chamado de “Filho de Davi” (Mt 21.9).

Mais tarde, quando o reino se divide em Norte e Sul, também isso tem a sua razão de ser, como explica 1 Reis 11.36: “Mas deixarei que o filho de Salomão [Roboão] fique com uma tribo, para que eu sempre tenha um

descendente de Davi reinando em Jerusalém, a cidade que escolhi como o lugar onde devo ser adorado”.

QUANDO A LINHA ESTAVA POR UM TRIZ: A HISTÓRIA DE JOÁS – 2 CR 22.1-3,10-12; 23.1-3,11,14-15

A linha dos descendentes de Davi passou por Salomão, o filho de Bate-Seba, e foi adiante, passando por Roboão. Houve um momento crítico, em que a linha esteve por um triz. O relato está em 2 Crônicas 22 e 23. Atalia, a rainha-mãe, que era filha de Acabe, portanto, não da família de Davi, decidiu, em determinado momento, acabar com a família real de Davi, no reino do Sul (Judá). Isto aconteceu por volta de 840 a.C. Um menino, Joás, escapou, pois a tia dele, Jeoseba, o escondeu no templo durante seis anos. Assim, a descendência de Davi foi salva no templo. A propósito, o rei Davi e o templo são assuntos que o escritor de Crônicas gosta de destacar.

E ASSIM CHEGAMOS A JESUS

Jesus é a culminância dessa linhagem davídica, judaítica, abraamítica, semítica, etc. Ele nasceu de Maria, mas José, marido de Maria, era descendente de Davi (Mt 1.16). Portanto, Jesus é filho de Davi.

Ele é o descendente de Abraão, como Paulo esclarece em Gl 3.16. Ele é o rebento do tronco de Jessé (Is 11.1), uma metáfora que se entende a partir do contexto de Is 10, onde se fala da derrubada de árvores. Ele é o Renovo justo (Jr 23.5). Ele é o filho de Davi (Mt 21.9; Lc 1.31-32; Jo 7.42; At 13.23; Rm 1.3-4; 2 Tm 2.8). Ele é o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi (Ap 5.5; 22.16). Ele é o primeiro entre muitos irmãos (Rm 8.29), que não se envergonha de chamá-los de irmãos (Hb 2.11).

Ao determinar que se fizessem discípulos de todas as nações (Mt 28.18-20), ele cumpre a promessa feita a Abraão (Gn 12). Por meio de Cristo Jesus, a bênção que Deus prometeu a Abraão é dada aos não-judeus, que, por meio da fé, recebem o Espírito que Deus prometeu (Gl 3.14). Ele é digno de quebrar os selos, pois foi morto na cruz e comprou para Deus pessoas de todas as tribos, línguas, nações e raças (Ap 5.9-10).

3. FAMÍLIA NO ARTIGO DA CRIAÇÃO, ISTO É, FAMÍLIA NO PROJETO DIVINO DE CRIAÇÃO CONTÍNUA.

DEFINIÇÕES DE FAMÍLIA

A família vem desde o início da criação. O Estado, a sociedade, a lei, a economia e a política podem ter surgido depois, a partir de Gn 9, mas a família vem desde as origens. Só que virou clichê falar sobre crise da família. A percepção que se tem é que a família está mudando. Será que isso é

privilégio de nosso tempo? Será que existe um modelo de família que se mantém estável ao longo dos tempos? Parece que não, ao menos à luz do que se vê hoje. A definição do que constitui uma família é flexível. Para muitos, é “um homem e uma mulher (por enquanto ainda é isso!) com uma ou mais crianças (que não são necessariamente os filhos daquele casal)”. Livros escolares, de primeira série, ensinam que existem diferentes formatos de família, desde o simples casal sem filhos até o grupo formado por um homem e uma mulher que trazem consigo os filhos de um casamento anterior. Há, é claro, um padrão, um formato essencial, mas os contornos nem sempre são os mesmos. A própria Bíblia, em especial o AT, mostra que isso é assim. Portanto, os contornos da família se modificam com o passar do tempo. Resta saber quando, de tanto se modificar os contornos, a própria família estará a perigo!

A FAMÍLIA NO ISRAEL ANTIGO – JOSUÉ 7.16-18

A família nos tempos do AT era um grupo bem maior do que a típica família de hoje, onde convivem apenas pessoas de duas gerações (pais e filhos). Consistia naqueles que têm em comum o mesmo sangue e o mesmo espaço para viver. Incluía também servos, estrangeiros residentes e pessoas sem pátria, viúvas e órfãos, tudo gente que vivia sob a proteção do chefe de família.

Um texto ilustrativo é Js 7.16-18: “Então Josué se levantou de madrugada e fez o povo de Israel se apresentar, *tribo* por tribo. O sorteio indicou a tribo de Judá. Em seguida mandou que se apresentassem os *grupos de famílias* da tribo de Judá, e o grupo de Zera foi indicado. Aí chamou o grupo de Zera, família por família; e a *família* de Zabdi foi indicada. Finalmente chamou a família de Zabdi, *homem* por homem, e Acã foi indicado”.

NO MUNDO DOS APÓSTOLOS:

OS GREGOS, OS ROMANOS E OS JUDEUS

O casamento era a norma tanto entre o povo judeu como no contexto maior do mundo romano. Monogamia era a regra. A cultura grega proibia casamento “grupal”. Semelhantemente, a lei romana proibia a poligamia.

A grande maioria dos homens judeus e todas as mulheres eram monogâmicas. Os livros de Samuel e dos Reis não relatam nenhum caso de poligamia entre gente simples, com a exceção do pai de Samuel, Elcana (1 Sm 1.2). Os casos de Davi (2 Sm 5.13) e Salomão (1 Rs 11.3), que envolvem a realeza, parecem ter sido exceções.

Entre os romanos, houve imperadores, como Augusto, que promoveram o casamento e a criação de filhos. Augusto queria “repovoar” em especial a classe aristocrática.

IDADE DOS NOIVOS E AS BODAS

Quanto à idade dos noivos, estima-se que, entre os gregos e os romanos, 40% das mulheres casavam antes de completarem 15 anos. Mais ou menos 75% casavam antes dos 19 anos. Os meninos não podiam casar legalmente antes de terem 14 anos ou terem sinais físicos de puberdade.

Os mestres judeus defendiam o casamento cedo na vida, em parte para propagar o nome da família, e em parte para proteger os homens jovens da paixão sexual (Sirácida 7.23). As mulheres em geral casavam na adolescência, entre 13 e 16 anos, mas algumas tinham mais de 20 anos.

Quanto à duração do noivado, a lei romana exigia o casamento num prazo de dois anos após o noivado. Noivos judeus normalmente casavam dentro de um ano após o noivado.

Quanto às bodas, esse rito de passagem era, entre os romanos, muitas vezes bem menos formal do que se poderia esperar ou imaginar. Em contraste, o povo judeu enfatizava a celebração festiva por ocasião das bodas. Normalmente essa festa durava sete dias (Jz 14.12; Tobias 11.19). O pai que tinha condições convidava muita gente, às vezes todas as pessoas do vilarejo. Alguns julgavam meritório convidar um sábio e seus discípulos, o que pode ajudar a explicar o convite feito a Jesus, em Jo 2.

PROCREAÇÃO, CONTRACEPÇÃO, ABORTO, ENJEITAMENTO, GUARDA DOS FILHOS

Segundo Josefo, a lei de Moisés só permitia relações sexuais com a finalidade de procriação. Os rabinos entendiam que, começando com Adão, ter filhos era um dever que Deus deu ao homem. Negar-se a ter filhos era visto quase como equivalente a matá-los.

Gaio Mussônio Rufo, um filósofo estóico que viveu no primeiro século da era cristã, pensava que o desejo sexual no casamento era inapropriado, a não ser para fins de procriação. Disse ele: “O elemento fundamental do matrimônio é a comunhão de vida e a geração de filhos” (FILORAMO; Giovanni; RODA, Sergio. *Cristianismo e Sociedade Antiga*, São Paulo: Paulus, 1997, p. 216). Alguns escritores judeus e os cristãos do segundo século (100 d.C. em diante) fizeram eco a essa atitude. Clemente de Alexandria, por exemplo, no Pedagogo, diz com todas as letras: “Copular por [outras] razões que não a procriação de filhos é violar a natureza”. (Ibid., p. 224).

As leis de Atenas insistiam com os maridos que tivessem relações com a esposa três vezes por mês, para fins de procriação. Os fariseus eram mais enfáticos: caso o marido se abstivesse por mais de uma ou duas semanas, tinha a obrigação de dar carta de divórcio à mulher.

Claro, contracepção era algo associado com magia. Tanto esta como o aborto não eram práticas tão comuns como alguns pensam. Os antigos também já discutiam se o embrião era uma pessoa e se, portanto, o aborto

não podia ser algo legal. Era comum abandonar (enjeitar) os recém-nascidos. Os estóicos, egípcios e judeus eram contrários a essa prática.

Famílias pobres, em especial, abandonavam meninas recém-nascidas no lixão, pois não poderiam providenciar um dote para as mesmas. O dote era um presente – não uma exigência legal, mas algo esperado socialmente – que os pais ou familiares da noiva davam ao futuro marido para ajudar a cobrir as despesas que o mesmo tinha para conseguir a esposa. Em caso de divórcio, o marido deveria devolver o dote.

Sob a lei romana, em caso de divórcio, os filhos normalmente ficavam com o pai.

CONCUBINATO

O concubinato era comum especialmente entre militares, pois os soldados não podiam casar nos termos da lei antes de terem completado o serviço militar, um período que durava mais de 20 anos.

UM SALTO NO TEMPO: LUTERO

Lutero foi casado durante 21 anos. Também escreveu a respeito do assunto. No tempo dele, um dos problemas eram os noivados informais (“*Ωλικελερλβνισσε*”), que, muitas vezes, terminavam outra vez em separação.

Outro problema era a prepotência paterna. Os pais podiam colocar um filho ou uma filha no mosteiro ou convento, ou, então, arranjar um casamento de conveniência. Em reação a isso, muitos jovens “casavam” sem o consentimento dos pais. Lutero abordou essa questão em 1524, quando escreveu um tratado intitulado: “Que os pais não devem forçar os filhos a casarem nem impedir que o façam. E que os filhos não devem noivar sem o consentimento dos pais”. Segundo Lutero, o que, no final das contas, define se um casal está unido diante de Deus e dos homens é a vontade dos nubentes, isto é, o mútuo consentimento.

Uma das grandes novidades trazidas por Lutero é a visão do casamento como um estado secular, fundamentado na criação. O matrimônio não é evangelho, não é sacramento. Por outro, não deixa de ser estado santo (“*heiliger Stand*”). Lutero estava convicto da verdade de Pv. 19.14: Um homem pode herdar dos seus pais casa e dinheiro, mas só Deus pode dar lhe uma esposa sensata. E Deus a dá, não apenas para dormir comigo, mas também para vigiar comigo.

O NÓ DO “NÓS” COMO VÍNCULO FUNDAMENTAL NA FAMÍLIA

O primeiro e mais importante vínculo familiar é o que existe entre marido e mulher. Isto Cícero já dizia. Os filhos são, a rigor, acidentais. São acidente, não no sentido de “descuido”, mas no sentido filosófico de “aspecto

casual de uma realidade que, por essa razão, é irrelevante para a compreensão do que nela é essencial e imprescindível”. Filhos estão para o casamento assim como a cor está para a banana.

A BÊNÇÃO DA PROcriação E DA SEXUALIDADE

Além de Gn 1.28 e Gn 2.18-24, também é bom lembrar os textos de Provérbios 5.18,19 e Eclesiastes 9.9: “Portanto, alegre-se com a sua mulher, seja feliz com a moça com quem você casou, amorosa como uma corça, graciosa como uma cabra selvagem. Que ela cerque você com o seu amor, e que os seus encantos sempre o façam feliz!”. Ou, como diz o final desse texto na tradução de Almeida: “Saciem-te os seus seios em todo o tempo; e embriaga-te sempre com as suas carícias” (Pv 5.18-19).

“Goza a vida com a mulher que amas, todos os dias de tua vida fugaz, os quais Deus te deu debaixo do sol; porque esta é a tua porção nesta vida pelo trabalho com que te afadigaste debaixo do sol” (Ec 9.). Ou, segundo a NTLH: “Enquanto você viver neste mundo de ilusões, aproveite a vida com a mulher que você ama. Pois isso é tudo o que você vai receber pelos seus trabalhos nesta vida dura que Deus lhe deu”.

O DOM DO COMPANHEIRISMO: O TESTEMUNHO DE UM POETA

Ao longo da vida e, especialmente, a partir de certa idade, cresce em importância o dom do companheirismo. A propósito, transcrevo partes de um texto do poeta leopoldense Fabrício Carpinejar, intitulado “Papel-presente”.

Discordo quando escuto a afirmação, em tom melancólico, de que o casal se separou porque a paixão virou amizade. Confesso que sinto inveja desse casal. Ruim é quando a paixão termina em nada. Nem carvão, nem cinzas, coisa alguma. ... É motivo de pena a paixão que não se transforma, que não deixa o quarto para a sala ... Uma paixão só virtudes e encontros esporádicos. Uma paixão apenas com o lado bom, servil, sem personalidade. Uma paixão enquanto satisfação da hora. A amizade é amor, podem discordar, não acreditarei. Sinceramente me emociono ao testemunhar um casal de velhinhos, andando com a plumagem das roupas, devagarinho, cuidadoso para não acelerar o passo, cuidadoso com as dores ... Quantas angústias, quantas vezes ambos cederam para permanecerem juntos ... E não se enjoaram e não se enojaram da intimidade. Não fugiram do compromisso de se entenderem até o fim, do pacto de abrir a janela como quem busca manteiga na geladeira. É possível enxergá-los em silêncio durante uma manhã inteira, cada qual fazendo as suas coisas. E que silêncio! ... Um silêncio de horta, não de túmulo. ... Eles não praguejam o tempo, sábios e serenos. Porque o tempo não torna os casais apagados – isso é um engano. O tempo não mata a relação — isso é um engano. ... Um casal de

velinhos é o amor mais ofensivo que posso descobrir na vida. Suas gavetas são forradas de papel-presente.

ALGUMAS QUESTÕES PROBLEMÁTICAS: QUANDO SE FORMA A FAMÍLIA?

Discute-se se a família começa na hora do sim no cartório, na hora do sim na igreja, ou se o fundamental é o mútuo consentimento. Por causa do contexto religioso e cultural brasileiro, existe a noção de que, se não casaram na igreja, não estão casados. Talvez a história tenha algo a ensinar.

Textos cristãos antigos, como as cartas de Inácio de Antioquia e a obra intitulada *Tradição Apostólica*, não falam de um eventual papel do bispo ou da comunidade no reconhecimento da validade do matrimônio entre cristãos. A *Tradição Apostólica* fala daqueles que buscam a igreja para ser tornarem membros, aqueles que “pela primeira vez se apresentam para ouvir a Palavra”, dizendo que deveriam ser interrogados sobre seu estado de vida: se têm esposa ou se são escravos. E continua:

“Se o homem tem esposa, ou se a mulher tem marido, ensine-se ao homem a se contentar com a esposa, e à mulher, com o próprio marido. Se o homem não vive com uma mulher, ensine-se que não deve fornicar, mas casar segundo a lei ou permanecer no estado em que se encontra” (FILORAMO e RODA, p. 208).

Na Introdução ao Manual da Bênção Matrimonial, Lutero escreve:

Aqueles que instituíram pela primeira vez a praxe de se conduzir noivo e noiva para a igreja, na verdade não consideraram isso uma brincadeira, mas algo muito sério; pois não há dúvida que com isso queriam buscar a bênção de Deus e a intercessão da comunidade, e não fazer comédia ou farsa pagã. (*Obras Seleccionadas*, Volume 5, p. 284)

Fica claro que Lutero não sabe de quando vem o costume. Vale registrar que a liturgia proposta por Lutero prevê o casamento na frente da igreja, isto, antes de se entrar no templo propriamente. Convém lembrar, mais uma vez, que Lutero considerava o casamento um assunto secular, não um sacramento.

O direito romano enfatizava o mútuo consentimento. Uma fonte jurídica anônima do quarto século depois de Cristo diz:

Um matrimônio subsiste legalmente quando existe, entre aqueles que o contraem, o conúbio [isto é, a recíproca capacidade jurídica; não podia haver nenhum tipo de conúbio com escravos, algo que os cristãos começaram a questionar], quando o homem é púbere e a mulher está de posse das capacidades naturais e quando existe o consenso de ambos os nubentes, se eles estão na plena posse dos seus direitos civis, ou exista o consenso dos seus respectivos pais, caso os nubentes estejam ainda debaixo do pátrio poder (FILORAMO e RODA, p. 200).

Quanto ao mútuo consentimento, talvez alguém pergunte se o mesmo aparece na Bíblia. Aparece, sim, e num contexto onde menos se esperaria encontrá-lo: na história de Rebeca (Gn 24.57-58).

Quando começa, então, uma nova família? No cartório, na igreja, ou onde? Acho que toda resposta simples será inadequada. Em outras palavras, é uma conjugação de fatores. Na base de tudo está o consentimento mútuo. O casamento se realiza pelo “sim” pronunciado de parte a parte. Só que casamento e família interessam a mais pessoas. Interessam ao Estado. Isto explica e justifica a formalização perante a lei. Interessam a Deus, que instituiu e abençoou a família. Logo, nada mais natural do que buscar a bênção matrimonial, na casa de Deus. E o casamento ou a constituição de uma nova família é um assunto que interessa aos familiares e amigos. Aqui entra o papel das bodas, que, a rigor, é a parte que mais recebe destaque na Bíblia. A festa do casamento é uma forma de dizer a todos: “estamos casando”. Sob este enfoque, o maior problema daqueles que simplesmente “juntam os trapos” não é o fato de não quererem casar formalmente; é o fato de quererem continuar fazendo de conta que ainda não casaram. O problema se transfere do sexto mandamento ao âmbito do oitavo mandamento. Mais do que fornicar, estão mentindo.

A QUESTÃO DA UNIÃO ESTÁVEL NO BRASIL

Discutir todos os detalhes da união estável, no Brasil, vai além de nosso propósito. Resumindo, pode-se dizer que qualquer união estável com convivência contínua, com ou sem filhos, é considerada um casamento, regido pela comunhão parcial de bens. O antigo prazo de cinco anos, que caracterizava a união estável, não é mais um critério para a Justiça. Na prática, juntar os trapos pode vir a ser considerado casamento. Por trás disso está a noção de que mais importante do que casar formalmente, e até mesmo casar religiosamente, é o ato de constituir família. E isto é algo que acontece quando um homem e uma mulher passam a morar juntos.

Salvo melhor juízo, isso se deriva do direito romano. Uma decisão tomada pelo imperador romano Probo (por volta de 280 d.C.) permite deduzir que a constituição do matrimônio não exigia nenhum ato formal e que o mútuo consentimento não era expresso de forma oficial e específica. Diz o texto:

Se, à base do testemunho de vizinhos ou de outros, tu conviveste com uma esposa para ter filhos, e desse matrimônio nasceu uma filha, mesmo que não tenham sido assinados atos contratuais matrimoniais nem realizados atos formais em relação ao nascimento da filha, nem por isso o valor legal do matrimônio é posto em dúvida, nem se perde o pátrio poder sobre a filha gerada (FILORAMO e RODA, p. 214).

Na verdade, a lei da união estável é uma forma de colocar sob a lei aqueles que querem fugir da lei. É a lei indo ao encaço das pessoas. Não deveria ser a primeira opção do cristão, que, por uma série de motivações e razões éticas, vai em busca da lei e permanece nela.

CONCLUSÃO: A IMPORTÂNCIA E OS LIMITES DA FAMÍLIA

Com certeza, no AT a família aparece com mais destaque do que no NT. No AT, a fé era transmitida no contexto da família. A páscoa, por exemplo, era uma festa religiosa familiar (Js 24.15). Nossa tendência hoje, especialmente num contexto protestante, é vermos Deus interessado nas estruturas maiores (o universo, o Estado, a história) e nos indivíduos. E o que é que fica no meio? Aí entra o importante papel da família.

Por outro lado, por mais importante que seja a família, ela tem seus limites. Três afirmações expressam isto:

1. Jesus ensinou que a família não é o fim último ao qual tudo deve ser subordinado (Marcos 3.35).
2. Casar e constituir família *não* é aquela uma coisa necessária (Lucas 10.42).
3. O vínculo matrimonial não é levado para dentro do céu, apesar do que poderia dar a entender a quarta estrofe do hino 445 do Hinário Luterano: “também o par aqui abençoado encontre ali [no céu] gloriosa vida e paz”. Agora, o “casamento” de Deus com seu povo não tem fim. Em outras palavras, céu é descrito como as bodas do Cordeiro (Ap 19.7,9) e, num sentido, o casamento e a família antecipam parte disso, aqui no mundo.

Família: Bênção em três (e mais) sentidos!

Família: Bênção sempre!

O BATISMO NA PERSPECTIVA LITÚRGICA E PASTORAL

Paulo Gerhard Pietzsch¹

INTRODUÇÃO

Batismo é um tema que tem sido estudado e apresentado sob diversos enfoques da teologia, tanto a partir da Exegese Bíblica quanto da Sistemática e História da Igreja. Ocupar-se do tema a partir do enfoque litúrgico e, conseqüentemente, levar em consideração elementos antropológicos e sociológicos, além de uma abordagem pastoral, parece ser um novo desafio para a Teologia.

Batismo na perspectiva litúrgica e pastoral aborda questões referentes ao *batismo enquanto sacramento que revela o amor de Deus, o seu significado e importância, suas origens e sua dimensão antropológica*. A seqüência deste trabalho volta-se para as *questões bíblicas, teológicas e confessionais do batismo e aborda questões como a sua necessidade e os seus principais temas*. Num terceiro momento tratar-se-á das *implicações do batismo, sua dimensão diaconal, suas conseqüências na vida do cristão, assim como a perspectiva pastoral*. Finalmente, demonstrando que o tema está intimamente ligado com a Teologia Prática, serão abordadas *questões litúrgicas, que envolvem tanto o tempo e espaço batismal quanto a simbologia e a prática do batismo*. Ao final será apresentada *uma proposta litúrgica*.

Além da oportunidade para a reflexão em torno desse artigo da fé da Igreja Cristã, o presente trabalho apresenta sugestões e material prático para ser estudado e debatido pelos teólogos, por aqueles que se preparam para o exercício da função pastoral e por todos que se interessam pelo assunto.

¹ Professor de Litúrgica, Preparação para o Estágio, Teologia e Prática da Ação Social e Música no Seminário Concórdia; professor de Culto Cristão e de Teologia dos Sacramentos na ULBRA; Especialista em Educação Musical pela Universidade de Passo Fundo; Mestre em Teologia (Liturgia) pelo IEPG-EST e Doutorando em Teologia pela mesma instituição.

1. BATISMO COMO O SACRAMENTO QUE REVELA O AMOR DE DEUS

1.1 RAÍZES E ORIGENS DO BATISMO

O batismo cristão tomou emprestado de civilizações antigas símbolos e gestos para realizar seu rito batismal, porém com um significado novo e único para quem o recebe. O Cristianismo primitivo não estruturou a cerimônia batismal do nada, mas assimilou e introduziu elementos da iniciação religiosa de outros povos. Aliás, o Antigo Testamento reflete já uma variedade de ritos de purificação que envolvem banhos. No entanto, a novidade está na “ressignificação” do símbolo da água usada no batismo. E isto se torna evidente na cruz da morte de Jesus Cristo e na sua ressurreição. Em comparação com os povos vizinhos, o batismo instituído por Cristo aponta para uma diferença fundamental: enquanto que para os outros povos os “batismos” estavam centrados na iniciativa humana e com grande ênfase na magia, o batismo cristão aponta para a completa falta de iniciativa dos seres humanos e a total dependência de Deus.

O ato-sinal antecedente mais evidente do batismo era a circuncisão praticada pelo povo de Israel. A circuncisão era o ato-sinal, aplicado aos meninos, que colocava as pessoas dentro da relação de aliança entre Deus e Israel. Era o sacramento da antiga lei. Para Israel, a circuncisão era o autêntico rito de iniciação religiosa que introduzia as pessoas no convívio do povo de Deus. No período pós-exílico praticava-se o batismo de prosélitos para pessoas dos sexos masculino e feminino. Isso acontecia por meio de rituais de purificação envolvendo banhos. Porém esse ritual era considerado apenas como de purificação, sendo mantido o ritual da circuncisão para o sexo masculino, considerado com o ritual de iniciação.

O batismo de João Batista é considerado como o ponto de contato com o batismo do Novo Testamento, por apontar para a era escatológica que se inicia com Jesus Cristo. No deserto, João Batista aparece como um profeta dos últimos tempos. Vivendo asceticamente, prega a conversão, a prática da justiça e da partilha (Lucas 3.10-14). Esta pregação era acompanhada de um rito de ablução, o batismo no rio Jordão. O batismo de João foi visto pelos setores social e religiosamente marginalizados de Israel como autêntica libertação do ritualismo e legalismo a que os sacerdotes e fariseus do período neo-testamentário haviam submetido o povo. Era uma pregação e um ritual popular que contrastava com a religiosidade oficial ligada ao templo e à casa sacerdotal. Ao ligar, em sua pregação, a temática da conversão, da justiça e da partilha, João Batista aponta para o “Reino de Deus que está próximo”.

Ao receber o batismo de João, Jesus colocou-se na condição de igual a todas as pessoas e iniciou ali o seu ministério. Ao ordenar, após a sua ressurreição, que seus discípulos também batizassem, Jesus conferiu grande autoridade ao batismo. Ao identificar o batismo com a sua paixão e morte, Jesus confere a este o enfoque da graça e da misericórdia de Deus. Assim, promove um sentido novo, diferente daquele trabalhado por João Batista. O ponto central para a realização do batismo não está mais na esfera do julgamento de Deus, como João Batista entendia, mas sim passa a ser vivido a partir da graça e da misericórdia salvífica de Jesus.

1.2 SIGNIFICADO E IMPORTÂNCIA DA ÁGUA COMO SINAL DO SACRAMENTO DO BATISMO

Junto ao significado de morte e ressurreição com Jesus Cristo (Romanos 6), o batismo também possui a dimensão de purificação e lavagem regeneradora. A água como sendo o símbolo principal do ato regenerador do batismo (Tito 3.4-7), aponta para o surgimento, nascimento até, de uma nova existência. Tem-se, então, no batismo a água como sinal da purificação, da morte e da nova vida em Cristo.

O Batismo é lavagem, é banho purificador e regenerador. Trata-se de um ato eminentemente tátil que sugere que a água seja vista, ouvida e de fato sentida por toda a comunidade.

A imersão na água remete à volta ao caos, à morte. E a emersão, por sua vez, remete à purificação, ao nascimento e à plenitude da vida. O sacramento do Batismo é celebrado com água, muita água. Sendo intenção da comunidade celebrante comunicar e expressar, na realização do ato batismal, a grandiosidade do gesto do amor e doação de Deus, é significativo que a água seja também “grandiosa”, abundante. Isso é importante, pois é necessário marcar a ação que Deus está realizando em favor do seu povo. Para que esta lavagem comunique toda a sua dimensão regenerativa é significativo o uso das mãos e de muita água para que a comunidade possa ver, ouvir e sentir a grandiosidade deste gesto de Deus em favor do seu povo. Não deveria ser apenas água num conta-gotas. Seria formidável uma fonte, fonte de água viva!²

1.3 QUESTÕES ANTROPOLÓGICAS RELACIONADAS AO BATISMO

Ritos marcam momentos significativos na vida dos povos. Em todos os povos, a partir de aspectos culturais bem peculiares, criam-se ritos para marcar e celebrar momentos importantes na vida das pessoas e da própria

² Martinho Lutero, segundo notas publicadas no seu Manual do batismo revisado, in: *Obras Selecionadas*, v. 7, p. 221, manifesta seu apreço pelo uso abundante de água no batismo: “Então, tome a criança e a mergulhe no batismo e diga: Eu te batizo em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo”.

comunidade. Estes ritos, pensados e celebrados a partir de raízes bem próprias, podem ser agrupados como ritos de iniciação, de integração, de passagem. Por meio de símbolos, festa, música, expressão corporal e uma série de outros elementos, os ritos são marcados como momentos muito especiais na vida cotidiana das pessoas.

Antigas e distintas civilizações já possuíam cerimônias específicas para acompanhar as pessoas em seus ritos. As pesquisas de cunho antropológico ajudam a compreender o quão significativo e importante são os ritos de passagem na vida das pessoas. Nos ritos de passagem são encontradas três fases distintas:

- O rito de separação, fase em que a pessoa é retirada do convívio familiar.
- O rito de margem, fase em que as pessoas ficam separadas em um ambiente especial onde se processa uma série de rituais de purificação e de separação, por exemplo.
- O rito de agregação, fase onde as pessoas são integradas, ou reintegradas, ao convívio social e comunitário, agora em nova condição.

Os ritos, por serem especiais, não acontecem a qualquer tempo. O momento em que o rito é celebrado está pré-definido a partir do modo de vida de cada povo. Pois ele traz consigo uma valiosa memória cultural. E, por ser tão valioso, não quer ser esvaziado, bagatelizado, barateado.

O ritual é repetitivo, e leva em conta o contexto e a realidade do momento. É interessante perceber que uma característica essencial dos ritos é a repetição de canções, gestos, palavras, danças. Com isso, fomenta-se a íntima ligação do passado com o presente, onde a identidade cultural do povo é preservada através do rito celebrado num momento diferente e novo. Neste sentido, o rito não é um recurso para atrelar-se ao passado na possibilidade de manter-se alheio ao cotidiano. Pelo contrário, o rito é celebrado em meio a uma realidade na perspectiva da vida.

No rito encontram-se a afetividade e a espiritualidade imprescindíveis no ser humano. É forte a presença do corpo nos ritos: canções, gestos, danças, atos-sinal... O sentimento das pessoas é externado de forma muito natural. E o mistério divino se torna presente no ritual do povo reunido.

É importante ser batizado, ser batizada; é importante a bênção da igreja, o “derramar água”. A importância do batismo se evidencia no caráter festivo que o cerca; é uma festa ímpar em todas as comunidades cristãs, em todas as culturas. Tem um forte aspecto familiar, mas não deixa de ser coletivo, popular, comunitário. Mas o ritual do batismo, com o decorrer do tempo, passou a englobar muitos outros rituais valiosos na vida das pessoas. Quando se pergunta pelos motivos que levam ao batismo, destacam-se, a partir da reação e da perspectiva popular, observações como:

- Motivos religiosos: para que a criança seja membro da igreja, seja abençoada por Deus, seja liberta do pecado original, para que mais tarde ela possa casar na igreja, prevenção ou cura de doenças, preparar para a morte, possa ter um sepultamento cristão, possa ser educada de forma cristã.³
- Motivos sociais: mostrar que os pais e as mães querem educar suas crianças de forma responsável tenha um nome, possa se integrar à sociedade, obter padrinhos e madrinhas, reciprocidade ou dependência em relação ao compadrio e ao comadrio, que não tenha dificuldade na escola e na vocação, seja uma pessoa boa.
- Motivos tradicionais: porque é costume, porque é uma tradição religiosa.⁴

O batismo traz consigo, portanto, a partir do ponto de vista popular, uma dupla intencionalidade de proteção contra o mal (físico, psicológico, moral, social) e de bênção para viver como Deus quer.

É significativo que a comunidade lembre de celebrar outros momentos (além do batismo) que são importantes às pessoas quando da geração de uma nova vida. Com a finalidade de valorizar aspectos que são importantes para a comunidade religiosa e resgatar o que é essencial do batismo em si, é oportuno buscar na história e na antropologia formas de acompanhar as diferentes etapas da vida das pessoas.

“Ser mãe”, uma nova condição da mulher que precisa ser preparada, acolhida e celebrada pela Comunidade. Por exemplo, em certos contextos culturais ocorrem cerimônias religiosas específicas para a gravidez, comunitariamente. Observa-se que há, em determinado momento, um afastamento da gestante do convívio social e comunitário, com o objetivo de haver uma preparação para o parto. E tanto para a mãe quanto para o pai é um tempo em que os sentimentos manifestam-se ambigualmente, entre alegria e medo, expectativa e apreensão. É importante que a Comunidade crie um espaço para lembrar dessa situação específica. Por isso, é interessante que ele seja desvinculado do batismo, naquilo que tradicionalmente se coloca como “bênção à mãe e ao pai”, pois possibilitará a valorização do batismo em si, enquanto sacramento, e resgatará a dimensão pastoral da Comunidade enquanto lugar de acompanhamento e acolhimento de irmãos e irmãs em seus ritos de passagem.

O nascimento de uma criança alegra e embeleza a vida da Comunidade. E a novidade precisa ser apresentada e celebrada! Após o

³ A partir de uma pesquisa social realizada com pessoas de diversas denominações religiosas obteve-se uma variedade de respostas aqui relacionadas.

⁴ Ibid

nascimento do bebê, o retorno da mãe e a apresentação da criança é algo sobremodo especial tanto para o convívio familiar quanto comunitário. A partir disso, um rito de acolhida e de integração encontra seu espaço próprio na vida da Comunidade.

2. DIMENSÃO BÍBLICO-TEOLÓGICA E CONFSSIONAL DO BATISMO

2.1 NECESSIDADE DO BATISMO

O batismo é uma instituição divina, sendo uma dádiva de Cristo para a sua Igreja. Reconhecemos que Cristo instituiu o batismo, pois há diversas evidências no Novo Testamento, através do que foi dito e feito por Jesus, de que o batismo é uma prática agradável a Deus. Por isso tem ocupado lugar de destaque na vida da igreja cristã desde os primórdios, fundamentando a sua prática batismal na ordem e promessa de Cristo (Mt 28; Mc 10 e Jo 3).

O batismo é ministrado em nome do Deus Triúno: Pai, Filho e Espírito Santo. Mesmo que em certo período o batismo tenha sido ministrado apenas em nome de Jesus, o relato da sua instituição declara que o mesmo já era ministrado com água e em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. Sendo ou não ministrados em nome de Jesus, o contexto indica que desde o início batismo em nome de Jesus e batismo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo é a mesma coisa, como atestam as confissões trinitárias por ocasião dos batismos.

O batismo é um meio da graça, da autodoação de Deus à humanidade, que opera e é recebido em fé para a salvação⁵, não estando limitado aos fatores “limitantes” do ser humano. Para sermos salvos, é necessário que tenhamos fé nAquele que foi enviado para nos salvar. Essa fé está contida e é concedida no batismo. Essa afirmação é aceita por todas as igrejas cristãs. Não se trata de uma experiência momentânea e passageira, mas uma constante luta e uma contínua experiência de graça. A vida no batismo, portanto, é uma vida de fé, esperanças e obediências a Cristo e amor ao próximo.

Pelo batismo (e no permanecer na fé batismal) somos perdoados dos nossos pecados. A pecaminosidade inata é atestada pela Escritura, tanto pelo salmista Davi⁶ como por Paulo⁷ e a consequência do pecado é a morte. Deus em sua misericórdia quer salvar a todos das consequências do pecado, e Pedro em sua carta⁸ diz que o batismo salva. Nas águas do batismo, Deus mais uma vez livra o homem do mundo dominado pelo pecado, levando-

⁵ 1 Pe 3.21-22.

⁶ Sl 51.

⁷ Rm 5. 12 ss.

⁸ 1 Pe 3.21.

o para dentro da nova criação que Cristo traz. Orígenes (184-254), falando sobre o batismo de crianças, declara:

Segundo o costume da igreja, o batismo é aplicado às crianças pequenas. Se elas não tivessem algo em sua natureza que necessitasse de perdão e misericórdia, a graça do batismo não lhes seria necessária... Por esta razão, a igreja, desde os tempos dos apóstolos, tem a tradição de batizar, também as crianças, porque aqueles aos quais os mistérios divinos foram confiados sabiam que toda criatura humana é poluída pelo pecado, e que deve ser purificada com a água e o Espírito; por isso também o corpo é chamado um corpo pecaminoso. (...) Crianças pequenas devem ser batizadas para a remissão dos pecados”.⁹

O rito é necessário porque ele é e articula a ação das pessoas envolvidas no batismo, e transmite seu significado. Como os ritos de outras celebrações na comunidade, o rito batismal permite realizar o batismo e articular as dimensões teológicas que o fundamentam. O rito permite expressar a fé que leva pessoas a batizar. Através da ação ritual, estruturada e ordenada, as pessoas envolvidas no batismo experimentam sacramentalmente o que ele significa¹⁰.

Como ação da comunidade, o rito batismal afirma que o batismo cria comunidade. Vinculado ao culto eucarístico, esse rito desperta e mobiliza a comunidade para seu testemunho e sua ação no mundo. O rito articula a teologia batismal, que entende a Igreja – o corpo de pessoas batizadas – como povo redimido, portanto, preparado para viver reconciliação (daí o gesto da paz). O rito declara que a comunidade é constituída de pessoas capacitadas pelo Espírito Santo, integrantes do sacerdócio geral. Libertadas das forças opressoras do mundo, podem viver nova vida, em justiça¹¹, que é articulada na comunhão eucarística. Ali, inclui os ausentes (enfermos, desprezados, machucados) e realiza gestos que regam os sinais do Reino (como a assistência mútua). Essa ação ritual possibilita que a comunidade experimente de maneira celebrativa a ação redentora de Deus através do batismo, e se fortaleça para seu testemunho no mundo.

Para realizar essa ação, para torná-la envolvente, participativa, significativa, alegre, traduzindo, assim, o verdadeiro e amplo significado do batismo, é importante desenvolver elementos e formas rituais criativos. O rito do batismo precisa fazer uso de linguagem verbal e não-verbal, de símbolos e de gestos. Não deveria apenas comunicar conceitualmente.

⁹ Orígenes, in: J. N. D. Kelly, *Doutrinas Centrais da Fé Cristã*, p. 157.

¹⁰ Segundo Eugene Brand, *Batismo - uma perspectiva pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 1982, p. 24, além de o rito ser “uma necessidade humana”, como “acontecimento factual”, evidencia que uma pessoa foi batizada e, desse modo, torna-se “âncora à fé”.

¹¹ Martinho Lutero

Precisa moldar o complexo de gestos, palavras e símbolos, de maneira que aquilo que é dito seja experimentado sacramentalmente. Para isto, envolve as pessoas com todos os seus sentidos: visão, audição, tato, olfato, paladar. O rito é moldado de tal forma que a comunidade experimente, sentindo. Daí, por exemplo, a importância da água abundante no ato do batismo expressa o lavar regenerador¹².

2.2 PRINCIPAIS TEMAS DO BATISMO

Pelo batismo, conforme o apóstolo Paulo, nos tornamos participantes na morte e ressurreição de Cristo. A participação na morte e ressurreição de Cristo é apontada como um dos grandes significados do batismo. O batismo cristão está enraizado na ação redentora de Jesus Cristo, relacionado ao evento pascal e visto como nova aliança de Deus com os seres humanos: Jesus é o messias anunciado por João Batista, sendo o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”¹³ e o “que batiza com o Espírito Santo”¹⁴. Com Cristo, pelo batismo, também morremos para o pecado e vida ímpia, e com ele também ressuscitamos para uma nova vida renovada de amor a Deus e ao próximo¹⁵.

No batismo, a morte para o pecado não significa que deixamos de ser pecadores, mas somos “capacitados” pelo Espírito Santo a vivermos uma vida de arrependimento e volta constante a Deus, sendo perdoados dos nossos erros e pecados. Pelo batismo ingressamos num novo contexto de relações, não vivendo mais para nós mesmos, mas para Aquele que nos salvou e por aqueles que foram salvos por ele (ação diaconal).

Pelo batismo, o Espírito Santo, juntamente com seus dons, é concedido às pessoas. No batismo o Espírito Santo nos é dado, e é este Espírito que dá vida ao corpo de Cristo, a Santa Igreja Católica. Feito de acordo com a ordem e promessa de Cristo, com ou na água e em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, o batismo é o selo e sinal do nosso discipulado. O mistério pascal da morte e ressurreição de Cristo e a dádiva do Espírito Santo no Pentecostes estão intimamente ligados na obra da salvação de Deus. Participação da morte e ressurreição de Cristo e a concepção do Espírito Santo também são elementos inseparáveis. É importante destacar, porém, que o batismo cristão é um só, não dois, ou seja, um em água e outro no Espírito: água e Espírito fazem parte do mesmo batismo¹⁶. O Espírito dá

¹² Martinho Lutero. Catecismo Menor.

¹³ Jo 1.35.

¹⁴ Mc 1.8.

¹⁵ Rm 6.1-14.

¹⁶ Orígenes, op. cit, p. 157.

e é dado no batismo. O batismo é uma dádiva do amor redentor de Deus à Igreja, e é recebido por aqueles que crêem em Jesus Cristo.

O batismo é o meio da incorporação da pessoa humana na igreja de Cristo Jesus. Pelo batismo somos incorporados no Corpo de Cristo, a Santa Igreja Católica, colocando-nos em comunidade com Cristo e de uns com os outros, assim que passamos a viver numa comunidade de iguais, sem restrições de classes, raças, cultura, sexo, etc. Desde o início o batismo foi o rito da admissão na igreja universalmente aceito, tanto que somente os batizados podiam compartilhar da oração de intercessão e do gesto da paz e participar na ceia do Senhor.

Pelo batismo nós somos incorporados ao reino que estava preparado para nós antes da fundação do mundo e que se tornou realidade na obra de Jesus Cristo. Pela fé baptismal este reino não apenas está próximo de nós, mas está dentro de nós e, por Cristo, que nos foi dado no batismo, temos acesso constante a este “reino escatológico”. Os que crêem e estão em união com Cristo, não serão julgados¹⁷, não morrerão eternamente, mas terão a vida eterna¹⁸.

3. APLICAÇÕES PRÁTICAS DO BATISMO

3.1 DIMENSÃO DIACONAL

O batismo é sinal e selo do discipulado cristão. A pessoa batizada é incorporada no corpo de Cristo – na comunhão dos batizados – e passa a integrar o diaconato de todos os crentes. O batismo é, entre outras coisas, habilitação para o serviço. Sendo o batismo início desta caminhada, é necessário estar incluído na instrução cristã também a perspectiva diaconal: o batizado vai conhecer e ensaiar a solidariedade, a generosidade, a hospitalidade, a reciprocidade, a visitação, a comunidade de iguais na e a partir da comunidade cristã. A diaconia cristã não deve terminar na soleira da porta, mas deve ir para além das fronteiras do grupo de batizados.

A comunhão dos santos – a família dos batizados - é composta de irmãos e irmãs. O batizado não é filho único de Deus, mas tem irmãos e irmãs e aprenderá a viver a reciprocidade no apoio, consolo e amparo mútuos. Trata-se aqui das “implicações horizontais” do batismo¹⁹.

¹⁷ Jo 3.18.

¹⁸ Jo 3.16.

¹⁹ Poderíamos nos deixar inspirar na prática do catecumenato das comunidades dos primeiros séculos que incluíam no curso regular a prática de visitar pessoas pobres, solitárias e desamparadas, hospedá-las em celebrações regulamentares das comunidades, a sensibilização quanto à dignificação das pessoas dando-lhes lugares de honra nas reuniões culturais, e organizar eventos que promovem o apoio material concreto a essas pessoas. Enfim, proporcionar ao batizado uma comunidade que efetivamente se desincumbe de sua tarefa diaconal por ter realmente uma estrutura diaconal.

A perspectiva diaconal deveria se fazer presente de forma explícita no ordo batismal. A perspectiva do serviço está simbolizada na vela batismal²⁰, do rito do lava-pés realizado no batismo²¹ e em fórmulas ditas pelo batizado ou pela comunidade²², entre outros.

Através do batismo cristão, as pessoas batizadas entram em união com Cristo e uns com os outros, e participam da vida da Igreja universal e na comunidade local. O batismo é o vínculo básico que une todos os batizados e, como corpo de Cristo, como um só povo, confessa e serve ao mesmo Senhor e Deus ali onde estiverem.

3.2 DIMENSÃO PASTORAL

Todo serviço que a Igreja Cristã planeja, promove, oferece e concretiza é, em última análise, desincumbir-se da tarefa de acompanhar, promover e fomentar o crescimento no batismo da comunidade. É responsabilidade da comunidade (não somente dos pais e padrinhos) ajudar e dar condições à pessoa batizada de viver o seu batismo durante toda a vida, para o crescimento na fé, na esperança e, especialmente, no amor para com o seu semelhante.

A perspectiva batismal determinou muitos gestos que foram incluídos no rito do sepultamento cristão. O corpo era ungido com óleo, assim como o foi no batismo; o corpo recebia o ósculo da paz, da mesma maneira como recebeu o ósculo da paz quando de sua integração à família de Deus; a pessoa é referida pelo nome, do mesmo modo como o foi no batismo, e sobre o esquife é lançada terra por três vezes, repetindo o número de vezes em que foi lavada. Assim, os cristãos reafirmam a realidade de que a pessoa pertence à comunhão de Deus e igualmente à comunhão da grande família de Deus, realidade a qual não se encontra ameaçada pela morte.

4. QUESTÕES LITÚRGICAS RELACIONADAS COM O BATISMO

4.1 TEMPO BATISMAL

O batismo, pela sua importância como meio da graça, também poderia ser inseri-lo no Ano da Igreja, vinculando-o ao tempo litúrgico, e não ao tempo biológico e social. Pela tradição existente, o batismo é realizado o

²⁰ Cf. Mt 5. 16ss.: “Assim também a luz de vocês deve brilhar para que os outros vejam as coisas boas que vocês fazem, e louvem o Pai que está no céu”.

²¹ Da tradição da Gália e Espanha têm-se as seguintes palavras de introdução ao rito: “Eu te lavo os pés como nosso Senhor Jesus Cristo lavou os pés de seus discípulos; tu também farás o mesmo com os hóspedes e estrangeiros” - do século VIII.

²² “Eu entro para o teu serviço, ó Cristo”.

quanto mais cedo possível ou quando a “família quer”. Esta prática pode, e até mesmo deve continuar. A reflexão que segue tem por finalidade apresentar mais uma possibilidade, aliás, comum nos primeiros séculos da igreja cristã. A vigília pascal era tida como a melhor ocasião para o batismo, após longo período de preparo. Para resgatar a centralidade do batismo na vida da igreja e possibilitar a realização de cultos inteiramente moldados em torno deste tema, sugere-se que algumas datas especiais sejam reservadas como preferenciais para a realização do mesmo. Caso não haja nenhum batizando, poder-se-ia celebrar cultos abordando temáticas batismais, reconsagração, etc.

Algumas datas poderiam ser sugeridas como preferenciais para a realização do batismo ao longo do ano litúrgico. Essas datas poderiam estar vinculadas à vida de Jesus: a Páscoa ou Vigília Pascal ²³; Pentecostes²⁴, Epifania²⁵, Domingo da Trindade²⁶. O batismo também poderia acontecer num dia de importância para a comunidade, como sua fundação²⁷. Nesses dias, desde a liturgia de entrada, liturgia da palavra, etc., haveriam de estar relacionadas à temática do batismo. Evidentemente que a prática atual, de batizar em qualquer domingo (que é uma “pequena Páscoa”), deverá continuar. No entanto, nestes casos a liturgia batismal será normalmente muito breve.

4.2 ESPAÇO BATISMAL

A possibilidade de devolver ao batismo o seu significado bíblico e teológico mais abrangente implica criar um *espaço litúrgico* condizente para sua realização. A realização de um rito requer espaço para o acolhimento e a mobilidade das pessoas nele envolvidas. No caso do batismo, é necessário que o lugar para ele reservado tenha as características que ajudem a expressar significativa e integralmente o ato-doação de Deus. Por isto, segundo White, a fonte batismal deve ficar destacada como um dos centros litúrgicos no espaço consagrado para o encontro da comunidade com Deus, e a realização do batismo exige espaço batismal ²⁸.

²³ Enfatiza que o batismo une com a morte e ressurreição de Jesus.

²⁴ Sublinha a concessão do Espírito Santo.

²⁵ Aponta a revelação da filiação divina.

²⁶ Revela que o batismo é em nome da Trindade.

²⁷ Batismo como ato que cria comunidade e insere na vida *em* comunidade.

²⁸ J. White, *Introdução ao culto cristão* p. 71-72.

4.3 SIMBOLOGIA PRESENTE NO RITO E PROPOSTA DE AÇÃO LITÚRGICA

Batismo é fonte ou vertente da qual emana toda a vida cristã. É o evento base da vida cristã. É do batismo que nasce a comunidade. Nesse rito, a comunidade de fé percebe o seu evento central e também o articula de forma plena e celebrável. O rito poderia ser moldado de tal forma que a comunidade o pudesse experimentar, sentindo. Não só ouvindo. Seria interessante usar todos os sentidos: visão, audição, tato, olfato, paladar, pois o rito do batismo é uma ação da comunidade toda e com todos os seus sentidos.

No batismo Deus age plenamente. É importante, pois, moldar a liturgia de tal forma que o batismo seja experimentado pela comunidade litúrgica. Para isso, necessitamos de uma estrutura básica – ordo – para moldar a liturgia batismal, que expresse significativamente este ato-doação de Deus e seus mistérios. Eis, agora, alguns passos na moldagem do ordo litúrgico para uma celebração comunitária com sentido, mobilidade, envolvimento, graça e profundidade. Propomos, agora, uma seqüência de passos para a efetivação de um rito de batismo infantil²⁹.

1. LITURGIA DE ENTRADA:

A comunidade litúrgica está reunida. Esta reunião cultural é manifestação visível e acontecimento histórico. É reunião de gente que foi acolhida pelo batismo, e que passa também a acolher. É a assembléia litúrgica reunida com o seu Senhor. O acolhimento mútuo cria um clima de motivação, hospitalidade, aconchego e fraternidade entre os participantes, ou seja, um espaço propício para as pessoas visualizarem e celebrarem calorosamente a vida.

Em procissão, o pai, a mãe, os padrinhos e as madrinhas entram na igreja. Elas trazem em grupos a criança que será batizada. A procissão é feita durante a entoação de hinos próprios para a ocasião. A procissão demonstra ser o batismo não um ato estático, mas um ato dinâmico, que continua por toda a vida. Descarta-se, assim, a idéia de que o batismo seja uma experiência momentânea que logo será deixada para trás. A comunidade litúrgica expressa o acolhimento com gestos, palavras próprias ou textos de acolhimento, seguindo o ensinamento bíblico: “Acolhei-vos uns aos outros, como Cristo vos acolheu”³⁰. O oficiante acolhe a comunidade através da saudação apostólica seguida de uma oração e um cântico comunitário.

²⁹ Caso fosse de adultos, necessitaria de algumas adaptações.

³⁰ Rm 18.7.

2. A LITURGIA DA PALAVRA:

A leitura da Palavra pode ser feita de duas formas:

- a) Leituras bíblicas e Salmos responsivos, com admoestações e orações da comunidade³¹. A leitura pode ser feita pelo pai, mãe, padrinho ou madrinha.
- b) Leituras bíblicas e a alocução ou homilia batismal. O oficiante faz uma breve homilia, aprofundando o mistério do batismo a partir da Palavra proclamada. Fala das razões do batismo: é obediência ao Senhor; é afirmado que somos propriedade de Deus e somos selados como tais; Deus nos liberta da morte e do pecado; une-nos com Cristo na sua morte e ressurreição; pela água e o Espírito somos tornados membros do Corpo de Cristo e unidos ao mistério do amor, da paz e da justiça de Cristo. As leituras de textos bíblicos transmitem e esboçam uma “doutrina batismal”. Também textos e hinos confessionais confirmam e relembram a temática: batismo. Por exemplo, batismo não é o ato estático, mas dinâmico, que se renova diariamente – conforme Lutero, um processo – um *continuum*.

O oficiante pode envolver neste ato a participação da comunidade e também o pai, a mãe, os padrinhos e as madrinhas, através de perguntas ou de testemunhos. Após homilia, dá-se a abertura da liturgia do batismo, através de um hino batismal.

3. LITURGIA DO BATISMO:

- a) *Apresentação da criança e o pedido do batismo:* A criança é apresentada pelos pais ou pelos padrinhos e madrinhas. Os padrinhos e as madrinhas representam a própria comunidade envolvida no ato do batismo. Eles personificam o esmero e a dedicação da comunidade para com o batizado. Aqui pode ser criado um diálogo entre: pai, mãe, padrinhos, madrinhas e oficiante, que representa a comunidade litúrgica. Nesta ocasião é dito o nome da criança (nome de batismo) e o desejo expresso de querer batizar a criança.
- b) *O compromisso:* É expresso através da afirmação de comprometimento do pai, da mãe, dos padrinhos, das madrinhas e da própria comunidade em relação à educação e auxílio nos passos da fé da criança. Eles se comprometem em testemunhar, acompanhar e auxiliar a criança na vivência comunitária – com Cristo. Este ato pode ser feito através de cânticos, gestos e palavras. Através do comprometimento e intercessões, os pais, padrinhos, madrinhas e comunidade assumem publicamente a tarefa missionária do agir cristão, ou

³¹ Sugestões de leituras: Dt 30.15-20a; Jr 31.31-34; Ez 36.24-28; Rm 5.1-5; 6.3-5; Ef 4.1-6; Tt 3-8a; Pe 2.4-14, Ap 21.5-7.

seja, viver um estilo de vida de acordo com os ensinamentos de Cristo. Comprometem-se publicamente em continuarem na vivência da fé. Esta adoção coletiva fortalece e expressa, através de gestos e palavras, a meta e o propósito da comunidade viver em palavras e ações aquilo que crêem e ritualizam. Após essa declaração, ocorre um cântico comunitário. Os pais, padrinhos e madrinhas se aproximam da fonte batismal, onde o oficiante dirigirá a ação de graças.

c) *Ação de Graça ou Oração das Águas*: O centro da liturgia do batismo é o ato de batizar com água. E a oração de Ação de Graças é a oração preparatória para o batismo. É uma grande oração de graças sobre a própria água. A água é um dos símbolos mais profundos na vida da humanidade: o ser humano não pode viver sem água, a terra é o planeta “água”, a maior parte do nosso corpo é constituída de água. Assim como o ser humano não pode viver se água, também o cristão não pode viver sem a comunidade e a água da vida (Jesus Cristo). A comunidade, ao ouvir o som da água, ver a sua transparência, limpidez, sem odor, desperta referencial de rico conteúdo reflexivo. A Bíblia realça a importância da água para o ser humano e ressalta o seu simbolismo na história da salvação. Na oração em Ação de Graças, podem ser relatados, detalhadamente, os grandes eventos de água que estão presentes na Bíblia e textos da tradição, que descrevem o conteúdo teológico presente no batismo. Reconta-se, portanto, a história da salvação. Imagens, tais como as águas do Jordão, fazem um contínuo paralelo entre a vida e a morte, a liberdade e a escravidão. No batismo, a água significa: vida nova, libertação, transformação³².

d) *A Renúncia*: Através do ato público de fé, a comunidade de fiéis renuncia ao reino do mal e volta-se para Cristo. Não só renunciam, mas também: lutam contra, desistem dele, combatem ao mesmo e não querem nada com ele. É enfaticamente negada a adoração divina a qualquer senhor deste mundo. São renegados os poderes malignos deste mundo, o mal e todas as suas obras, cerimônias e opressões. Em contrapartida: dedica-se a favor do Reino de Deus³³. Após a renúncia ao mal, segue a profissão de fé.

³² Seria significativo aqui quem preside tocar com sua mão na água, fazer o borbulho do som da água. Também pode ser feito o sinal da cruz sobre a água durante a fórmula trinitária. Esta oração em Ação de Graças e consagração das águas do Batismo intensifica o impacto do rito.

³³ Conforme a história que a tradição nos legou, isso pode ser visualizado através dos gestos de rejeição ao reino do mal e de adesão a Cristo. Algumas versões orientais da tradição Apostólica instruem que, neste ato de “renúncia”, os neófitos se voltem para o Ocidente, ou seja, à região onde o sol se põe, onde há trevas, onde impera o reino do mal. Após este ato, se voltem para o Oriente, para o sol nascente, onde impera o Reino de Cristo e professam palavras de confiança e de disposição de estar a serviço do Senhor. Jesus é o único Senhor, ao qual adoram e servem.

- e) *Profissão de fé*: Pais, padrinhos e madrinhas se unem com a comunidade e confessam a fé através do Credo Apostólico: o credo de batismo. Confessam, por meio deste credo, a fé cristã na qual desejam viver e também batizar a criança.
- f) *O ato do batismo - o lavar regenerador*: A criança é levada até a fonte ou pia batismal, onde é lavada. A fonte se encontra em um lugar visível e de fácil acesso. Sua visualização nos faz recordar que somos integrantes do povo de Deus, da Igreja e do sacerdócio santo. Na fonte batismal, a criança é batizada em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo (fórmula trinitária)³⁴. O batismo é lavagem. Há várias formas de fazer este ato. Através da aspersão são respingadas ou borrifadas gotas de água sobre a criança, através da infusão ela é colocada dentro da água durante um breve tempo, através da imersão é colocada dentro da água até o peito e através da submersão ele submerge totalmente a água.³⁵
- No batismo ocorre um lavar. E lavar é um ato tátil, que exige que água seja ouvida, vista e sentida. A imersão é o sinal pleno e completo daquilo que o batismo significa³⁶. Caso não seja possível a imersão, pelo menos um derramamento abundante de água deveria ocorrer. Jamais um “lavar a seco”. Isso seria reduzir o valor simbólico deste ato pleno. Nos primórdios da Igreja, após o ato de renúncia do mal e confissão de fé, o neófito descia uma escadaria de uma piscina e submergia; ia para o outro lado, onde subia outra escadaria e recebia, então, uma nova vestimenta.
- g) *A imposição de mãos e a ação de selar*: Durante o ato do batismo é proferida uma oração, com imposição de mãos, e a selagem da criança. Significa o recebimento do Espírito Santo no batismo. O batismo integral ocorre com água e no Espírito Santo. Ao impor as mãos e dando um toque físico sobre a cabeça da criança, acentua-se o aspecto do tato, não só o aspecto da palavra sobre os ouvidos. Durante esse ato ocorre a unção com óleo (selagem) – mediante o sinal da cruz, feito na fronte (e/ou no peito) da criança – em que esta é marcada ou selada para sempre pelo Espírito Santo com o sinal da

³⁴ Nos primeiros tempos da Igreja era efetuado só “em nome de Cristo”. Usa-se o nome batismal da criança e não o nome familiar. O uso do nome da criança no ato de batizar dá um caráter de identidade e valorização da pessoa que é acolhida pela comunidade.

³⁵ A Didaqué sugere que o Batismo seja feito em água corrente, água limpa, incontaminada. Pode ser um rio, numa lagoa, numa fonte. Através do Batismo por imersão, as pessoas sentem mais plenamente o seu poder afetivo. Por isso deveria se experimentado de uma forma religiosamente proveitosa, com bastante água, evitando-se em mero exercício mental e limitado. Batismo é completo, pleno e abundante.

³⁶ Até mesmo Lutero manifestou apreço pelo batismo por imersão.

cruz de Cristo. Com óleo os reis são ungidos. O ato de selar com óleo reforça a questão do sacerdócio real de todos os batizados³⁷. A selagem é feita com o polegar sobre a fonte, enquanto a mão descansa sobre a cabeça da criança. O assinalar ou marcar com o sinal da cruz é uma forma de selar ou dar identidade ao batizando. Tu pertences a Cristo.

h) A veste batismal: A criança recebe uma nova vestimenta (é revestido com uma alba), doada pelos padrinhos e madrinhas ou pela comunidade. Significa o revestir-se de Cristo e também o símbolo da dignidade humana, da alegria, de vitória e relação de pureza com Deus. Também simboliza o ser servo de Cristo. A criança é nova criatura mediante o batismo. Neste ato é concretizada a palavra do apóstolo Paulo, que diz: “Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus”.

i) Rito da luz: A vela é sinal de doação e disposição ao serviço ou diaconia, simboliza a luz de Cristo que brilha no mundo através do serviço cristão. Jesus é a luz do mundo. A vela batismal, que é acesa no círio pascal³⁸, se encontra junto à fonte batismal.

O círio pascal é aceso solenemente no sábado de Aleluia, na noite de Páscoa. Nesta ocasião acendemos nossas velas no círio pascal, simbolizando nossa união ao Cristo ressuscitado e nosso compromisso com ele, simbolizando que com ele nós também ressuscitaremos. Para expressar o caráter pascal do batismo, seria incompreensível que a celebração do batismo fosse realizado na Vigília Pascal ou em domingos especiais do Calendário Litúrgico ou da comunidade. A vela batismal é presenteada pela comunidade. As palavras que acompanham a entrega da vela expressam a missão e a tarefa de deixar que a luz de Cristo brilhe em nós e diante das outras pessoas. Jesus Cristo diz: “Vocês são a luz para o mundo” (Mt 5.14). A vela batismal poderá ser conservada e acendida no aniversário de batismo, na ocasião onde é feita uma oração de gratidão.

Ainda podem ser feitos outros ritos, por exemplo, a entrega do sal, que é colocado na boca da criança e que significa: sabedoria e conversão; e o efatá, que consiste em o oficiante tocar nos ouvidos e

³⁷ 1 Pe 2.9.

³⁸ O círio pascal é uma grande vela que fica acesa durante a época da Páscoa e durante batismos e funerais. Nesta vela são gravadas as letras “Alfa” e “Ômega”, a primeira e última letra do alfabeto grego. Isso significa que Deus é princípio e o fim de tudo, que tudo provém de Deus e existe a partir dele. São gravados, ainda, os algarismo do ano corrente, que dele fizemos. Estão encravados no círio 5 grãos de incenso em forma de cruz, que simbolizam as 5 chagas de Cristo ressuscitado. O incenso é uma substância aromática que é queimada em homenagem a Deus. Sua fumaça, subindo, simboliza o nosso desejo de estar em união com Deus.

na boca da criança batizada e dizer palavras, tais como: “O Senhor Jesus, que fez os surdos ouvirem e os mudos falarem, te conceda que possas ouvir sua Palavra e professar a fé para o louvor e a glória de Deus Pai”.

- j) *A recepção pela comunidade*: ocorre com a entrega da Certidão de Batismo, livro de orações, distintivo da comunidade ou outras lembranças.
- l) *Gesto de Paz*: Pode ser lido um texto de boas-vindas, onde a comunidade recebe a criança na família de Deus como novo herdeiro do Reino. Então, a totalidade da comunidade é motivada a praticar o gesto entre os participantes da comunidade. Seguem, então, as...
- m) *Intercessões comunitárias*: A comunidade realiza intercessões pela missão da Igreja no mundo: seguir o discipulado, ou seja, viver o batismo diariamente, sendo um pequeno Cristo para o próximo. Através do serviço diaconal, promoção da vida, ajuda mútua, solidariedade aos pobres e fracos, etc., pede forças para a jornada do batizando e de todos os fiéis, etc. Segue, então, a Liturgia da Eucaristia. (Caso não houver a Eucaristia, segue:) *Pai-Nosso* e despedida.

4.A LITURGIA DA DESPEDIDA

Bênção e Envio: Com a bênção de Deus a comunidade de batizados é enviada para o serviço cristão no mundo. Dá resposta através de sua incumbência e resposta de gratidão pelo que Deus oferta.

BIBLIOGRAFIA

- BRAND, Eugene L. *Batismo - uma perspectiva pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 1982.
- CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *Um só batismo, uma só eucaristia e um só ministério mutuamente reconhecido*. Coimbra: CPIC, 1976.
- CULLMANN, Oscar. *Die Tauflehre des Neuen Testaments*. Zürich: Zwingli - Verlag, 1958.
- DAVIS, J. G. *Culto e Missão*.
- GOEDERT, Válder M. *Teologia do batismo: considerações teológico-pastorais sobre o batismo*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- GOPPELT, L. *Teologia do Novo Testamento*. São Leopoldo/Petrópolis: EST/Vozes, 1982.
- HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição apostólica*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- JEREMIAS, Joachim. *The origins of Infant Baptism*. Chatham: SCM Press, 1963.

- KELLY, J. N. D. *Doutrinas centrais da fé cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1994.
- LUTERO, Martinho. *Manual do batismo traduzido para o alemão revisado (1526)*. v. 7. São Leopoldo/ Porto Alegre : Sinodal/Concórdia, 2000. p. 214-217. (Obras selecionadas).
- NELSON, Donald Earl. *Batismo: botão de flor que se abre*. O Sacramento do Batismo na Teologia da Libertação. Novo Hamburgo: São Luiz Ltda., 1993.
- PRECHT, Fred L. (Edit.). *Lutheran Worship: History and Practice*. Saint Louis: CPH, 1993.
- RIEFF, Sissi Georg. *Diaconia e culto cristão nos primeiros séculos*. São Leopoldo: IEPG, 1999.
- SANTO AMBRÓSIO. *Os sacramentos e os mistérios*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- SCHLINCK, Edmund. *The Doctrine of Baptism*. St. Louis: Concordia Publishing House, 1972.
- WHITAKER, E. C. *Documents of Baptismal Liturgy*. Great Britain: British Library, 1997.
- WHITE, James F. *Introdução ao culto cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.
- ZILLES, Urbano. Teologia do Batismo. *Teocomunicação*, Porto Alegre, n.101, v. 23, p.365-383, 1993.

CRITÉRIOS PARA O CRESCIMENTO SADIO DA IGREJA

Atos 2.41-47

INTRODUÇÃO

O relato de Atos, cap. 2 (sobre a descida do Espírito Santo, sobre a sua ação através do discurso de Pedro e o conseqüente e fantástico crescimento da Igreja nesse dia de evangelização), tem motivado a Igreja a uma profunda reflexão sobre a sua ação de cumprir com a missão de Deus em nossos dias. Somos sempre de novo tentados a olhar para o texto supracitado de forma romântica, esquecendo-nos dos 2000 anos de história que se passaram e, pressionados pela cobrança por melhores resultados e crescimento numérico, acabamos confundindo questões fundamentais, especialmente esta: a quem se deve atribuir o mérito do crescimento da Igreja? Podemos nós com estratégias diversas impulsionar mais a ação vivificadora do Espírito Santo? (Será que ele está dormindo e nós precisamos acordá-lo?) Um culto “contemporâneo” resolverá todos os nossos problemas? Uma ênfase maior em músicas populares, uma liturgia “mais leve” e atual, uma banda de música “gospel” seriam soluções para o problema do crescimento da Igreja?

CRITÉRIOS PARA O CRESCIMENTO SADIO DA IGREJA

O autor do livro de Atos dos Apóstolos (Lucas, o evangelista) relata não apenas questões de uma prática que deu certo em um determinado lugar no que se refere ao crescimento da Igreja. Ele não quer estabelecer um modelo fechado, uma receita ou simplesmente uma história bonita. Muito mais do que descrever o que as pessoas estavam fazendo, Lucas descreve o que o Espírito Santo fazia através das pessoas. Lucas aponta para critérios a serem seguidos para que a Igreja permaneça. Quer lembrar que a falta de qualquer um dos critérios pode colocar a Igreja em perigo.

Primeiramente e acima de todos os critérios está o fato de que o crescimento não se deu por causa do belo discurso de Pedro (seria um sermão com tema e partes?), mas por causa da ação vivificadora (que dá e mantém a vida) do Espírito Santo, mediante a sua Palavra. É verdade que o Espírito Santo se vale de meios para amolecer (compungir) os corações petrificados pelo egoísmo, inimizade e pecado em geral.

Seguindo ainda na linha dos critérios, aparece a menção do batismo daqueles “que lhe aceitaram a palavra”. Este meio da ação vivificadora e renovadora do Espírito Santo (meio da graça) continua sendo enfatizado como o grande sacramento de início da caminhada cristã, tanto para a conversão do pecador quanto para a sua confirmação e permanência na fé (discipulado).

No versículo 42, quatro critérios são apontados como meios da ação do Espírito Santo, como a causa da permanência e crescimento da Igreja:

I – PERMANECER UNÂNIMES NA DOCTRINA DOS APÓSTOLOS

A doutrina não era invenção dos apóstolos ou a manifestação de suas opiniões particulares. Era, sim, a mais pura e sublime pregação da Palavra de Deus, do evangelho da salvação. Os apóstolos ensinaram a respeito das promessas de Deus e de seu cumprimento na pessoa e obra de Jesus Cristo. E todos os que creram nessa Palavra, além de serem batizados, permaneciam unidos na mesma e única fé. Havia ali um sínodo no real sentido da palavra: os que seguem o mesmo Caminho, tanto que foram mais tarde denominados de “Os seguidores do Caminho”. Não havia muitas doutrinas convivendo harmonicamente entre as pessoas, mas muitas pessoas vivendo harmonicamente a mesma fé e doutrina.

A unidade de fé continua sendo um ingrediente importante na ação do Espírito Santo nos dias de hoje. Por mais que fosse “politicamente correto” vivermos em comunhão com todo tipo de crença e religião, o critério da permanência “unânime” na doutrina dos apóstolos jamais deve ser abandonada. Há muitas denominações que crescem numericamente, mas com um grande prejuízo do conteúdo da fé cristã. Pergunta-se: tal crescimento é real? Pergunta-se também se o crescimento da Igreja Cristã no mundo só acontece quando a minha congregação ou a minha denominação crescem numericamente?

O crescimento é importante, mas não pode acontecer à parte da pregação do puro evangelho da salvação. E não esqueçamos: o crescimento não acontece por causa de nossa erudição ou recursos de retórica, mas unicamente pela ação graciosa do Espírito Santo.

II – PERMANECER UNÂNI-MES EM /NA COMUNHÃO.

A Igreja Cristã também é denominada de “Comunhão dos Santos”. Sem a permanência na comunhão (não apenas no aspecto social e diaconal, mas especialmente na doutrina) a Igreja não permanece. É verdade que precisamos tirar conclusões dessa expressão no sentido da ajuda mútua e do “mutuum colloquium et consolationem fratrum” do qual Lutero fala nos Artigos de Esmalcalde. Lutero inclusive admite esta mútua consolação dos irmãos como um dos meios da manifestação do Evangelho (na prática), além da Palavra e dos Sacramentos.

Os cristãos da Igreja Primitiva entenderam, pela ação do Espírito Santo, que o serviço, a diaconia é essencial à vida cristã. Da mesma forma que Cristo veio para servir e não para ser servido (ele é o *Diákonos tou Teou*, é o *Servus Domini*), os cristãos (pequenos cristos) servem a Deus e ao próximo. As maneiras, a forma como esse serviço acontece, são variáveis. Aqui a variedade de dons é muito relevante para o trabalho da Igreja. Diaconia não é apenas ajudar os menos favorecidos. É servir e ajudar a todos com aqueles dons que recebemos de Deus. É verdade que há uma maior urgência para os casos daqueles que estão sofrendo pela falta de recursos.

A Igreja de nossos dias precisa redescobrir a sua permanente vocação diaconal. Precisa lembrar que ela está no mundo para servir como testemunha do amor de Deus. Precisa lembrar que o seu serviço não se limita a anunciar em palavras o que Deus tem feito por todos, mas, e com urgência, demonstrar em ações concretas esse amor de Deus, esse evangelho.

III – PERMANECER UNÂNI-MES NO PARTIR DO PÃO

O Partir do Pão é a primeira expressão usada pela Igreja Primitiva para designar a ceia do Senhor. Esta foi entendida como um critério para a permanência, fortalecimento e crescimento da Igreja Primitiva. Diariamente, nos primeiros anos, os cristãos celebravam a ceia do Senhor, celebravam a presença graciosa e real do Cristo em, com e sob o pão e o vinho. A abundância desse sacramento foi um dos meios pelo qual o Espírito fortaleceu e promoveu o crescimento da Igreja. Era uma celebração da graça e da vitória de Cristo. Não era um ato individualista (no qual procuravam apenas benefícios próprios), mas uma celebração conjunta em que desapareciam as diferenças de classe, de cultura, de sexo ou cor. Todos, unânimes, como pessoas carentes de amor e perdão da parte de Deus e de uns dos outros, reuniam-se para o Partir do Pão.

A Igreja, em nossos dias, tem procurado restaurar o lugar da ceia do Senhor no culto dominical. Ainda está longe da situação “ideal”, mas já deu passos significativos. Celebrar unânimes, isto é, na mesma fé e confiança, a ceia do Senhor, continua sendo um pilar da fé cristã.

IV – PERMANECER UNÂNIMES NAS ORAÇÕES

Uma das mais marcantes características da Igreja Primitiva era o seu fervor nas orações. Há diversos relatos no livro de Atos sobre a Igreja reunida em oração. Os cristãos da época acreditavam piamente que Deus escuta as orações. Caso contrário ele não teria recomendado o “Orai sem cessar”. Igreja que não ora é uma igreja adormecida. Igreja que não ora corre o risco de sucumbir, pois as orações também são chamadas de pilares.

Será que não temos o que gostaríamos porque não pedimos ou porque pedimos mal? Será que o crescimento da igreja está aquém das nossas expectativas porque não oramos o suficiente? Será que as nossas orações não se transformaram apenas em belos discursos e vãs repetições?

Lembremos sempre que orar é ao mesmo tempo crer que “Deus escuta quando oramos, ouve sempre o Protetor; no Senhor nós temos força, alegria e muito amor”. Que a nossa Igreja seja reconhecida como uma igreja que ora, que a nossa família seja reconhecida como família que ora. Que cada um, individualmente, permaneça diariamente em oração.

CONCLUSÃO

A permanência nestes quatro pilares da fé cristã, conforme dizia o saudoso Prof. Johannes Rottmann, é o que, mediante a ação do Espírito Santo, fazia com que a Igreja se mantivesse unida e em constante crescimento (em todos os aspectos). O que é denominado de pilares da fé, na verdade, foi a primeira estrutura do culto cristão. Ali foram descritos os seus elementos essenciais: pregação da palavra, momento de comunhão e consolação mútuas, participação na ceia do Senhor e ardentes orações.

Se quisermos uma Igreja forte e em crescimento, lembremos que é o Espírito Santo quem a chama, congrega, ilumina e santifica. A nós, como meios e instrumentos do Espírito Santo, cabe o zelo para que nenhum dos pilares da fé e do culto seja esquecido.

Que Deus nos abençoe e oriente para que possamos permanecer unânimes nestas verdades, por Cristo, o Servo dos servos. Amém.

*Prof. Paulo Gerhard Pietzsch
Mensagem proferida no dia 09 de março de 2005
no Seminário Concórdia*

ECONOMIA E MANUTENÇÃO DO TRABALHO DA IGREJA A PARTIR DE LUTERO E DA CONFISSÕES LUTERANAS

*Clóvis J. Prunzel**

INTRODUÇÃO

Tratar o assunto oferta em Lutero e no testemunho das Confissões Luteranas é, por um lado, tocar no cerne das ênfases teológicas trazidas à tona por Lutero, bem como comprometer o ser humano com a obra de Deus aqui neste mundo. O cerne da teologia de Lutero pode ser resumido na identificação de Deus com seu ato amoroso em Cristo Jesus, que se resume na total dependência da obra vicária de Cristo. Por outro lado, é assumir conscientemente nossa condição de filhos de Deus através de Cristo, no dia-a-dia com responsabilidade; o privilégio da fé nos leva a servir. Portanto, pastores, professores e até príncipes são convocados por Lutero para ajudar o povo da sua época a serem e a viverem como cristãos na dependência de Cristo e com atos concretos de amor através da oferta.

Uma primeira afirmação se faz necessária. Tratar o assunto sob aspectos práticos requer a compreensão de que os 500 anos que nos separam da época de Lutero parecem nos atrapalhar se a nossa intenção é de buscar um modelo para nossa realidade de hoje. Algumas ênfases práticas não podem ser mais levadas em conta como veremos mais adiante. Mas se as orientações práticas de hoje diferem da época de Lutero, penso que a nossa teologia e os argumentos para uma “ética da oferta” estão bem próximos do pensamento da Reforma.

Usarei o termo “ética da ou na oferta” visto envolver por um lado a teologia e a capacidade humana nas decisões. Teologia da oferta e teologia da mordomia cristã são duas idéias muito restritivas. Talvez a própria palavra

*O Rev. Prof. Clóvis J. Prunzel é professor de Teologia Sistemática no Seminário Concórdia e na ULBRA.

mordomia nos limite muito, especialmente se a vincularmos somente com a oferta. Talvez como luteranos pudéssemos deixá-la um pouco de lado e falar mais em responsabilidade, em comprometimento, etc. Explico isso mais tarde.

Vejam os então alguns aspectos úteis para nós hoje. Dividirei meu escrito em três partes. Na primeira, descrevo o mundo econômico do século XVI. Na segunda, descrevo alguns aspectos teológicos envolvidos no assunto. Na terceira, pretendo destacar alguns aspectos práticos sugeridos na época da Reforma. Vejam os então.

A ECONOMIA NO SÉCULO XVI

Lutero, como filho de mineiro, pôde perceber as grandes transformações ocorridas no século XVI no âmbito da economia. A experiência familiar foi marcante, já que o próprio pai ascendeu econômica e socialmente: de uma família ligada à economia agrícola (Rieth chama-a de pré-capitalista), o pai de Lutero tornou-se mestre de fundição na região mineradora de cobre de Mansfeld. Quando esteve em Erfurt, viveu numa das cidades mais prósperas e urbanas da época. Quando entrou no mosteiro, não se afastou da economia, visto que os mosteiros e conventos também eram responsáveis por transações financeiras. Lutero também foi um assalariado, condição especial para as décadas de 20 a 40 do século XVI. Como professor de Wittenberg, fazia parte de uma camada social próspera e ascendente.

O mundo ao seu redor reflete bem esta realidade passada por Lutero. As principais atividades econômicas da época – agricultura, manufatura, mineração e comércio – estavam se aproximando, o que fazia com uma realidade financeira próspera se instalasse. Com isso, o acúmulo de capital começou a se concentrar especialmente nas casas comerciais. Famosas são as famílias Fugger, Welser e Höchstetter, que participaram diretamente no financiamento da invasão e conduta do Novo Mundo e acumularam riquezas no comércio entre as colônias do Sacro Império Romano-Germânico.¹

ASPECTOS TEOLÓGICOS PRESENTES NA “ÉTICA DA OFERTA”

O assunto dinheiro envolveu Lutero desde o início de sua caminhada teológica. Basta termos em mente as razões que levaram Lutero a publicar as famosas 95 Teses no dia 31 de outubro de 1517. Como a teologia no dia-

¹ Para ampliar este estudo, ver Rieth. Economia. Introdução ao assunto. In OS 8, 367.

a-dia estava ligada à compra do perdão, principalmente através das indulgências proclamadas e oferecidas pelo Papa, Lutero manifestou-se contra esta atitude humana de conseguir os benefícios de Deus através do dinheiro.

Quando a Reforma começa tomar forma, Lutero escreve mais especificamente sobre o uso do dinheiro. Segundo Rieth, "não obstante os inegáveis e privilegiados conhecimentos de economia, Lutero trata do assunto, antes de mais nada, como teólogo e professor de Bíblia. Segue um método específico para formar um juízo ético a respeito de comportamentos, atividades, práticas e relações na esfera econômica. Este método é composto de quatro passos: (1) descrição da situação, caracterizada por práticas influenciadas pela ganância e pela completa desconsideração da justiça e equidade; (2) identificação e enunciado de orientações do Evangelho quanto ao modo de lidar com os recursos - principalmente as contidas em Mateus 5.40-41; (3) confrontação entre as práticas econômicas exercidas pelas pessoas - especialmente as que se chamam cristãs - e o modelo proposto por Cristo no Evangelho; (4) apresentação de casos específicos da atividade econômica, a fim de orientar na liberdade de decidir com base nos mandamentos de Deus".²

DEUS E FÉ

Quando Lutero descreve a situação da realidade influenciada pela ganância e pela completa desconsideração da justiça e equidade, temos que ter em mente a explicação do Primeiro Mandamento feita por Lutero. Quando afirma que "aquilo a que prendes o coração e te confias, isso, digo, é propriamente o teu Deus"³, identificou o Deus de muitos como sendo o dinheiro, visto que agem de forma gananciosa. Por isso, a "ganância" assumiu um significado central no pensamento teológico de Lutero quando ele, por um lado, a igualou à incredulidade. Compreendeu a incredulidade, neste contexto, em oposição à fé como confiança na ajuda de Deus. Por outro lado, também identificou a "ganância"⁴ com a idolatria ou culto às riquezas, em oposição à verdadeira adoração, ao verdadeiro culto a Deus. A "ganância" arruína os frutos da fé. Ela destrói as boas obras que brotam da fé e não podem ser separadas dela. Isso pode ser ou desejam possuir. A "ganância" destrói o princípio básico pelo qual deve um consigo mesmo e com os que o cercam. Esse princípio básico para o investimento dos

² RIETH, Ricardo. *Introdução. Lutero para hoje. Economia e ética*. Concórdia e Sinodal, 2001, p. 4

³ LUTERO, Martinho. *Catecismo Maior* in LC, p. 395, 3.

⁴ Definição de ganância ver OS 5, 377, nota 11.

bens e do dinheiro, por sua vez, é criado pela fé e moldado pelo amor ao próximo. Em consequência, a “ganância” para Lutero só poderia ser combatida a partir da fé.”⁵

Por isso Lutero concluiu:

Depois veio o grande deus Mâmon, ou a ganância. O modo como ela possuiu não somente a camponeses e burgueses, mas também de forma bem grosseira a nobres, condes, príncipes e senhores, dificilmente tem similar em todos os registros históricos. O nobre quer ter de tudo que é do camponês e do burguês. Sim, ele quer se tornar príncipe. O camponês, juntamente com o nobre, eleva os preços do cereal, da cevada e do todo o resto, provocando deliberadamente carestias, quando Deus, na verdade, deixou que crescesse o suficiente. O burguês de igual modo explora através do seu ofício o que e como quiser.⁶

É claro no pensamento de Lutero a identidade cristã a partir da fé. O princípio teológico e o princípio ético se fundem na identidade cristã. Forell resumiu isto muito bem ao afirmar que “Lutero disse que a justificação é a base de toda a ética cristã. Não existe ética sem pessoas cristãs; e apenas pessoas justificadas pela fé são pessoas cristãs. Foi Lutero quem insistiu que a pessoa vem antes do ato, que ética sempre é ética de pessoas, e que não se pode ter ações morais sem pessoas morais”.⁷

Então, o que esperar de alguém que não é cristão? Ou o que esperar de alguém que é cristão? Obviamente, no primeiro caso não temos atitudes e nem a vocação cristã com o dinheiro. Já na segunda situação, os cristãos são comprometidos com os propósitos de Deus a partir da fé em Cristo. Este comprometimento se dá no cumprimento dos Mandamentos, que nos colocam diante da relação com Deus e com o próximo. Benne explica esta relação de fé e obras/amor cristão: “a fé se apegua em confiança ao Deus que oferece a graça em Cristo. Ela permite que o amor de Deus em Cristo permeie a alma e molde a vontade num sentido de dentro para fora em direção ao próximo. De fato, na ‘feliz troca’ com Cristo nosso coração fiel recebe a justiça de Cristo. Nossa fé se torna ativa em amor. Este amor se expressa em ações que surgem espontaneamente da fé e não mais pela pressão da lei. Tal amor é criativo e dinâmico. Vai além dos limites e estruturas da lei, sem violar os mesmos. É um amor moldado pelo ato

⁵ RIETH, Ricardo. “Fé versus Ganância: uma reflexão sobre o Pensamento Econômico de Lutero e suas implicações para Igreja e Teologia no Brasil” in *Estudos Teológicos*, 1993, 2, 157-167, p. 161.

⁶ LUTERO, Martinho. Exortação à Oração contra os Turcos. OS 6., p. 447.

⁷ FORELL, George. *Faith Active in Love*, 84.

formador do amor de Deus em Cristo. É um amor que se doa e leva em conta o próximo.”⁸

A partir desta ênfase, entende-se como Lutero sugere trabalhar com o dinheiro e os bens. Partindo de Mt 5.40-42, Lutero estabelece três princípios para o cristão tratar com os bens e o dinheiro: 1. estar disposto a deixar que levem os bens, quando intimado a isso pela força; 2. dar livremente os bens a quem os necessita ou deseja; 3. emprestar de boa vontade os bens sem exigir de volta nada além do efetivamente emprestado.⁹

VOCAÇÃO CRISTÃ: RESPONSABILIDADE CRISTÃ CONCRETA

Antes de descrever o desempenho cristão na vocação da administração dos bens, quero lembrar de outra idéia defendida por Lutero: a da vocação e da responsabilidade cristã, como frutos da ação de Deus em nossas vidas.

Para Lutero, a vocação cristã é fruto da liturgia. Sim, a oração/coleta da pós-comunhão que aparece na Missa Alemã de Lutero de 1526 nos sugere nossa atuação como cristãos. Lutero diz: “Onipotente Deus, nós te rendemos graças, porque nos reconfortaste por este dom da salvação. Suplicamos-te que concedas por tua graça que o mesmo nos fortaleça a fé em ti e nos dê ardente caridade para com o nosso próximo, mediante Jesus Cristo, teu Filho, nosso Senhor. Amém”¹⁰ Como vemos, Lutero desloca o conceito de sacrifício do ato litúrgico para a vocação cristã. Enquanto que na liturgia, Deus vem até nos com seu amor salvador, presente na Palavra e Sacramentos, na nossa vocação nós amamos. Neste sentido Lutero vincula o conceito do cristão ser um *pequeno Cristo* para o próximo. Por isso, Lutero pode identificar o serviço ao próximo como genuíno *Gottesdienst* (Carter Lindberg chega a sugerir que seria um culto em meio ao mundo, no dia-a-dia, chamando-o de *weltlicher Gottesdienst*¹¹).

Lutero permaneceu com as três ordens que refletem uma realidade medieval. A atuação cristã se dá na família, no estado e na igreja. Posteriormente, a ética luterana ampliou esta atuação: casamento e vida familiar, trabalho, vida pública (cidade e associações voluntárias) e igreja.¹²

⁸ BENNE, Robert. Lutheran Ethics. Perennial Themes and Contemporary Challenges, p. 14. in Bloomquist, Karen and Stumme, John. *The Promise of Lutheran Ethics*. Minneapolis, Fortress Press, 1988.

⁹ Ver a argumentação de Lutero no escrito “Comércio e Usura” de 1525, especialmente pp. 385ss.

¹⁰ Hinário Luterano, Ordem do Culto Principal II, p. 41.

¹¹ LINDBERG, Carter. *Beyond Charity: Reformation Initiatives for the Poor*. Minneapolis, Fortress Press, 1993, p. 108.

¹² BENNE, p. 15.

Para descrever a atuação cristã nestas ordens, Lutero deu um sentido positivo aos Dez Mandamentos quando caracterizou a vida cristã dentro de uma estrutura e forma de vida.

Mas, esta vida ética não é um mar de rosas. Lutero não destacou uma visão positiva de que agora sendo cristãos o mundo estaria com seus problemas resolvidos. Pelo contrário, com sua teologia da cruz, Lutero enfatizou que mesmo o Espírito de Deus habitando em nós, o velho homem nunca morre; sempre de novo precisamos nos colocar diante de Deus para sermos atingidos com seu ato de amor por nós. Estas misericórdias, diz Lutero, são renovadas diariamente quando somos lembrados de nossa condição de filhos de Deus a partir do Batismo e quando somos alimentados pela Santa Ceia.

Em meio a esta situação de simultaneidade, a vida continua e precisa ser vivida com responsabilidade cristã. Por isso, os princípios acima descritos a partir do Sermão do Monte são importantes para reflexão de Lutero. Diz Lutero:

Esses salutares mandamentos de Cristo caíram em desuso tal que não somente não se os cumpre, mas se os transformou em conselho, que não se tem o dever de cumprir necessariamente, como o primeiro grau. Para isso contribuíram os perniciosos mestres, que ensinam que não há necessidade de renunciar aos *signa rancoris*, os sinais e demonstrações de amargura e rancor contra o inimigo. Dizem que basta perdoar-lhes no coração, em secreto. Dessa maneira transferem o mandamento de Cristo das obras exteriores exclusivamente para a mente, quando ele próprio se refere à obra concreta, dizendo: “Fazei o bem (não apenas o pensar o bem) a vossos inimigos”. Desses ensinamentos falsos originou-se o provérbio: “Perdôo mas não esqueço”. Por favor, isso jamais, amado cristão. Há que se perdoar e esquecer, do mesmo modo como queres que Deus não apenas te perdoe e esqueça, mas te faça bem ainda maior do que antes.¹³

Como a vocação cristã não é uma caixinha fechada, Lutero tratou de diversos casos envolvendo a economia de formas diversas. Aplicou o princípio da equidade.¹⁴

¹³ LUTERO, Martinho. Comércio e Usura, OS 8, p. 407, 5-20.

¹⁴ Ao fazer uso da equidade, a pessoa se decide por uma posição intermediária e justa entre dois extremos. Lutero baseou na equidade e na lei natural, por exemplo, o direito emergencial, pelo qual a autoridade secular poderia intervir na Igreja, combatendo nela a corrupção e reformando-a. Como o direito positivo se omitia em relação às inéditas práticas resultantes do capitalismo mercantil, Lutero apela novamente à equidade para que se vá na direção de decisões justas em questões econômicas. Ver OS 8, p. 376, nota 10.

ASPECTOS PRÁTICOS PRESENTES

Como concluímos a parte anterior, o uso do princípio da equidade pode ser visto no único texto das Confissões Luteranas que fala dos recursos destinados à manutenção do clero da época. É o que Melachthon escreve no artigo XXVIII da Confissão de Augsburgo:

Agora, os bispos, quanto ao mais, tenham poder e jurisdição em algumas coisas, como, por exemplo, em questões matrimoniais ou no dízimo, têm-nos em virtude do direito humano. Quando, porém, os ordinários são negligentes em tal ministério, os príncipes têm a obrigação, que o façam prazerosamente ou não, de pronunciar nisso direito (ou administrar justiça) aos seus súditos, por amor da paz, para evitar discórdia e grandes distúrbios nos territórios.¹⁵

Se o assunto envolve o ser humano, com seus princípios de direito, como Lutero resolveu situações concretas vinculadas ao dinheiro? Vejamos algumas situações concretas.

No ano de 1523, Lutero editou um “Estatuto para uma Caixa Comunitária: orientação sobre como lidar com o patrimônio eclesiástico”¹⁶, a pedido do Conselho da cidade de Leisnig, pequena cidade do Eleitorado da Saxônia. Foi a primeira tentativa de colocar em prática os princípios defendidos por Lutero. Desta forma, a ganância seria refreada, diminuiria a injustiça social e o amor cristão poderia ser demonstrado em atos concretos de amor. Só não se concretizou porque um abade de um mosteiro, cujas propriedades ficavam nos limites da zona rural de Leisnig, não quis abrir mão de seus bens em favor do caixa comunitário. Mas, vamos às sugestões de Lutero.

O objetivo era o de manter o pároco, o pregador e o capelão, já que não podiam ter outra fonte de renda devido a sua dedicação exclusiva como pastor e pregador. Também havia professores que receberiam salário fixo da paróquia. Havia também fundos para pobres, idosos, viúvos, órfãos, cidadãos endividados e forasteiros interessados em fixar moradia na cidade. Com o objetivo de armanezar alimentos para tempos de carestia e para uma regulação dos preços, havia um caixa próprio. A manutenção das propriedades também foi contemplada. A fonte de renda eram o dinheiro e alimentos colhidos nos cultos e logo destinados aos necessitados. Patrocínios eram incentivados. Dinheiro e objetos de valor eram deixados em testamento para o trabalho comunitário. Os patrimônios eclesiásticos também foram colocados como sendo algo comum da paróquia.

¹⁵ Confissão de Augsburgo, XXVIII, 29.

¹⁶ In OS 7, 37-64.

Veja o que Lutero diz sobre o salário aos pastores:

Nosso cura d'almas ou pastor, chamado e eleito de comum acordo, bem como nosso pregador, chamado por nós para assistir o pastor (mas que também deve ter a capacidade e o conhecimento necessário para exercer o ministério e a pregação da Palavra, ao de outras tarefas pertinentes) e, caso necessário, também um capelão, devem ser providos pelos dez administradores e mediante resolução unânime da assembleia, de determinada soma de dinheiro, de certa quantidade de mantimentos e do usufruto de terras e bens, a fim de cobrirem adequadamente suas necessidades e seu sustento. Essas provisões devem ser fornecidas anualmente em quatro parcelas, sempre no primeiro dia de cada trimestre, por conta da caixa comunitária, mediante a devida quitação. Com essa anuidade, provisões e utilidades para sua subsistência, devem dar-se por satisfeitos e, sob nenhum pretexto, solicitar ou aceitar algo mais dos membros de nossa paróquia, exceto presentes e doações não solicitadas, feitos livre e espontaneamente. Devem, antes, nesse ponto e, também, no exercício do ministério pastoral, ater-se à ordem e às instruções dos divinos doutores das Escrituras. Essas disposições devem ficar guardadas em nossa caixa comunitária e divulgadas e promovidas dominicalmente com afincos pelos dez administradores, para que o ministério pastoral não sofra demérito.¹⁷

Se Leisnig não é exemplo de sucesso dessas intenções de Lutero, Nürberg o é. Nürberg acabou se destacando em toda a Alemanha e seu estatuto foi considerado modelo na organização da previdência social urbana plenamente identificado com os ideais de Lutero.

O que Lutero muitas vezes reclamou em correspondência foi a falta do combate à necessidade material em sua origem. Em outras palavras, a ganância estava tão enraizada que o problema na sua totalidade não pôde ser atacado. Esta necessidade foi defendida por Lutero em outro escrito a pastores: “Aos pastores, para que preguem contra a usura” de 1540¹⁸. O que levou Lutero a fazê-lo foi a inércia da nobreza em ajudar os cidadãos da região de Wittenberg que estavam passando por grande carestia e que a inflação desvalorizava a moeda corrente. Lutero do púlpito atacou os culpados, acusando-os de ladrões e assassinos.

Aqui Lutero aplicou novamente o princípio da equidade: já que um ofício não cumpriu seu papel (o príncipe-eleitor da Saxônia tinha sido incitado por Lutero para proibir a exportação de grãos pelos nobres), cabe aos pastores chamar atenção daqueles que estão explorando a sociedade. Lutero assim se pronuncia:

¹⁷ LUTERO, Martinho. Estatuto para uma Caixa Comunitária: orientação sobre como lidar com o patrimônio eclesiástico, p. 58.

¹⁸ OS 5, 446-493.

Atualmente nobres e plebeus, camponeses e burgueses esmeram-se em proporcionar serviços e favores dessa espécie. Compram artigos, retêm-nos, provocam carestia, elevam os preços do cereal, da cevada e de tudo quanto se necessita. Aí limpam a fuça e dizem: ‘Sim, aquilo que se precisa ter, se precisa ter; eu o cedo como serviço às pessoas, embora eu também pudesse e gostasse de ficar com esses artigos’. Assim, refinadamente ludibriam e fazem troça de Deus. Como poderia então o pobre e misericordioso Deus divisar aí alguma outra coisa, a não ser puramente serviços, boas obras e favores? Ele não ousa demonstrar que as coisas fedem à volta deles. Tão santas as pessoas se tornam, ainda antes que ele se dessa conta. Portanto, agora já ninguém pode ser usurário, ganancioso ou mau; ao contrário, só há ainda santos no mundo, um serve ao outro e ninguém causa dano algum ao seu próximo. A respeito disso, pregador, você deve falar e não calar, mas mostrar ao povo com clareza e nitidez, que não pode se constituir em serviço ou favor o que é feito contra a palavra de Deus e contra o direito. Pois diz: ‘servirás a Deus somente’. Tudo quanto não serve à sua palavra ou ao direito, pode se vangloriar de seu serviço e benemerência, mas em verdade é serviço e benemerência prestados a um deus estranho, ao diabo. Por isso: quem empresta e cobra uma importância maior ou um bem de maior valor, esse peca contra Deus como um usurário. Caso estiver prestando um serviço como essa ação, o estará prestando ao abjeto diabo – ainda que muitas pessoas pobres e necessitadas precisassem de um serviço dessa espécie, tendo que aceitá-lo, portanto, também como serviço ou favor, se não quiserem ser totalmente devoradas. Da mesma forma, aquela pessoa que pela grande necessidade se vê forçada a oferecer ou dar cinco ou mais por cem, também deverá permitir que se apresente isso como um serviço prestado a ela.¹⁹

E mais:

Visto, porém, que a autoridade secular é omissa e inoperante neste assunto, ou, em parte, impotente para combater essa miséria, os pastores devem instruir o povo e acostumá-lo a ver nos usurários e gananciosos o diabo em pessoa e a se benzer na presença deles, onde quer que se os ouça ou veja, e ensiná-lo a pensar que o turco, os tártaros e os pagãos são meros anjos em comparação ao usurário. Igualmente os professores devem ensinar aos meninos e à juventude e acostumá-los a se assustarem do nome “usurário” e a dizerem “que nojo”, como diante do próprio diabo.²⁰

¹⁹ OS, 5, p. 452.

²⁰ OS 5, p. 481.

O melhor exemplo que trata bem as finanças é José e sua história no Egito. Considerando que José precisou agir de forma a centralizar todo o alimento nas mãos do Faraó, Lutero comenta:

Mas o fato de José ter colocado o dinheiro e o gado, campos e pessoas sob o poder do rei, certamente não parece procedimento cristão, uma vez que deveria ter dado gratuitamente aos carentes, como ensina o evangelho e o amor cristão. Entretanto ele procedeu bem e corretamente. Pois José exercia o governo secular em nome do rei. Pois já ensinei muitas vezes que não se devem nem se pode governar o mundo segundo o Evangelho e o amor cristão, e, sim, segundo leis rigorosas, com espada e força, porque o mundo é mau e não aceita nem Evangelho nem amor, antes age e vive segundo sua petulância, caso não seja obrigado à força. Caso contrário, em se praticando puro amor, todo o mundo quereria comer, beber e viver bem das posses dos outros, e ninguém trabalharia: cada qual tiraria o que é do outro, instalando-se um estado de coisas tal que tornaria impossível o convívio. Por isso José procedeu corretamente, porque Deus mandou que ele se apoderasse de tudo através de uma compra justa e equitativa, proporcionada pela ocasião, e fazendo com que, segundo o direito civil, o povo se visse forçado a vender a si e tudo o que possuía. Pois naqueles países sempre reinou um regime rigoroso, bem como a prática de se venderem pessoas como qualquer mercadoria. Além disso, como cristão piedoso, não permitiu que o pobre morresse de fome, e, sim, como diz o texto, depois de ter sido investido na judicatura e na autoridade do rei, coletou cereal, vendeu-o e o distribuiu para o bem e proveito do país e das pessoas. Por isso o exemplo do fiel José está tão distante da ação dos comerciantes pérfidos e egoístas como o céu está distante da terra.²¹

CONCLUSÃO

Penso que duas idéias de Lutero precisam ser destacadas na conclusão deste trabalho. Elas têm tudo a ver com as perguntas iniciais: é possível falar em mordomia da oferta? Não seria melhor falarmos sobre ética responsável com o dinheiro? Precisamos de uma teologia própria para falar sobre oferta (o fim justifica os meios)? As duas idéias de Lutero que nos ajudam hoje são: uma clareza maior na doutrina dos dois reinos de Deus, o que nos leva a uma visão da totalidade da obra de Deus (Credo); e, uma ética baseada nos Mandamentos, que nos insere mais nos compromissos com este mundo (uma leitura mais atenta do AT e NT). Ambas convergem numa atuação concreta da igreja de Cristo.

²¹ OS 5, p. 392.

A primeira idéia nos remete a uma compreensão e ênfase da ação de Deus nas três pessoas da Trindade. Na visão ética luterana, os cristãos vivem ao mesmo tempo em duas realidades. Cada uma delas está sob o governo de Deus, mas de formas radicalmente diferentes. Deus governa o “reino da esquerda” com a lei, e o “reino da direita” com o evangelho. O objetivo de Deus em ambos modos de governar é o mesmo – vencer o mal e chamar a criação desobediente de volta para si. Mas Deus se vale de meios bastante diferentes em cada um dos “reinos”.

O duplo regime de Deus está diretamente relacionado com a visão luterana de lei e evangelho. Se lei e evangelho não recebem, cada um deles, seu significado e função devidos, ou a lei vira evangelho, ou o evangelho vira lei. Na primeira hipótese, as exigências e a ação da lei são vistas como redentoras, e Cristo se torna desnecessário. Na segunda hipótese, a amor extravagante revelado no evangelho se torna um princípio norteador para ordenar a vida nas vicissitudes deste mundo. Neste caso, pouco se leva em conta o poder do pecado e do mal no mundo, e a sociedade fica vulnerável à atuação dos agentes do mal. Este enfoque deixa de dar honra a Deus, o Criador.

As duas armadilhas citadas são bastante contraditórias no contexto cristão norte-americano. Esforços humanos são muitas vezes transformados em substitutos reais do poder libertador do evangelho (transformando a lei em evangelho), e o amor radical revelado no evangelho é muitas vezes usado como um princípio para recomendar certas ações na vida pública (transformando o evangelho em lei). Na primeira opção, o evangelho é secularizado; na segunda, sentimentalizado.

Embora as duas maneiras que Deus tem de governar o mundo tenham que ser nitidamente distinguidas (para o bem do evangelho e também da lei), não se pode separá-las em definitivo. O Deus Criador e o Deus Redentor não são duas divindades distintas. De modo semelhante, as duas maneiras que Deus tem de governar não são separadas em termos espaciais ou existenciais; elas interagem de maneiras criativas.

Existem três maneiras nas quais o duplo regime de Deus se junta de forma criativa neste mundo. Aqui está a segunda ênfase que destaco: uma visão positiva dos Mandamentos, que nos remete a um conteúdo veterotestamentário para a nossa ética responsável.

A primeira é na vocação de cada indivíduo cristão. À medida que fé, amor e esperança são acesos no coração dos cristãos, pelo Espírito, eles vão praticar essas virtudes dentro e através das vocações seculares que lhes foram dadas. Essas virtudes impulsionadas pelo Espírito afetarão os papéis de responsabilidade que os cristãos têm como membros de família, trabalhadores, cidadãos e membros da igreja. Eles farão dessas responsabilidades seculares verdadeiras vocações cristãs. O amor criativo de Deus entra no mundo através do exercício da vocação cristã.

A virtude cristã será um fermento que atua de forma criativa sobre as duras exigências da vida no mundo. A tarefa criativa de cada cristão é encontrar o ato adequado que se situa entre uma resignada aceitação do mundo tal como ele é e o desejo irresponsável de substituí-lo por uma estrutura utópica. Na medida em que tal ato é de fato adequado, irá cooperar com a dinâmica lei da criação divina.

Em segundo lugar, e de forma análoga, a igreja é o lugar onde o duplo regime de Deus se une. A igreja tem a tarefa de proclamar toda a palavra de Deus – tanto evangelho quanto lei. A obra própria da igreja é, sem dúvida, proclamar o evangelho. Mas a igreja também tem a responsabilidade de se dirigir ao mundo segundo a lei de Deus. Visto a igreja atuar na sociedade apenas com o poder da palavra, os poderes que ela afirma ter se encontram integralmente no âmbito da persuasão, não da coerção.

A igreja é convocada a aplicar a dinâmica lei de Deus a todas as estruturas da vida social. O amor radical expresso no evangelho é relevante para as questões do mundo, ao menos de forma indireta, da mesma forma que as virtudes cristãs são relevantes para a vida dos cristãos individualmente em suas vocações. Estas noções devem ser aplicadas de forma vigorosa e realista, evitando-se tanto o cinismo quanto o sentimentalismo. O evangelho é relevante às questões do mundo de forma paradoxal. Ele constantemente julga qualquer coisa que tenha sido alcançada no mundo e exerce um constante fascínio a que se progrida cada vez mais. Ele está sempre “lá na frente”, a exemplo do futuro escatológico de Deus, e não pode ser aprisionado ou regulado pela lei no tempo presente. A pessoa que expressou plenamente este amor radical do evangelho foi crucificada; a ética do evangelho não se encaixa facilmente dentro deste mundo.

Por fim, é dentro da ação total de Deus no mundo que confessamos a junção das duas maneiras que ele tem de reinar. As ações do Deus criador e do Deus redentor não podem, em última instância, ser separadas. No entanto, neste mundo nem mesmo os olhos da fé conseguem ver como isto é possível. Antes do *eschaton*, o reinado de Deus tem um caráter duplo. Confessamos isto com humildade e franqueza, pois não podemos aprisionar Deus com nossas fórmulas. Sinais da continuada redenção que Deus opera podem de fato irromper espontaneamente em meio a este mundo. Embora não manifestem plenamente o reino definitivo de Deus, podem ser antecipações da *shalom* eterna pela qual o mundo anseia. No entanto, precisam ser consistentes com a única clara antecipação daquele reino que temos, a saber, Jesus como o Cristo.²²

²² Texto retirado de Benne, pp. 23-26.

Lutero nos ensinou a não nos conformarmos com a realidade que é fruto de um coração incrédulo e ganancioso. Pelo contrário, o papel da lei e do evangelho foram claramente enfatizados com vista a uma ética própria em relação ao dinheiro. Só o verdadeiro cristão será um ofertante, assim como diz Paulo dos Macedônios aos Coríntios (2 Co 8 e 9). O desafio da igreja, que conhece a ação de Deus em lei e evangelho, não é de se conformar com a realidade gananciosa, incrédula e egoísta, mas sim, de achar mecanismos de dividir a economia produzida pelo mundo em função do próprio ser humano.

Se nós temos dificuldades em nos manter, não é porque falta dinheiro no mundo, mas porque este dinheiro não chega até nossas mãos, sendo que está nas mãos de poucos, que não somos nós. O nosso conhecimento da obra de Deus não nos pode deixar tranquilos, visto termos muito o que fazer por este mundo.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- PLESS, John T. Vocation: fruit of the Liturgy. *Logia* XI, 3, 3-8.
- RIETH, Ricardo. Fé *versus* ‘ganância’: uma reflexão sobre o pensamento econômico de Lutero e suas implicações para igreja e teologia no Brasil. *Estudos Teológicos*, 1993, 2, 157-167.
- RIETH, Ricardo. Economia e idolatria: dois temas relacionados da tradição cristã segundo Lutero e teólogos latino-americanos. *Estudos Teológicos*, 1994, 34, 1, 72-86.
- RIETH, Ricardo. *Luther on Greed*. Wengert, Tomothy (editor). Harvesting Martin Luther’s Reflections on Theology, Ethics and the Church. Grand Rapids, Michigan, 2004.
- “REIS E PRÍNCIPES - FARINHA DO MESMO SACO. Entrevista com Martinho Lutero”. In http://www.ultimato.com.br/revistas_artigo.asp?edicao=281&sec_id=555

LUTERO E A INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA¹

Dr. Wilson Scholz*

Confesso que tenho pouca leitura dos textos exegéticos de Lutero. Uma, porque só agora, aos poucos, estão se tornando acessíveis, nos volumes finais das Obras Seleccionadas. Além disso, Lutero não faz bem o meu gênero, pois tende a ser prolixo. E, por fim, é “pouco luterano” estudar exegese com Lutero, ao menos como ponto de partida; afinal, Lutero recomenda o estudo do próprio texto. Mesmo assim, cabe-me reagir à palestra apresentada.

1. INTRODUÇÃO

Lutero concluiu seu doutorado em 19 de outubro de 1512, aos 29 anos de idade. A partir daí, mais precisamente agosto de 1513, passou a ser professor de *lectura in Biblia*. A Bíblia era um livro lido no século XV. Embora não fosse necessariamente a base para a teologia, seu texto estava disponível. Até mesmo no vernáculo, pois de 1466 a 1521 foram publicadas dezoito edições de uma Bíblia alemã completa.

Em relação à Bíblia, Lutero foi professor, revisor de Bíblia (em 1529, ele publicou uma revisão da Vulgata), tradutor (ao longo de 12 anos), e pregador. Para ele, teologia era interpretação bíblica. Seus estudos temáticos a respeito da Ceia, da Igreja, etc., são, num sentido amplo, escritos exegéticos. A própria Reforma foi, a rigor, uma revolução hermenêutica. A maioria dos 55 volumes das Obras de Lutero em inglês, para ser exato, 30 deles, são comentários bíblicos.

* O Rev. Dr. Wilson Scholz é professor de Teologia Exegética (Novo Testamento) no Seminário Concórdia e na ULBRA e Consultor de Traduções da Sociedade Bíblica do Brasil.

¹ Este texto se originou como reação a uma palestra sobre a atividade exegética de Lutero. Isto explica seu tom e caráter informal.

Naquele tempo, não se fazia distinção entre teologia do Antigo Testamento (AT) e teologia do Novo Testamento (NT). Caso se fizesse, Lutero provavelmente seria professor de AT. Apenas no período que vai de 1515 a 1518 deu maior atenção ao NT. Lutero dedicou dez anos, a partir de 1535, à exposição do Gênesis. Claro, nunca deu mais que duas ou três aulas por semana. Algumas das ênfases na teologia de Lutero revelam uma estreita vinculação com o Antigo Testamento: o realismo da vida cristã, ou, então, o regime da mão esquerda de Deus, que afirma a criação; a seriedade em relação aos mandamentos de Deus; a importância da história.

Lutero não é ingênuo em termos de hermenêutica. Num sermão de 1525 (WA 17 I, 55,30), diz: “Não se deve dizer: Ele cita as Escrituras, por isso deve estar correto. É preciso ver se ele cita corretamente”.

2. AUTOR — TEXTO — RECEPTOR

O que se quiser dizer sobre hermenêutica pode ser dito em termos do “tríplice” autor—texto—receptor. Será interessante discutir Lutero à luz disso.

2.1. AUTOR

Lutero nunca abriu mão da palavra de Deus. Não foi o primeiro teólogo a fazê-lo. Agora, o que é novo em Lutero é a noção da absoluta obediência às Escrituras em detrimento de qualquer outra autoridade, mesmo que seja a de papas ou concílios.

A exemplo da maioria de seus contemporâneos, Lutero acreditava na plena inspiração verbal das Escrituras. Algumas afirmações comprovam isso:

“Nem mesmo uma só letra das Escrituras é gratuita ou sem propósito, pois a Escritura é a escrita de Deus e a palavra de Deus”. (WA 50,282)

“É muito perigoso falar de coisas divinas de uma forma diferente, e com palavras diferentes daquelas que o próprio Deus usa”. (WA 15, 43)

“É nossa maldita falta de fé e mente carnal que nos impede de ver e entender que é Deus quem nos fala nas Escrituras ... Em vez disso, pensamos nela como a palavra de Isaías ou Paulo ou alguém outro. E assim sucede que a Bíblia não é a palavra de Deus para nós, e não produz fruto, a menos que nos demos conta que é Deus quem nos fala através dela”. (WA 48,102)

“O que Paulo diz o Espírito Santo diz, e o que é contrário à palavra de Paulo é contrário ao Espírito Santo”. (WA 10,11,139)

Em 1545, um ano antes de sua morte, Lutero disse com grande ênfase: “A pessoa que quer ouvir Deus falar precisa ler a Escritura Sagrada”. Um pouco antes ele havia dito, em sua exposição do Gênesis: “O próprio Espírito Santo e Deus, o Criador de todas as coisas, é o autor deste livro”.

No entanto, isto não impediu que Lutero fosse crítico em relação a uma série de coisas: texto, cânone, etc. Achava, por exemplo, que Ester merecia ser considerado não-canônico. (LW 33, 110) Tal avaliação se originava, não da mente de um racionalista ou um cético; era, ao contrário, a crítica que deriva da fé. Outro exemplo: Lutero valeu-se de Hb 2.3 para provar que Paulo não é o autor de Hebreus.

2.2. TEXTO

No recurso às fontes (*ad fontes*), tão ao sabor do humanismo vigente, Lutero foi um filho do seu tempo. Para o *Septembertestament* (“Testamento de Setembro”), de 1522, valeu-se do original, ou melhor, da segunda edição do NT Grego de Erasmo, de 1519.

Sua ênfase no *externum verbum* não lhe permitia ignorar o texto escrito. Já se disse que uma das grandes descobertas da Reforma – especialmente a de Lutero – foi que a palavra de Deus nos vem na forma de um Livro.

Lutero engaja o texto e não arreda pé tão facilmente. Diz que, em vez de sair correndo para os comentários e os Pais, “bato em Paulo naquela passagem até com importunação, desejando ardentemente saber o que Paulo queria”. Dizia a seus alunos que o exegeta deveria tratar uma passagem difícil da mesma forma como Moisés fazia com a rocha no deserto, na qual ele bateu até que saísse água para o povo sedento. Entendia que a Bíblia é uma fonte impressionante: quanto mais se tira dela para beber, mais ela estimula a sede.

Lutero não se escandalizava com a simplicidade das palavras. Ao contrário, constatou o seguinte: “O que tenho observado é isto, que todas as heresias e todos os erros relacionados com as Escrituras derivaram, não da simplicidade das palavras, como quase todos afirmam, mas do fato de se ignorar a simplicidade das palavras; derivaram de figuras e deduções que têm sua origem na cabeça das pessoas”. (*De Servo Arbitrio*, LW 33, 163).

O princípio do *sensus literalis unus est* é, sem dúvida, uma atitude de respeito ao texto, pois privilegia uma leitura lingüística e histórica. Lutero se opôs ao método alegórico, porque este acabava com a dimensão histórica dos livros do AT. É claro que se pode discutir, como fazem alguns autores, até que ponto Lutero evitou ou quis evitar a leitura bíblica que nós entendemos como alegórica. Se o compararmos com um exegeta moderno ou até mesmo com seu contemporâneo Calvino, veremos que Lutero “viaja” bem mais do que estaríamos dispostos a aceitar ...

É bem conhecido o alto valor que Lutero dava à Palavra em seus originais. É clássica sua afirmação de que, a menos que se retenha as línguas, o evangelho vai acabar se perdendo. Para a pergunta sobre o que se ganha com o estudo das línguas bíblicas, e diante da alegação de que a

Bíblia pode muito bem ser lida em alemão, Lutero tinha como resposta que sem as línguas não teríamos recebido o evangelho; que as línguas são a bainha que contém a espada do Espírito; o baú que contém as jóias preciosas; o recipiente que contém o vinho; e como o evangelho diz, são os cestos nos quais são guardados os pães e os peixes que alimentam a multidão.

Lutero estava convencido que o conhecimento das línguas traria frescor e força à pregação. Embora a fé e o evangelho possam ser proclamados por simples pregadores que não conhecem as línguas, Lutero entendia que tal pregação é chocha e rasteira, as pessoas acabam se cansando e a coisa fica sem efeito. Mas quando o pregador é versado nas línguas, seu discurso tem frescor e força, explora-se toda a Escritura, e a fé é constantemente renovada por uma variedade de palavras que não tem fim.

Lutero argumentava com base na gramática. Dois desses exemplos de argumentação baseada na gramática hebraica aparecem no *De Servo Arbitrio*. Erasmo havia citado Gn 4.7 para provar que não existe a necessidade de pecar, ou seja, que existe livre arbítrio no âmbito espiritual. A base era a Vulgata: “*sed sub te erit appetitus eius et tu dominaberis illius*”. Em meio a sua argumentação, Lutero diz o seguinte: “Pois é bem sabido que os hebreus freqüentemente empregam o futuro do indicativo em lugar do imperativo, como em Êxodo 20 [.3,13]: “Não terás outros deuses; não matarás; não cometerás adultério; e inúmeros outros casos semelhantes” (LW 33, 125). Lutero traduziu esse texto assim: “du aber herrsche über sie”. Em Almeida Revista e Atualizada se lê: “mas a ti cumpre dominá-lo”. A NTLH tem: “você precisa vencê-lo”.

O outro exemplo tem a ver com carne no sentido de corpo, na Bíblia. Lutero resume a questão da seguinte maneira:

O que você encontra nas Escrituras é o seguinte: sempre que a carne é vista em contraste com espírito, você pode entendê-la como tudo o que é contrário ao Espírito (Santo), como [em João 6.63], “a carne de nada aproveita”. Mas quando a carne é tratada isoladamente, você pode ver que ela significa a natureza e constituição somática, como, por exemplo, “os dois serão uma só carne” [Mt 19.5] ... ou “o Verbo se fez carne” [Jo 1.14]. Nestas passagens você pode eliminar o hebraísmo e dizer “corpo” em lugar de “carne”, pois a língua hebraica tem apenas essa uma palavra “carne” para o que nós expressamos por meio de duas, “carne” e “corpo”, e eu quisera que essa distinção de termos tivesse sido observada na tradução ao longo de todo o cânone da Escritura. (LW, v.33, p.215)

Lutero também praticou crítica textual, e pode ser considerado um pioneiro nessa área. Ele discutia erros de copistas e sugeriu emendar o texto hebraico de 2 Sm 23.8, em comparação com 1 Cr 11.11.

2.3. RECEPTOR

Lutero fez leitura teológica da Bíblia. Fez essa leitura de seu ponto de vista, à luz do que ele tinha aprendido das Escrituras. Fez leitura a partir do cerne, em divisão de lei e evangelho. “Aquilo que prega Cristo” (*was Christum treybet*) não era um critério para selecionar livros que poderiam fazer parte do cânone, mas sim um princípio de interpretação. Não há nenhuma parte das Escrituras que não leve a Cristo.

Ao ler os profetas, Lutero procura ver o que eles têm de exclusivo, no contexto da atividade deles. No prefácio aos profetas, de 1532, destaca a importância de conhecer o tempo em que eles viveram, mas interpreta a mensagem deles em relação a Cristo e ao evangelho.

Nisso, Lutero está fazendo com que a Escritura se interprete a si mesma. Tal princípio se baseia num conceito elevado das Escrituras, ou seja, na convicção de que as Escrituras são a palavra de Deus.

E que dizer da interpretação segundo a “analogia da fé” (*analogia fidei*): será que não faz violência ao texto? Lutero quer evitar o isolamento de texto, quer impor um limite à arbitrariedade interpretativa. Ele critica os intérpretes que já têm o texto pronto na cabeça (*De Servo Arbitrio*, p.163). E que dizer da leitura que Lutero faz? Não incorre ele no mesmo problema, tendo já um “texto” pronto na cabeça? Acontece que Lutero está convencido de que suas convicções saem das próprias Escrituras. A fé, no caso dessa “analogia da fé”, não é o que Lutero pensa ou deixa de pensar; é o artigo central da fé, a mensagem de justificação com o *solus Christus* e o *sola fide*.

Um exemplo é Sl 150.1. Esse texto era citado em apoio à invocação de Maria e dos santos. Tudo porque na Vulgata diz: *alleluia laudate Dominum in sanctis eius* (“aleluia, louvai o Senhor nos seus santos”). A Septuaginta tem a mesma leitura. Lutero entendeu que interpretar a passagem como referência à invocação dos santos não concorda com a fé. Lutero traduziu assim: “Halleluja! Lobet den HERRN in seinem Heiligtum” (Aleluia! Louvai ao SENHOR no seu santuário). A maioria das traduções modernas tem tradução semelhante.

Ler o Novo Testamento à luz do Antigo Testamento é, hoje, salvo raras exceções, mais ou menos ponto pacífico. Agora, ler o Antigo à luz do Novo, assim como Lutero fez, é tabu em nossos dias. No entanto, ao ver em Abraão o crente que foi justificado por fé, Lutero estava apenas seguindo os passos do apóstolo Paulo. Fazer isso é atualizar a analogia da fé e o *sui ipsius interpres*.

3. CONCLUSÃO

Lutero como exegeta é, em grande parte, um estranho em nosso tempo. Por um lado, admiramos sua seriedade e seus grandes feitos no

campo da exegese. À luz dos recursos de que dispomos hoje, podemos até achar que ele fica muito *aquém* do que se poderia esperar dele. Pensamos: “Pobre Lutero, se ao menos tivesse tido acesso a um Brown—Driver—Briggs ou ao léxico de Bauer!”

Mais estranho ainda ele se nos afigura em sua leitura teológica da Bíblia. Acharmos que ele foi *além* da conta. Para nós que, em grande parte, perdemos a inocência nas farras do Iluminismo, Lutero toca um solo que soa estranho aos nossos ouvidos. Como ele ousa ler a Bíblia desse jeito? O grande desafio vem na forma de duas perguntas: Será que podemos entender Lutero nos seus termos? Será que até podemos aprender algo com ele?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DREHER, Martin N. A tradição bíblica das igrejas da Reforma: uma leitura a partir de Martin Lutero. In RAMALHO, Jether Pereira (org.). *A Reforma e a leitura da Bíblia*. São Leopoldo: CEBI, 2000, p. 11-28.
- ELLINGSEN, Mark. Luther as Narrative Exegete. *The Journal of Religion*, vol. 63, 1983, p. 394-413.
- LUTHER, Martin. The Bondage of the Will. In WATSON, Philip S. (ed.) *Luther's Works: American Edition*, vol. 33. Philadelphia: Fortress Press, 1972.
- OSWALD, Hilton C.; ROBBERT, George S. *Luther as Interpreter of Scripture: A Source of Illustrative Samples from the Expository Works of the Reformer in Luther's Works: American Edition*. St. Louis: Concordia Publishing House, 1982.
- PETERS, Paul. Luther's Text-Critical Study of 2 Samuel 23:8. *Concordia Theological Monthly*, vol. 18, setembro de 1947, p. 641-652.
- RAEDER, Siegfried. Luther als Ausleger und Übersetzer der Heiligen Schrift. In JUNGHANS, Helmar. *Leben und Werk Martin Luthers von 1526 bis 1546: Festgabe zu seinem 500. Geburtstag*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1983, p. 253-278, 800-805.
- SURBURG, Raymond F. The Significance of Luther's Hermeneutics for the Protestant Reformation. *Concordia Theological Monthly*, vol. 24, Abril de 1953, p. 241-261.

AUXÍLIO LITÚRGICO PARA O BATISMO¹

INTRODUÇÃO

O presente auxílio litúrgico foi elaborado pensando em um culto em que, do início ao fim, todas as partes estão relacionadas com o batismo. Recorre-se também à diversidade de símbolos (há muito tempo em desuso na maioria das comunidades do meio luterano) da liturgia batismal histórica. Além da valorização desse sacramento que é fundamental à fé cristã, procura-se também torná-lo um momento marcante na vida do batizando, dos pais e padrinhos e de toda a comunidade.

COMENTÁRIO

Destacamos que o batismo é um selo e sinal da união com Jesus; Jesus Cristo pelo seu batismo identificou-se com os pecadores – para cumprir a justiça. Foi confirmado como Filho de Deus pelo Pai e ungido pelo Espírito Santo para a missão de servo (sofrimento, morte e ressurreição); pelo batismo instituído por Ele, Cristo deu garantia aos seus seguidores e discípulos de sua contínua presença e poder, ao mesmo tempo em que deu a ordem: “Tendo ido ao mundo, batizai e ensinai”².

O batismo, além de trazer à fé pela ação do Espírito Santo, torna a pessoa batizada integrante da comunidade de adoradores, de filhos e filhas de Deus; ao mesmo tempo é o marco inicial para uma vida de serviço em que abundam amor, justiça e misericórdia. No batismo participamos na morte e ressurreição de Jesus: morremos para aquilo que nos separa de Deus e somos levantados à novidade de vida em Cristo; é sinal da graça de Deus revelada em Cristo, que morreu e ressuscitou por nós. Pelo batismo – pelo Espírito Santo - somos unidos em um pacto com o Criador – somos vinculados com a bondade da criação de Deus e com a graça do pacto divino³

¹ Para Batismo de Criança com padrinhos

² Cf. Mt 28.19.

³ Sebastian Rodrigues. *Liturgia para el siglo XXI: Antologia de la liturgia cristiana*. Barcelona: Editorial Clic, 1999, p. 355.

Assim como a circuncisão era sinal e símbolo da inclusão na graça e no pacto de Deus, o batismo é sinal e selo (garantia) de inclusão na graça e no pacto de Deus com a Igreja. Como marca identificadora, o batismo aponta para a fidelidade de Deus; o lavar dos pecados; o novo nascimento; o revestir-se de Cristo; o ser selado pelo Espírito Santo; a adoção na família de Deus e na sua Igreja; a ressurreição e iluminação em Cristo.

O corpo de Cristo é uno e o batismo é o laço da união em Cristo. Assim como o povo está unido a Cristo pela fé, o batismo une ao povo de Deus, a uns com os outros e com a Igreja de todos os tempos e lugares (desaparecem as barreiras de classe, gênero, raça, nacionalidade, etc.).

O viver diário do batismo motiva ao arrependimento diário, à fidelidade a Deus e ao discipulado. Dá a identidade à Igreja e a comissiona para que ministre o evangelho ao mundo. A comunidade nasce da palavra e do batismo. A fidelidade de Deus representada no batismo é constante e segura, mesmo quando a fidelidade humana a Deus fracassa.

O batismo se recebe uma só vez. A eficácia do batismo não está vinculada somente ao momento em que este se realiza, já que este significa o começo e não o fim da vida em Cristo⁴. A graça de Deus trabalha incessantemente, chamando ao arrependimento e novidade de vida. A fidelidade de Deus não necessita de renovação, mas a fidelidade humana o necessita constantemente⁵.

O batismo dá apoio constante em cada ação nas diversas etapas da vida tanto naqueles cujo batismo segue a uma profissão de fé quanto naqueles que são nutridos desde a infância, dentro da família da fé.

Tanto os crentes como seus filhos estão incluídos no pacto do amor de Deus. Os filhos dos crentes não de ser batizados sem demora. No entanto, o batismo praticado sobre os que professaram sua fé e o que é aplicado às crianças, é um e o mesmo sacramento. O batismo das crianças é testemunho da verdade de que o amor de Deus chama as pessoas antes que estas sejam capazes de dar resposta em fidelidade. O batismo daqueles que entram no pacto através da profissão de fé atestam a verdade de que o dom da graça de Deus clama por uma resposta de fé.

O batismo se recebe uma só vez. No culto há diversas ocasiões em que os crentes reconhecem o trabalho contínuo da graça divina. Ao participar da celebração do batismo de outra pessoa, ao experimentar a nutrição sustentadora da santa ceia e ao reafirmar os compromissos feitos no momento do batismo, eles confessam a necessidade contínua da graça de Deus e prometem renovar a sua fidelidade ao pacto divino em Cristo⁶.

⁴ Cf. At 2. 39; 22.1b; 1 Co 6.11; Ef 1. 13-14; Tt 3.5; Gl 3. 27-28; Mt 28. 18-20; Jo 4.7-15; Ap 7.17.

⁵ Sebastian Rodrigues, op. cit., p. 356.

⁶ Cf. Efésios 4. 4-6, assim como há um só corpo, há um só batismo.

Reconhece-se todo batismo feito em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo ministrado por outras pessoas cristãs:

1. Por motivos de ordem, em situações normais o batismo será ministrado pelo Ministro da Palavra e dos Sacramentos, acompanhado da leitura e proclamação da Palavra. O batismo é celebrado em um serviço público de adoração. Circunstâncias extraordinárias podem requerer que a administração do batismo aconteça à parte da adoração de toda a congregação:
 - A) Preferencialmente que em tais situações a comunidade esteja representada por lideranças;
 - B) Que o Ministro ofereça interpretação adequada do que significa o batismo⁷;
 - C) Que após a sua realização, tal batismo seja informado à congregação.
2. A direção da igreja poderá também autorizar a celebração do batismo por capelães em hospitais, escolas, prisões ou em qualquer outro lugar em que o ministério tenha sido estabelecido. Importante nestes casos é o acompanhamento e registro por parte de uma comunidade cristã, mesmo que no local não exista uma, mas que no futuro possa se tornar uma realidade.

PROJETO DE UMA EQUIPE BATISMAL

Responsabilidades dos líderes quanto ao batismo (equipe batismal):

- 1- Orientar aos pais a que apresentem os filhos para o batismo;
- 2- Garantir que as crianças batizadas possam ser instruídas adequadamente e ser ensinadas na vida cristã – responsabilidade dos pais e da comunidade;
- 3- Admitir ao batismo imediatamente após instrução e exame correspondente aqueles que ainda não foram batizados e que fizeram declaração pública de sua fé;
- 4- Registrar a todas as pessoas batizadas em registro correspondente como membros da congregação;
- 5- Prover aos que são batizados nutrimento no entendimento e significado do batismo, Ceia do Senhor, e a relação entre estes. A congregação como um todo, e em nome da Igreja universal, assume a responsabilidade de nutrir as pessoas batizadas a respeito da vida cristã. Pessoas da comunidade (como representantes desta) poderão ser incumbidas a ensinar e a serem tutoras (pais espirituais, conselheiros, padrinhos, tutores, educadores). Preferencialmente quando uma

⁷ Sebastian Rodriguers, op. cit., p. 357.

criança é trazida para o batismo, os pais ou os que exercem esta autoridade deveriam ser ativos na congregação. Eles prometem que haverão de nutri-la e guiá-la na comunidade de fé, até que a criança esteja apta para uma profissão de fé pessoal e para assumir a responsabilidade como membro ativo da igreja.

LITURGIA BATISMAL

Hino processional: *(Pais e padrinhos entram na igreja com a criança, seguidos da comunidade).*

Saudação apostólica:

P – A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vocês.

C – *E contigo também.*

P – Estamos reunidos em nome de Deus, nosso Criador, Redentor e Santificador, para celebrar a entrada de mais uma (*número*) criança ao povo de Deus.

Oração:

P – Deus de todo o poder e misericórdia, pelo nosso batismo na morte e ressurreição de teu Filho Jesus Cristo fomos recebidos por ti para sermos teu povo. Renova-nos diariamente pelo teu Santo Espírito, para que possamos servir-te em justiça e verdade. Mediante Jesus Cristo, teu Filho, nosso Senhor...

C – *Amém.*

Hino:

A LITURGIA DA PALAVRA

Primeira leitura: *(Sugestões de leituras: Dt 30.15-20^a; Jr 31.31-34; Ez 36.24-28; Rm 5.1-5; 6.3-5; Ef 4.1-6; Tt 3.3-8^a; 1 Pe 2.4-10; Ap 21.5-7 – A(s) leitura(s) pode(rão) ser feita(s) pelo pai, mãe, padrinho ou madrinha).*

Hino de aclamação ao Evangelho:

C – *Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia. (2x)*

Leitura do Evangelho:

P – O Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, segundo Marcos, no capítulo 10, os versículos 13-16, nos diz: *(procede-se a leitura do texto. Terminada a leitura o oficiante dirá:)*

P – Palavras do Senhor.

C – *Louvido sejas, ó Cristo!*

Hino:

Alocução ou homilia batismal

Hino batismal

Apresentação da criança:

P – Quem apresenta esta criança para ser batizada?

Pai ou mãe: *Eu apresento (nome) para receber a graça de Deus pelo Santo Batismo.*

Compromisso:

P – Somos todos convocados a orar por esta criança e guiá-la no caminho do Senhor, também auxiliá-la a viver em palavras e ações o serviço cristão no mundo. Eu pergunto: Estimados pais, vocês prometem auxiliar o filho (a) de vocês a viver diariamente, em palavras e ações, o batismo ?

Pai e mãe: *Sim, nós prometemos.*

P – E vocês, padrinhos e madrinhas, prometem colaborar para que o seu afilhado(a) viva em palavras e ações o serviço cristão no mundo?

Padrinhos e madrinhas: *Sim, nós prometemos.*

P – E vocês, queridos irmãos e irmãs desta comunidade, prometem acompanhar testemunhar o amor, o carinho, a bondade e a ajuda de Deus para com o/a (*nome da criança*), e também prometem auxiliá-lo (a) para que ele viva, em palavras e ações, o serviço cristão no mundo?

C – *Sim, com a ajuda de Deus.*

Hino: (*Enquanto a comunidade canta, crianças podem se aproximar da fonte batismal; é derramada água na fonte batismal; pais e padrinhos, juntamente com a criança, são convidados a se aproximarem da fonte batismal*).

Ação de graças ou Oração das águas:

(*A comunidade se põe de pé para a oração*)

P – Bendito sejas, Senhor, Deus do Universo, Criador de céu e terra, pela dádiva da água, com a qual vens sustentando a tua Criação. Já na origem do Universo o teu Espírito pairava por sobre as águas. De acordo com o teu reto juízo condenaste o mundo incrédulo nas águas do Dilúvio e conservaste o crente Noé e sua família. Nas águas do Mar Vermelho, afogaste o endurecido Faraó com todo o seu exército e conduziste o teu

povo Israel através do mesmo em terra seca, prefigurando, com isso, este banho em teu santo batismo; e que, nas águas do Jordão, pelo batismo de teu Filho, o Verbo encarnado, consagraste todas as águas para nossa salvação e uma rica lavagem dos nossos pecados. Fiéis a Jesus Cristo, teu Filho, nosso Salvador, que ordenou a seus apóstolos: “Ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a guardar tudo o que vos tenho ordenado”, rogamos-te, Senhor: que pelo banho regenerador desta água manifestes a tua misericórdia, que queiras olhar graciosamente para esta criança e abençoa-la com fé verdadeira, concedendo-lhe nova vida, para que, morrendo e ressuscitando em Cristo, se torne plena do Espírito Santo, a fim de servir-te no povo da nova e eterna aliança que, da escravidão do pecado, por Cristo libertaste. Por Jesus Cristo, teu Filho, que vive e reina contigo e o Espírito Santo, de eternidade a eternidade.

C – Amém.

Renúncia: *(Pais, padrinhos e comunidade renegam a maldade, declaram fidelidade a Cristo e manifestam disposição de dar testemunho de sua fé)*

P – Estimados pais, padrinhos e comunidade. Nossa vida está cheia de perigos, tentações e desespero, de injustiças e opressão, que devem ser denunciados e expostos, pois na cruz Cristo já os venceu.

Estimados pais e padrinhos! As forças do maligno com seus poderes e armadilhas, diariamente procuram afastá-los do amor de Deus. Por isso, pergunto-lhes: Pelo poder do Espírito Santo, vocês renunciam a todas estas artimanhas do Diabo, ao egoísmo que está presente em cada um, a todas as formas de violência e injustiças, e desejam abandonar tudo o que os impede de viver plenamente os ensinamentos de Jesus Cristo?

Pais e padrinhos: *Sim, nós renunciaremos aos poderes do mal e a tudo que nos impede de viver os ensinamentos de Jesus Cristo.*

Profissão de fé:

P – Então, confessemos a nossa fé, na qual ingressamos mediante o batismo e na qual também esta criança será batizada.

C – Creio em Deus Pai ... (Credo Apostólico).

Ato do batismo:

P -(nome da criança), eu te batizo em nome do Pai (mergulha a criança ou derrama água pela primeira vez), e do Filho (mergulha a criança ou derrama água pela segunda vez), e do Espírito Santo (mergulha a criança ou derrama água pela terceira vez).

Imposição de mãos e selagem (*O sinal da cruz é feito com o dedo polegar, com óleo, na fronte da criança. O oficiante impõe a mão sobre a criança. Pais, padrinhos e comunidade também poderão estender uma mão em direção à criança*).

P – O Todo-Poderoso Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, que fez você renascer pela água e pelo Espírito, libertando-o/a dos poderes do pecado e da morte, o/a preserve por graça, na vida (+) eterna. Agora você faz parte do povo de Deus. Que ele o consagre com óleo santo para que, inserido/a em Cristo – sacerdote, profeta e rei – continue no seu povo, seguindo os passos de Deus e permanecendo nele para sempre. A paz seja com você.

C – *Glória ao Pai, e ao Filho, e ao Espírito Santo, como era no princípio, agora é e para sempre será, de eternidade a eternidade. Amém.*

Veste batismal⁸: (*É feita uma alusão à veste Branca que a criança está usando*)

P - (*Nome da criança*), você nasceu de novo e foi revestido/a de Cristo, por isso traz a veste batismal. Que seu pai, sua mãe e seus padrinhos, juntamente com toda a comunidade, o/a ajudem por exemplos e palavras a conservar a dignidade de filho de Deus para sempre.

C – *Amém.*

Rito da luz⁹: (*Pai e mãe vão com a criança até as velas que se encontram sobre o altar, ou aonde está o círio pascal. Acendem a vela que o batizando recebeu da comunidade*).

P – Jesus Cristo nos torna vocacionados a sermos luz para o mundo. Somos chamados para andar na luz de Cristo, que é a Luz do mundo. Que a luz de Cristo brilhe no mundo através da doação e disposição ao serviço de amor ao próximo. Deixemos a luz de Cristo brilhar diante das outras pessoas.

Canto pela comunidade:

Entrega do sal¹⁰: (*a- A mãe recebe um pouco de sal e coloca na boca da criança. b- O oficiante simplesmente tomando um pouco de sal nas mãos faz referência a seu significado*)

⁸ É um item opcional, mas significativo dos antigos ritos batismais.

⁹ É outro costume antigo da Igreja Cristã, que lembra as palavras de Jesus “Vós sois a luz do mundo”, é sinal da própria ressurreição e prontidão e disposição para o serviço no reino de Deus.

¹⁰ Este ingrediente tem sido usado para conservar e dar sabor aos alimentos. A figura de linguagem usada por Jesus também lembra que os cristãos são instrumentos de Deus na conservação e “sabor” da vida no mundo.

P – Vocês são o sal da terra, disse Jesus. Que Deus a conserve em seu amor.

Oração e bênção aos pais

P – Oremos. Ó Deus, que olhas por nós como um Pai amoroso que cuida de seus filhos, rogamos-te por este casal aqui presente. Faze com que encontrem alegria na dádiva que lhes confiaste. Ilumina-os com tua Palavra e fortalece-os com os teus sacramentos, para uma paternidade responsável diante de ti. *(Impondo as mãos sobre o casal, o pastor dirá:)* Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

C – *Amém.*

Recepção pela comunidade:

C – *Pelo Batismo em Cristo, esta criança ingressou no sacerdócio do povo de Deus. Que ela possa crescer na graça, a fim de proclamar a glória de Deus e sua justiça, como trabalhadora na seara do Senhor. Nossas boas-vindas!*

Entrega da lembrança batismal: *(Por um representante da comunidade)*

Gesto da paz

Oração de intercessão

LITURGIA DA SANTA CEIA

Avisos comunitários

Bênção e envio.

Paulo Gerhard Pietzsch

CIDADÃOS DA CIDADE DO PECADO E DA CIDADE DA PAZ

Lucas 19.41-48

INTRODUÇÃO

Cidade do Pecado é um filme que está estreando nos cinemas. Segundo alguns críticos, o filme retrata um universo de um mundo perdido e corrompido, um mundo sem lei para cada um realizar seus desejos sexuais distorcidos. É um universo escuro e imoral, um universo de contradição, em que um assassino lê a Bíblia enquanto vigia o terreno onde ocorrem crimes. É um quadro para se chorar.

O FATO

Jerusalém não era a cidade do pecado, mas quase. Os muros imponentes e o *glamour* do templo não conseguiam esconder aos olhos oniscientes do Senhor Jesus o universo de corrupção e contradição da cidade da paz que não estava em paz. Cidade para a qual estava sendo oferecida a paz, mas que se recusava a recebê-la.

O TEXTO

Jesus chora por uma cidade destinada à destruição. Cidade envolvida num universo de corrupção em que o templo era usado para realização de negócios suspeitos. Um universo de contradição em que escribas, fariseus e líderes tinham numa mão a Bíblia e com a outra tapavam os olhos para o Messias prometido. Na cidade da paz que não percebia a paz, havia alguns que ficaram fiéis ao Senhor Jesus, que ficaram “pendurados” (**Lc 19.48**) no Príncipe da Paz. Esses garantiram a frustração dos planos de interferência humana no programa de salvação divino, mas não do anúncio da destruição futura e nem do choro do Senhor Jesus.

Em soluços, Jesus lamenta pelo futuro julgamento divino ao qual a cidade da paz que não percebia a paz estava destinada. Os soluços foram de dor, de ira e de amor. De ira porque a cidade seria aniquilada totalmente pela dureza dos corações e cegueira dos habitantes de Jerusalém. De amor, porque não passa de um momento sua ira (SI 30.5) e lá estavam pecadores recipientes do amor de Deus.

ENSINO/APLICAÇÃO

O filme Cidade do Pecado estreou no último fim de semana nos cinemas. A nossa estréia na cidade do pecado aconteceu no dia que nascemos. O meu e o seu pecado nos remetem, não só à tela do filme, mas nos torna personagens dele. Fazemos parte desse mundo de corrupção e contradição.

Somos corrompidos, pois pensamos, praticamos e planejamos o mal que não queremos e o bem que gostaríamos, deixamos de fazer. Nossos desejos são distorcidos, manifestamos vaidade e orgulho, falhamos no falar, no avaliar, no ensinar, no aprender, no conviver, no julgar.

Também vivemos num mundo de contradição: numa mão a Bíblia, com a outra tapamos os nossos olhos para a vontade de Deus, para sua missão, para o testemunho. É um quadro para se chorar. E Jesus chora.

Só que não são choros de soluços, com os quais Jesus lamentava sobre Jerusalém, mas são lágrimas de amor.

Como filhos batizados fomos resgatados da cidade do pecado e transferidos para a cidade da paz, onde Cristo reina e governa (CI 1.13). O preço do resgate foi o sangue derramado do Senhor Jesus, que agora também não poupa suas lágrimas para se colocar ao nosso lado e nos perdoar nossas corrupções e contradições. Para se pôr junto na hora da dor, da tristeza, do sofrimento, da cruz, da saudade, que ainda fazem parte desta cidade.

As lágrimas de Jesus por mim e por você são de amor, pois somos filhos redimidos dele. Porque ele sabe da nossa vontade de acertar, do nosso desejo de seguir sempre os caminhos de Deus, de ensinar bem, de avaliar corretamente, de aprender, de testemunhar, de conviver bem e de cumprir a Missão de Deus perfeitamente.

CONCLUSÃO

O mundo de corrupção e contradição da Cidade do Pecado é o nosso mundo.

O mundo da Cidade da Paz, que foi alcançada pela paz do Rei Jesus também. Vivemos nas duas cidades, mas o poder do reino da paz se sobrepõe a qualquer outra força. Jesus é nosso Rei e Senhor e isto não está oculto aos nossos olhos e é tão importante, tão decisivo, que se a proclamação desta verdade não for feita, as pedras o confessarão (Lc 19.40).

Por isso, aquilo que praticamos na cidade do pecado está mais para ficção ou história em quadrinhos do que realidade, pois são momentos sempre apagados pelo sangue do Senhor Jesus.

A paz da outra cidade já é realidade. Realidade já é a paz, o perdão, o consolo, a direção de Deus, sua presença no Batismo, Palavra e Ceia. Isto já é realidade e são dádivas antecipadas da cidade eterna, cidade onde não haverá mais corrupção, nem contradição, nem sofrimento, nem dor, nem pecado, nem morte. Cidade em que contemplaremos a face do Cordeiro, que do meio do trono nos apascentará e enxugará as nossas lágrimas (**Ap 7.17**) que, acredito, serão derramadas pela alegria de estar na presença do Senhor e Rei Jesus e somente na cidade da paz. Amém.

Prof. Anselmo Ernesto Graff
Mensagem proferida na devoção do
Seminário Concórdia no dia 03/08/2005.

A FELICIDADE DE PEDRO E NOSSA TAMBÉM

Mateus 16. 13-20

Num domingo de congresso de servas, a gente poderia ter escolhido um texto especial, que focalizasse o trabalho das mulheres. Mas, como é costume entre nós, dá-se preferência a um dos textos apontados para o dia. Como neste ano estamos lendo Mateus, cabe-nos hoje Mateus 16.13-20, que é o trecho central deste Evangelho.

Trazer uma mensagem para o congresso de servas, com esse texto, é, sem dúvida, um desafio. Não aparece aqui nenhuma mulher. A pessoa que, a princípio, recebe maior destaque é Pedro. As traduções colocam o título: A confissão (afirmação) de Pedro. Mas, um exame um pouco mais atento logo vai revelar que o maior destaque fica mesmo com Jesus.

Tudo aconteceu mais ou menos no começo da reta final do ministério de Jesus. Ele fez um retiro com os seus discípulos, indo para a Serra, na região Norte (literalmente fora) da terra de Israel. Cesaréia de Filipe era a cidade mais desenvolvida naquela região. (O nome Cesaréia era homenagem a César, o imperador; mais ou menos como Brasília em relação a Brasil.) Durante o retiro, Jesus decide fazer uma pesquisa de opinião pública. “Quem diz o povo que o Filho do homem é?” Pergunta importante. Assim como hoje, quando as pessoas pensam que Jesus foi tudo o que dele se possa imaginar: rebelde, pacifista, anarquista, patriota, profeta, vegetariano e vagabundo. Naquele tempo não era muito diferente. Para as pessoas de Nazaré, ele era simplesmente o filho de um carpinteiro. Para outros, um grande mestre, um profeta. Era o que mostrava a pesquisa popular: um profeta. A resposta foi: João Batista, Elias, Jeremias – todos profetas.

Respondida a pergunta inicial – quem o povo diz que eu sou? – Jesus faz o que geralmente uma pessoa que encomenda uma pesquisa nunca faria: ele pergunta a opinião do pesquisador (ou instituto de pesquisa). Só que, neste caso, os pesquisadores eram os discípulos dele. Era como perguntar para os amigos. “E vocês aí? Quem vocês dizem que eu sou?” E quando a coisa se torna pessoal, aí mexeu com Simão Pedro. Ele toma a

palavra e, como se fosse o diretor do instituto de pesquisa, dá uma sonora resposta:

— O senhor é o Messias (o Cristo), o Filho do Deus vivo.

Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo. Parece uma resposta simples. Aparentemente nenhuma novidade. Dizemos: Jesus Cristo, Filho de Deus. Só que, na situação em que Jesus e os discípulos se encontravam, aquela era uma afirmação fora de série. Depois da pergunta do rei Herodes, no capítulo 2, quando da visita dos magos, (“onde o Cristo deveria nascer”), e de algumas referências que o evangelista faz ao Cristo ao longo do seu texto (Mt 1.1,16,17,18; 11.2), esta é a primeira vez que, em Mateus, se diz que Jesus é o Cristo. E quem diz, em nome de seus colegas todos, é Pedro. Jesus é o Cristo, o ungido, o escolhido de Deus, que havia sido prometido ao longo de todo o Antigo Testamento.

Meio sem querer, querendo, Pedrinho acertou em cheio. Ele percebeu alguma coisa que poucos mais puderam perceber: Jesus é o Cristo. (Só que o termo “Messias/Cristo” era problemático, pois tinha um forte componente político. Era falar Messias que as pessoas já pensavam logo em armas e guerra. Por isso, ao final dessa conversa no meio daquele retiro, Jesus ordenou que seus discípulos não contassem a ninguém que ele era o Messias - v.20).

Em resposta à confissão de Pedro, Jesus toma a palavra. O muito do que ele disse está registrado apenas em Mateus.

São palavras famosas. Palavras importantes. Palavras de Jesus que, interpretadas de forma diferente, até separam denominações cristãs entre si. Palavras que falam de felicidade. Palavras que apresentam a Igreja (primeira vez que essa palavra ocorre no NT!). Palavras que nos alegram e animam. Palavras profundas, mas nas quais vale a pena meditar, ainda que só de passagem.

Jesus disse três coisas: 1. você é feliz (porque tem uma confissão); 2. eu vou construir a minha Igreja (em cima da pedra [que é essa confissão]); 3. você terá uma missão nessa Igreja. (Cada afirmação tem uma frase inicial, seguida de mais dois elementos.)

Primeira afirmação: Você é feliz.

Diz o texto: — Simão, filho de João, você é feliz porque esta verdade não foi revelada a você por nenhum ser humano, mas veio diretamente do meu Pai, que está no céu.

Pedro é feliz. Estranha felicidade. Felicidade (ou bem-aventurança; e felicidade é bem mais que alegria) porque Deus lhe revelou algo que ele, agora, devolve para Deus, dizendo quem é Jesus. Nossas confissões de fé são todas assim. Não são nossas conclusões, deduções, opiniões, mas

revelações de Deus, com palavras que vêm do próprio Deus. Os Credos são assim (“e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido ...”): tudo tirado diretamente da Bíblia.

Deus entrou na vida de Pedro e lhe deu uma confissão a fazer. E aqui podemos fazer uma ponte com o lema do congresso: Nascidos como filhos e filhas de Deus. Luteranos tendem a ter dificuldades em dizer como e quando nasceram ou renasceram como filhos de Deus. (Às vezes é bem mais fácil lembrar quando entramos na igreja, nos tornamos membros ativos, qual o primeiro congresso de que participamos, etc.) Não deveríamos, porém, ter nenhuma dúvida: renascemos como filhos/as de Deus no momento em que Deus entrou em nossas vidas e se revelou a nós. Ele nos deu nova vida, no batismo, algo que não nos foi dado por nenhum ser humano. Em outras palavras, a mão que me batizou foi, sim, a mão do meu pastor, mas muito mais do que isso: foi a mão de Deus que me acolheu para ser seu; foi Deus se revelando a mim, fazendo de mim um ser nascido de novo.

E agora temos uma confissão a fazer: Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo. Confissão que brota do batismo e nos faz felizes – felizes porque é parte da revelação de Deus. Portanto, a felicidade de Pedro é a nossa também.

Jesus fez uma segunda afirmação: Eu vou construir a minha igreja. Diz o texto: Portanto, eu lhe digo: (que) você é Pedro, e sobre esta pedra construirei a minha Igreja, e nem a morte (as portas do inferno) poderá (poderão) vencê-la.

Estas palavras de Jesus estão no centro de muita controvérsia dentro do cristianismo. Jesus disse: Você é Pedro. E nós perguntamos: Que novidade há nisso? Acontece que antes ele tinha sido chamado de Simão, filho de João. Mas o que entra na discussão é o que segue: “Você é Pedro, e sobre esta pedra construirei a minha Igreja”. Jesus faz um jogo de palavras, que existe até no português: Pedro – pedra. (Pedra, neste caso, é “pedrão”, rocha, pois ninguém constrói nada em cima de uma pedra isolada.) Aqui se discute se a pedra ou rocha é Pedro, a confissão que Pedro fez, as duas coisas juntas (Pedro na medida em que faz a confissão), ou, ainda, algo diferente, como as palavras do próprio Cristo (Mt 7.24). Mas esta ainda não é a discussão principal. Mencionei antes que estas palavras dividem denominações cristãs entre si. De fato: a Igreja Católica Romana toma essas palavras para fundamentar o primado do papa, ou seja, o bispo de Roma manda na igreja, tem autoridade sobre todos os outros bispos. Onde está isto, nas palavras de Jesus? Não está. A liderança de Pedro é algo que os Evangelhos, o livro de Atos, e as Epístolas do NT confirmam. Subentendido está, na visão católico-romana, que Pedro foi o primeiro bispo

de Roma, e por Jesus lhe ter dado a liderança, a mesma liderança (primado) é transmitida àqueles que ocupam o “trono de São Pedro”. A grande pergunta aqui é: Pedro teve um sucessor? A igreja romana está convencida que sim; as igrejas protestantes, a começar com Lutero, e as igrejas ortodoxas orientais não concordam. E está estabelecido o racha.

Só que, nessa discussão, a gente facilmente esquece o que vem junto ou depois, nessas palavras de Jesus: construirei a minha Igreja, e nem a morte (as portas do inferno) poderão vencê-la.

Jesus constrói a sua Igreja. A Igreja é, de fato, construída (o Reino de Deus vem). E quem a constrói é Jesus. E ninguém vai conseguir destruí-la. Nem eu, nem vocês – por mais que tentemos (e, se fosse possível, nós até seríamos capazes de tanto) – nem morte, nem portas de inferno, nem ateísmo, nem consumismo, nem liberalismo, nem relativismo conseguirão destruí-la. Muitos já quebraram a cara, profetizando o fim da igreja. Muitos até tentaram acabar com ela. Josef Stalin não conseguiu, na Rússia. Mao-Tse-Tung não conseguiu, na China. A igreja sempre vai existir. Nós confessamos isso na Confissão de Augsburg, Artigo VII (outra confissão que sai diretamente da Bíblia, ecoando a promessa de Jesus): “Ensina-se também que sempre haverá e permanecerá uma única santa igreja cristã, que é a congregação de todos os crentes, entre os quais o evangelho é pregado puramente e os santos sacramentos são administrados de acordo com o evangelho”.

Está prevista muita luta: portas do inferno contra a Igreja. Mas a vitória é de Cristo. Também isto é fonte de felicidade. Também isto é ânimo para aqueles que, como nós, estamos envolvidos no trabalho da Igreja e às vezes nos perguntamos: Tem futuro? Tem, sim.

Terceira afirmação: Você terá uma missão nessa Igreja.

Jesus diz: Eu lhe darei as chaves do Reino do Céu;

o que você proibir (ligar) na terra será proibido (ligado) no céu, e o que permitir (desligar) na terra será permitido (desligado) no céu.

Outra afirmação de felicidade – para nós. No caso de Pedro, foi a entrega de uma tarefa. Pedro recebeu as chaves do reino do céu. Sabe aquela história de que São Pedro controla o tempo, se chove ou se faz sol? Acho que isso deve ter sido tirado de uma leitura superficial deste texto. Na verdade, estas chaves são as chaves para ligar e desligar, proibir e permitir, reter pecados e perdoar pecados. São as chaves da liderança espiritual. São as chaves do ministério pastoral.

Para Pedro, seus colegas apóstolos, os pastores que vieram depois deles, os pastores de nosso tempo, um encargo; para nós, felicidade. Sim, porque sem eles essa revelação de Deus em nossas vidas, o novo nascimento,

a dádiva de uma confissão de fé não seriam possíveis para nós. Como diz a Confissão de Augsburg, Artigo V: “Para conseguirmos esta fé (a fé verdadeira em Cristo, que Deus atribui como justiça diante de si, conforme o Artigo IV), instituiu Deus o ofício da pregação, dando-nos o evangelho e os sacramentos, pelos quais, como por meios, dá o Espírito Santo, que opera a fé, onde e quando lhe apraz, naqueles que ouvem o evangelho ...”

Feliz é Pedro, felizes somos nós. Porque, renascidas como filhas de Deus, recebemos uma confissão a fazer, estamos numa Igreja que sempre permanecerá, e, nela, temos quem nos prega o evangelho e administra os sacramentos. Parece pouco, mas não é.

Prof. Wilson Scholz

Mensagem do proferida no Congresso de Servas do Distrito Concórdia, em Portão, RS, no dia 21 de agosto de 2005.

O lema do congresso foi: Nascidas como filhas de Deus.

SERVIDOS PELO REI

Lucas 17.11-21

Jesus está a caminho de Jerusalém. Estar a caminho de Jerusalém é estar também a caminho da cruz. Lucas nos conta, quase por acaso, que ele está passando entre Samaria e a Galiléia. É um trajeto de alto risco. Passar entre Samaria e Galiléia é como passar hoje entre a Bósnia e a Croácia, entre Faixa de Gaza e Hebrom, entre Israel e o Líbano. Ao passar de uma vila para outra, Jesus está caminhando sobre a tênue e perigosa linha racial e religiosa entre samaritanos e judeus.

No meio desse trajeto ele é atraído por um grupo de dez leprosos. O grupo é formado por judeus e samaritanos. Estão juntos. Na doença o ser humano se agrega, esquecendo suas diferenças, até mesmo raciais e religiosas. Como leprosos, eles são discriminados. Por isso, mantêm distância de Jesus e pedem por misericórdia. Jesus é um Rabi, um Mestre. Há um ditado na literatura tradicional judaica que diz: “Se você pedir alguma coisa a um Rabi, você a recebe. Se tiver sorte você recebe uma moeda; se tiver azar você recebe uma bênção”. E eles pediram àquele Rabi, não uma moeda, mas misericórdia – *kyrie eleison!* - e receberam misericórdia.

Nove destes leprosos curados desaparecem de cena, desaparecem do evangelho de Lucas, desaparecem da história. Não temos a mínima noção do que aconteceu com eles. Será que casaram? Será que se estabeleceram na vida? Tiveram filhos e netos para quem contaram esse episódio tão marcante em suas vidas? Deles nós nada mais sabemos.

Mas a história segue os passos de um destes antigos leprosos, um samaritano, alguém que não era da igreja, digamos assim. Ao se dar conta que sua pele estava livre das manchas, ele pára no meio do caminho e volta. Antes de começar a desfrutar a vida como uma pessoa normal, mesmo antes de ir ao encontro de seus familiares, ele volta a Jesus para agradecer.

O que nos ensina este episódio? O que ele significa para nós? Uma forma errada de olhar para este episódio – e muito comum ainda hoje – é extrair dele uma conclusão moralista. Conclusões como: se recebemos um

presente, temos o dever de agradecer. Se recebemos uma graça especial de Deus, temos o dever moral de dizer “obrigado” a Deus. E ainda se acrescenta: vejam, apenas um dos leprosos curados voltou, mas é assim que o mundo é. Apenas 10% das pessoas se mostram agradecidas - e que isso sirva de exemplo para nós. Mas será esta a conclusão que tiramos desta história?

Se for esta a conclusão, então a lição desta história é que sejamos agradecidos, agradecidos aos outros e especialmente a Deus. E por falar nisso, deveríamos fazer muitas outras coisas para mostrar tal agradecimento. Para alguns pregadores estes leprosos agradecidos deveriam demonstrar seu agradecimento de maneira concreta:

participando com mais frequência dos cultos,
envolvendo-se mais nas atividades da igreja,
e, quem sabe, dando uma oferta maior para a igreja.

Para um pregador politicamente correto estes leprosos deveriam manifestar seu agradecimento ajudando

a construir um hospital,
a protestar contra o racismo e a discriminação,
quem sabe fundar uma ONG.

No fim, a história acaba na proposta de uma pesada carga de moralismo. E moralismo, como sabemos, não tem nada de evangélico.

Será que não há uma aplicação diferente para nós nessa história? Parece-me que sim. O contexto desta história, como sempre, é importante. A história dos dez leprosos pertence a um bloco de material de narrativas que fala do futuro, das últimas coisas, da escatologia. Na passagem que segue imediatamente a este episódio, Jesus diz: “O Reino de Deus está entre vós”. O Reino de Deus, que é do futuro, está no presente, está entre nós. E o que se diz desse Reino?

Uma dica aparece na passagem que vem antes do nosso texto, numa palavra de Jesus a respeito da relação entre o mestre e o servo. Jesus faz uma pergunta retórica a seus discípulos: “O que você dirá ao servo quando ele voltar do campo: Venha logo e sente-se à mesa para jantar?” A resposta é evidente: “Não! Você diz ao servo: prepare o jantar para mim, ponha o avental, e me sirva”. Jesus então pergunta: “Por acaso o servo merece agradecimento porque obedeceu às suas ordens e fez o que tinha de fazer?” A resposta é: Não, ele não merece agradecimento. Em outras palavras, esta passagem mostra que o servo deve fazer o seu trabalho e que não se precisa agradecer a ele porque apenas faz a sua obrigação. Isso implica

que a gratidão não vem como resposta a uma obrigação, mas a gratidão vem em resposta a algo que é surpreendente e inesperado.

É aqui que começamos a perceber a diferença entre os nove leprosos que não expressaram gratidão e o samaritano que voltou para agradecer a Jesus. Para aqueles nove, Jesus era apenas um servo que estava fazendo a sua obrigação, o seu dever, e como tal não precisa receber agradecimento. Será que com a gente não acontece algo parecido?

Senhor, cura a minha doença!
responde às minhas orações!
protege a minha família!

Afinal, não é essa a obrigação de Deus? O poeta alemão Schiller disse certa vez: “Se Deus me criou, ele tem a obrigação de me salvar”. Não é assim que às vezes pensamos?

Entretanto, o samaritano em nosso texto percebe que alguma coisa extraordinária, surpreendente e imerecida havia acontecido com ele. Ele entendeu que a sua cura não era resultado de uma obrigação, mas resultado da graça que havia respingado da parte de Deus e havia transformado a sua vida. Ele estava entendendo o que os discípulos iriam entender logo a seguir: O REINO DE DEUS ESTÁ ENTRE VÓS. O samaritano sabia que ele não tinha sido servido por um servo, mas sim pelo próprio Rei.

I RMÃOS E I RMÃS!

O Reino de Deus está, sim, entre nós na pessoa de Jesus Cristo. Ele trilhou o caminho de risco que *apenas Ele* podia trilhar. Chegou a Jerusalém. Ali trilhou o caminho que *nós* deveríamos trilhar. Com sua morte, ressurreição e ascensão Ele curou nossas doenças, enfermidades e pecados. Por sua misericórdia e graça o Rei nos acolhe e nos torna participantes do seu Reino eterno. *Kyrie eleison!* Graças te damos, Senhor! Amém.

Prof. Acir Raymann

Devoção proferida na capela do Seminário no dia 31 de agosto de 2005.

DEUS NOS FAZ PARTICIPANTES DE SUA FESTA

21º domingo após Pentecostes

Mateus 22.1-14

1. Esta festa é gratuita
2. A festa é para todos

Destaque (v. 4): *“Eis que já preparei o meu banquete; os meus bois e cevados já foram abatidos, e tudo está pronto; vinde para as bodas”*.

Uma festa de casamento sempre tem seus dias de preparo, de planejamento e de muito trabalho. É necessário planejar bem, preparar-se bem e trabalhar muito para que os convidados possam se sentir bem e se alegrar junto com os noivos.

O texto do evangelho para o 21º domingo após Pentecostes fala de uma festa de casamento. E, apesar de sermos os integrantes principais desta festa, nada precisamos fazer; esta festa já está pronta. Não interessa a nossa origem, pois a festa é destinada para todos. Podemos simplesmente nos deliciar e nos alegrar com esta festa. É a festa de casamento de Jesus com a sua noiva: a igreja. E esta noiva, ou esta igreja somos todos nós, livres de nossos pecados pela obra do próprio noivo que deu a sua vida pela igreja e ressuscitou para que nós fôssemos participantes de sua festa.

Deus nos faz participantes de sua festa. E a festa é gratuita. Não precisamos levar presentes e nem pagar pela festa. Aliás, nem teríamos com que pagar a festa. Jesus nos convida para a festa enviando mensageiros com o convite: “Dizei aos convidados: Eis que já preparei o meu banquete; os meus bois e cevados já foram abatidos, e tudo está pronto; vinde para as bodas” (Mt 22.4). Onde a palavra de Deus é pregada está sendo oferecida esta festa para aquela igreja reunida. O convite de entrada é o Batismo e a refeição, que mantém os membros de uma igreja em constante saúde espiritual, é a Santa Ceia.

Esta festa já estava prevista desde o Antigo Testamento. É uma festa constante que inicia já aqui e se prolonga pela eternidade. O profeta Isaías predisse esta festa, dizendo: “O Senhor dos Exércitos dará neste monte a todos os povos um banquete de coisas gordurosas, uma festa com vinhos velhos, pratos gordurosos com tutanos e vinhos velhos bem clarificados” (Is 25.6). Isto significa comida e bebida da melhor qualidade e sabor. Aliás, somos atraídos por boa comida. Uma comida saborosa, uma bebida deliciosa nos traz prazer e alegria. Numa festa, comida e bebida nos atraem e nos estimulam ao convívio, à confraternização e diversão. No entanto, a festa que Deus nos prepara vai além de qualquer imaginação do melhor prato que possamos preparar. Nossas festas de casamento, de aniversário e de qualquer outro motivo, são festas para alguns momentos. Mas a festa de Deus é para sempre; é alegria sem fim.

Além disso, não podemos esquecer: a festa que Deus nos prepara com o noivo Jesus é para todos. Os primeiros convidados para esta festa foram as pessoas do Antigo Testamento. Foram os convidados especiais, pois estes convidados foram feitos povo de Deus desde o chamado de Abraão para sair de sua terra a fim de constituir uma nação. Mas estes convidados não quiseram vir para a festa. Hoje, todos nós somos convidados para esta festa. Será que nós também não somos como muitos do povo escolhido do Antigo Testamento, rejeitando em muitas oportunidades o convite de Deus para esta festa?

Durante a história do povo de Deus do Antigo Testamento, Deus continua a convidar este povo para a festa. Seu convite, agora, é mais enfático. Deus quer alegrá-los com uma festa pronta e deliciosa: “Eis que já preparei o meu banquete; os meus bois e cevados já foram abatidos, e tudo está pronto; vinde para as bodas” (Mt 22.4). Mas, qual foi a reação dos convidados? Não se importaram, cada um continuou a fazer suas lides diárias; alguns até maltrataram e mataram os servos que haviam anunciado o convite. O resultado desta indiferença foi que o povo escolhido por Deus no Antigo Testamento foi exterminado como convidado especial da festa. Infelizmente o povo escolhido por Deus do Antigo Testamento não aceitou a festa de casamento com o noivo, Cristo. Os convidados especiais maltrataram e até mataram profetas e muitos não aceitaram a mensagem de João Batista que os advertia para que se arrependessem de seus pecados e recebessem o Messias prometido. Passaram a ser convidados indignos.

Mas, festa sem convidados não existe. Por isso, agora, o convite é para todos. O rei não desiste em buscar convidados; convoca os seus servos e lhes dá a tarefa: “Ide, pois, para as encruzilhadas dos caminhos e convidai para as bodas a quantos encontrardes” (Mt 22.9). Agora, sim, a casa ficou cheia. Convidados fora do convívio direto com o rei vieram para a festa. Vieram para se alegrar e para se sentirem em comunhão com o rei.

Chegou o nosso momento de integrarmos esta festa. Não somos do povo escolhido de Deus que perfazia o Antigo Testamento. Somos os gentios, para quem Cristo também veio. E, por isso, nós estamos hoje aqui, participando desta festa, onde existem palavra e sacramentos. Cada culto que celebramos, cada batismo e santa ceia que administramos, cada estudo bíblico que realizamos é nosso momento de festa com o noivo Jesus. Pois a igreja de Jesus Cristo é sua noiva, reunida em torno de sua palavra. Estes momentos são já uma antecipação da festa plena que continuará no céu com todos os crentes de todos os tempos, incluindo os fiéis do Antigo Testamento que aguardavam com fé a vinda do noivo.

Na parábola do texto de hoje nos é dito que o rei ficou alegre com a vinda dos convidados. Podemos imaginá-lo indo de mesa em mesa cumprimentando a todos e desejando as boas-vindas. Mas, surge algo que afronta o rei: um dos convidados estava sem suas vestes nupciais. Isto era uma afronta segundo o costume da época. Quando o rei o indaga sobre como conseguiu entrar ali, o convidado emudeceu. Ele não tinha argumento para dar ao rei. Tentou vir a seu modo para a festa. A reação do rei foi de indignação. Ele, que com sua gentileza havia convidado a todos indistintamente, era afrontado agora por alguém que não estava vestido adequadamente para uma ocasião dessas. O resultado foi que este convidado foi expulso da festa.

Deus nos faz participantes de sua festa. Esta festa já começou desde o nosso batismo. Foi o primeiro sinal de nosso convite para as bodas do rei Jesus. Mais um escolhido entrou para o seu reino. E, desde aquele momento, estamos participando desta festa, sendo alimentados com a palavra de Deus e até com a comunhão íntima com o rei Jesus recebendo o seu corpo e sangue na Santa Ceia. É uma grande festa que vai se intensificar ainda mais na vida eterna.

Mas, será que estamos preparados para a festa? Qual é a nossa veste nupcial para que não sejamos expulsos da festa? O apóstolo Paulo nos assegura: “Todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus; porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes” (Gl 3.26-27). Aí está a nossa veste nupcial: fomos revestidos de Cristo. A veste nupcial para as bodas do Cordeiro Jesus não é algo que nós precisamos arrumar; ela nos foi presenteada no batismo. Nós podemos rejeitá-la e deliberadamente nos afastar de Deus. A consequência será a mesma daquele convidado sem a veste nupcial: “Lançai-o para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes. Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos” (Mt 22.13-14).

Graças a Deus que Ele é que nos faz participantes de Sua festa. Graças a Deus que Ele nos chamou e também nos escolheu. Graças a Deus que Ele continua nos alimentando com a festa de Seu corpo e sangue

na Santa Ceia. Graças a Deus que Ele continua nos confortando com a Sua palavra e nos perdoando de todos os pecados que diariamente cometemos. Graças a Deus que teremos com Ele a festa permanente e eterna.

Deus nos faz participantes de Sua festa. Amém.

Prof. Raul Blum

Mensagem proferida em culto regular, 2005

CUMPRIMENTO DE VONTADES

Mateus 22.34-40

Prezados(as) irmãos(ãs) em Cristo!

A Bíblia emprega a analogia do casamento para simbolizar o relacionamento de Deus com seu povo ou sua igreja. De acordo com esta analogia, Deus é o noivo ou esposo e a igreja a noiva ou esposa.

Um dos aspectos que favorece ou complica o relacionamento de um casal é a maneira de como se lida com os interesses ou a vontade do cônjuge. Em outras palavras: se eu sei ou não o que minha esposa espera de mim e se procuro ir ao encontro daquilo que lhe agrada ou se simplesmente o ignoro – isso faz toda a diferença do mundo no nosso relacionamento.

Na análise do nosso texto bíblico de hoje, quero propor que o olhemos do ponto de vista do relacionamento de três casais imaginários e que procuremos verificar como esses casais lidam com a questão da vontade de seus pares.

O primeiro casal é formado por pessoas interesseiras. Nesse casal, um não se interessa realmente pelo outro. Pouco importa o que o outro quer. Cada um pensa: o que me importa é o que EU ganho com esse relacionamento. Se um faz algo pelo outro é apenas como um investimento que lhe poderá trazer proveito pessoal. Nenhum dos dois acredita num ideal de casamento baseado no amor mútuo.

Esse casal nos faz lembrar dos saduceus, mencionados no texto, e do seu relacionamento com Deus. Os saduceus não acreditavam na ressurreição dos mortos, nem em anjos ou espíritos. Diríamos hoje que eles eram bem secularizados. Para eles só existe esta vida. Com a morte tudo acaba. Mas eles são teólogos. Teólogos bem liberais, diga-se de passagem. Eles só aceitam o Pentateuco. Parece que eles gostavam de manobras políticas e que não estão muito preocupados com Deus e sua vontade. O que interessa mesmo é a vontade própria deles: como ser influente, poderoso, etc.

O mundo de hoje, infelizmente, está cheio de tais “saduceus”. Para muita gente, tudo o que interessa é como obter sucesso, dinheiro, fama, prazer nesta vida. Pouco importa a vontade de Deus. Aliás, pouco importa a própria existência de um deus. Mas, se ele existe, que seja então um deus que se possa manipular e com o qual se possa barganhar em proveito próprio.

Nosso segundo casal é bem diferente do primeiro. Nesse casamento, cada um leva o outro muito a sério. E cada um faz de tudo para agradar o outro. Além de inúmeros favores prestados ao outro, cada um procura superar o outro na quantidade de presentes e surpresas.

Mas, por alguma razão que eles não entendem, o relacionamento desse casal não vai nada bem. Pelo contrário, piora a olhos vistos. Qual o problema desse casal? O problema é que ninguém realmente pára para ouvir o outro e saber o que ele realmente quer. Cada um se esforça em fazer um monte de coisas que ele acha que vão agradar o outro. Enquanto isso, os verdadeiros interesses, anseios e desejos do outro estão sendo completamente ignorados.

Este casal serve como ilustração dos fariseus de nosso texto. Eles querem levar Deus e a sua vontade a sério e, por isso, pesquisam e debatem o Antigo Testamento, onde procuram encontrar a revelação dessa vontade. Juntamente com outros judeus piedosos, eles aceitam a idéia de que no Antigo Testamento existem 613 estatutos diferentes e que esses se dividem em mandamentos pesados ou grandes e mandamentos leves ou pequenos. Além desses estatutos, eles também se apegavam, ainda, a toda uma série de prescrições legais contidas na tradição.

Os fariseus consideram-se especialistas, grandes conhecedores da lei de Deus, por isso resolvem testar esse “rabino caipira” que saiu detrás duma bancada de carpinteiro lá de Nazaré, nas grotas da Galiléia.

Um dos fariseus é o porta-voz do grupo e pergunta a Jesus: “Mestre, qual é o grande mandamento na lei?” Qual será que era a resposta certa, na opinião dos fariseus? Possivelmente, eles diriam que o templo e os sacrifícios do templo ocupavam o lugar principal na lei de Deus. Se Jesus, portanto, escolhesse qualquer outro mandamento como o mais importante, eles poderiam desmascará-lo em sua ignorância da lei.

Mas a resposta de Jesus surpreende e emudece o fariseu. Ao invés de citar um mandamento individual, Jesus desvenda a vontade de Deus que é a fonte da qual fluem todos os mandamentos. Jesus diz que esta vontade de Deus não é algo oculto e difícil de descobrir e entender. Pelo contrário, ela foi claramente revelada nos dez mandamentos e seu resumo é o amor a Deus e ao próximo.

Embora Deus tenha revelado claramente como ele quer que seus filhos vivam neste mundo de modo agradável a ele, a história mostra que os homens, por uma razão ou outra, não querem entender essa vontade de Deus e preferem substituí-la por obras inventadas por eles mesmos—obras que parecem mais santas e piedosas do que as ordenadas por Deus.

A história da igreja revela que mesmo na era do Novo Testamento, mesmo depois que Jesus tinha explicado a vontade de Deus de maneira tão clara, cristãos começaram a seguir seus próprios pensamentos e devaneios e,

a partir daí, concluíram que um cristão perfeito agradaria a Deus se vivesse no ascetismo e na solidão. Logo surgiu o cultivo do jejum, do celibato, da vida solitária no deserto, dos mosteiros, das peregrinações e romarias, etc.

Mas, no século XVI, Lutero denunciou essa deturpação da vida cristã dizendo que quando se defende e glorifica obras humanas não ordenadas por Deus, o povo é cegado e afastado dos dez mandamentos. Mas, continua Lutero (num sermão de 1533), hoje, até mesmo uma criança de dez anos sabe que ser justo significa temer e amar a Deus, obedecer pai e mãe, não matar, e sempre ajudar o próximo, porque são essas coisas que Deus nos mandou fazer e não outras.

Lutero restaurou o conceito de vocação cristã, deixando claro que essa vocação não se refere aos que querem agradar a Deus numa vida religiosa e supostamente piedosa onde as pessoas querem servir a Deus através de obras inventadas por homens. Mas, a vocação cristã significa viver como cristão ali onde Deus o colocou para servir a ele por meio do serviço prestado ao próximo no lar e no trabalho diário. Deus não precisa de nada que lhe possamos ofertar, mas ele nos faz olhar para nosso próximo necessitado, a começar pelos que estão no nosso lar: nossa esposa, nossos filhos, nossos empregados e outras pessoas de nosso convívio. Diz Lutero: servir a Deus por meio do serviço prestado a essas pessoas nos dará o suficiente para fazer. O que Deus quer é que em tudo façamos o bem ao próximo para o benefício de seu corpo e alma, de suas posses e de sua honra.

O que conta, diz o Reformador, é que a pessoa creia em Cristo e seja temente a Deus independente de sua posição social ou econômica. Se alguém crê em Cristo, teme a Deus e serve ao próximo, então ele é um santo vivo, segue o maior mandamento e faz a maior e melhor obra. Mas a maioria das pessoas sempre considera isso muito comum e insignificante e prefere algo especial e impressionante.

E hoje? Qual é a obra que nós consideramos importante? O que ensinamos ao povo? Não somos também tentados a colocar programas e métodos inventados por homens à frente das coisas ordenadas por Deus? Não damos a impressão, às vezes, de que quem participa de uma reunião, programação ou atividade da igreja está sempre e automaticamente fazendo uma obra mais piedosa do que aquele que ficou em casa ou no seu trabalho servindo ao próximo em coisas do dia-a-dia?

Certamente também corremos o risco constante de considerarmos obras especiais que exigem um lugar e esforço especial como sendo mais importantes e mais agradáveis a Deus do que as obras comuns e diárias que Deus ordenou nos dez mandamentos. Pois, como diz Lutero: “Há um pequeno monge em todos nós desde a infância”.

Para concluir, voltemos à analogia do casamento. Queremos ainda olhar para o relacionamento de um terceiro casal. Neste casamento, cada

um dos cônjuges está sincera e genuinamente interessado no bem-estar do outro. Cada um fica atento aos mínimos sinais e indícios que revelam a vontade do outro e faz de tudo para ir ao encontro dessa vontade. O mais gratificante para cada um deles é a felicidade do outro.

Por que eles agem assim? Qual é a motivação por trás de seus atos? Eles não agem por motivos calculistas ou interesseiros. Nem de longe eles pensam que aquilo que fazem lhes trará uma recompensa futura. Sua única e exclusiva motivação é o amor.

É esse tipo de amor que Jesus está propondo quando afirma que devemos amar o Senhor Deus de todo o nosso coração e com todo nosso ser. Os fariseus se contentavam com um rigoroso cumprimento externo da lei. Esperavam poder agradar a Deus por meio dessas ações e receber uma recompensa dele.

Mas, Deus espera de nós não apenas atos externos, isolados, e sim que cumpramos sua vontade de coração, com todo nosso ser, somente por amor a ele e ao nosso próximo. Será que somos capazes de fazer isso? A própria Escritura desfaz tal ilusão quando diz que a inclinação da natureza humana é inimizade contra Deus e que, em sua natureza pecaminosa, o ser humano não quer e nem pode agradar a Deus.

Às vezes imaginamos amar a Deus de todo nosso coração, principalmente quando suas bênçãos são visíveis e palpáveis em nossa vida. Mas quando vem a dificuldade e a desgraça, nos revoltamos e questionamos: “como pode Deus permitir uma coisa dessas?” E aí o nosso amor a Deus desaparece.

Portanto, a lei serve por nos forçar a reconhecer que não cumprimos uma letra da lei de todo o nosso coração. Mas, graças a Deus, existe alguém que cumpriu a vontade de Deus de todo o seu coração, por amor a Deus e aos seres humanos.

Este homem-Deus, Jesus Cristo, o fez por nós: para nos oferecer e atribuir este cumprimento da vontade de Deus. É somente a partir deste amor de nosso Salvador que, pela fé, surge e se fortalece em nós um novo homem que quer amar a Deus e fazer a sua vontade e, por consequência, também quer amar e servir seu próximo.

Estamos novamente aqui hoje para buscar o perdão de Deus para nossa falta de amor, e para crescermos na fé, por meio de sua palavra e sacramento, para assim, mais uma vez, podermos começar a viver uma vida agradável a Deus neste mundo, na firme esperança de que, pela sua graça, por causa de Cristo, também viveremos com ele eternamente. Amém.

Prof. Paulo W. Buss

Mensagem proferida no Seminário Concórdia no dia 28 de setembro de 2005

O SELO DE LUTERO

Romanos 3.19-27

Em Cristo, o crucificado e ressurreto, Amém.

Caros irmãos em Cristo!

INTRODUÇÃO

Uma das situações que nos causam felicidade ou infelicidade é o quanto somos benquistos pelos outros. Ser reconhecido através de pensamentos, palavras e ações é fundamental para nossa existência.

Cada um de nós, com seu direito de ser e poder ser assim como é, vive sua vida como se está diante de um tribunal permanente, no qual somos ao mesmo tempo réus, acusadores e juízes. Passamos, então, o tempo todos justificando-nos porque somos e agimos de determinada forma. E isto nos leva a responder a pergunta: quem eu sou? Será que sou o que os outros pensam de mim? Sou aquilo que eu mesmo sei a meu respeito? Ou sou o que resulta do balanço entre o juízo que eu próprio faço de mim e o juízo dos outros? Então, o que eu sou, sou no meu próprio julgamento sobre mim, e isto está entrelaçado com o julgamento de outros sobre mim. Ou como John Locke concluiu: “pessoa é um conceito forense”.

Agora se queremos incluir um outro personagem na história, Deus, como fica o eu, o nós e Ele? Que juízo (opinião) fazemos dEle e Ele de nós?

É mais ou menos por aí que as inquietudes de Lutero apareceram! Suas indecisões, suas autoflagelações só terminaram quando Lutero percebeu que na sua relação com Deus não interessa tanto o que ele (Lutero) pensava de Deus, mas muito mais o que Deus pensava e o juízo que Deus fazia de Lutero.

E nós também temos inquietudes (acho que são as mesmas de Lutero)! Só para citar uma, que está presente especialmente no pensamento de muita gente: por que tanta desgraça natural ao nosso redor? Será que Deus está nos castigando com chuvas, tempestades, secas, animais doentes, etc., só por que não sabemos cuidar bem do que Ele nos deu? Sobre isso, muitas vezes esquecemos de olhar para o que Paulo escreveu: “O Universo

todo espera com muita impaciência o momento em que Deus vai revelar o que os seus filhos realmente são. Pois o Universo se tornou inútil, não pela sua própria vontade, mas porque Deus quis que fosse assim. Porém existe esta esperança: um dia o próprio Universo ficará livre do poder destruidor que o mantém escravo e tomará parte na gloriosa liberdade dos filhos de Deus” (Rm 8.19-21).

A pergunta que norteia a minha reflexão de hoje é aquilo que Lutero redescobriu que já estava exposto claramente na carta do apóstolo Paulo aos Romanos. Já lemos uma passagem da carta fundamental para Lutero e para nós hoje. A pergunta é: o que Deus pensa de nós? Qual o juízo que Deus faz de nós? Como Deus espera que vivamos nossa relação com ele agora e eternamente?

Para responder a este juízo de Deus a nosso respeito, usarei o selo de Lutero, que reproduz com fidelidade o conteúdo da carta do apóstolo Paulo aos Romanos. E assim, de forma didática, percebemos o que Lutero também percebeu: que na relação Deus e ser humano, o que mais conta é a opinião que Deus tem de nós.

A CRUZ PRETA (NEGRA)

O julgamento de Deus a nosso respeito não começa em nós, mas no próprio Deus. Para Lutero, Deus vem até nós não por um ação recíproca, mas ele vem pela mais tola das ações: pelo ventre de Maria e pela morte de Jesus na cruz. “A glória de nosso Deus, porém, é esta: por nossa causa ele desce às maiores profundezas, para dentro da carne, do sangue, da nossa boca, coração e ventre...”. “A filosofia e os sábios deste mundo, porém, têm a pretensão de começar lá por cima, e nisso se tornaram tolos. Devemos começar de baixo, e a partir daí subir” (WA 10, I)

É isto que Paulo também nos diz: “Pois Deus, na sua sabedoria, não deixou que os seres humanos o conhecessem por meio da sabedoria deles. Pelo contrário, resolveu salvar aqueles que crêem e fez isso por meio da mensagem que anunciamos, a qual é chamada de louca. Os judeus pedem milagres como prova, e os não-judeus procuram a sabedoria. Mas nós anunciamos o Cristo crucificado – uma mensagem que para os judeus é ofensa e para os não-judeus é loucura. Mas para aqueles que Deus tem chamado, tanto judeus como não-judeus, Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus. Pois aquilo que parece ser a loucura de Deus é mais sábio do que a sabedoria humana, e aquilo que parecer ser a fraqueza de Deus é mais forte do que a força humana” (1 Co 1.21-24).

Há pouco cantamos: “Nosso natural saber/envolvido só por treva/
renovado deve ser. Teu Espírito nos leva,/ nesta comunhão de crentes,/a
voltar a Deus as mentes” (HL 196, 2).

O CORAÇÃO VERMELHO

Se não temos a Cruz (Cristo) cravada em nossos corações, nossa fé é falsa e o julgamento de Deus é terrível. Como Lutero mesmo explicou: “a que prendes o coração e te confias, isso é propriamente o teu Deus” (CM I, 3). Lutero explica mais: o coração do homem, sem a cruz de Cristo, é criativo: ele molda, imagina ou inventa figuras ou imagens que lhe dão sentido. Aí o coração é uma “fábrica de ídolos” (Calvino).

Nossa experiência acontece sempre a partir do que imaginamos e do que fazemos. A assim chamada teoria e prática. Mas não é dessa forma que nós nos apropriamos da obra de Cristo. Simplesmente quando nos damos conta da necessidade de Cristo em nossa vida, porque somos pecadores, aí já o temos.

A obra do Espírito Santo em nós é meramente passiva, como diz Lutero. A melhor consciência disso nós temos quando temos que “espernear” feito crianças recém-nascidas em meio a um mundo estranho e este “espernear” acontece na oração. Uma referência teológica à estrutura do Catecismo que Lutero propôs reflete bem este pensamento: quando nos damos conta de tudo que Deus fez por nós na criação-justificação-santificação, já estamos “gritando o Pai Nosso”. É na oração que nosso coração confessa: “Quem quer que eu seja, Tu me conheces, eu sou Teu, ó Deus” (Bonhoeffer). Ou como diz Lutero: “Procura-te só em Cristo e não em ti mesmo, assim te encontrarás para sempre nEle”.

O apóstolo Paulo confessa o mesmo ao afirmar que “viverá aquele que, por meio da fé, é aceito por Deus” (Rm 1.17). Ou na leitura há pouco ouvida: “Todos pecaram e estão afastados da presença gloriosa de Deus. Mas, pela sua graça e sem exigir nada, Deus aceita todos por meio de Cristo Jesus, que os salva” (Rm 3.23,24).

E mais: “pelo poder do Espírito dizemos com fervor a Deus: “Pai, meu Pai” (Rm 8.15).

A ROSA BRANCA E AS FOLHAS VERDES

A partir da fé, a nossa confiança é percepção de nós mesmos e de tudo que está ao nosso redor, temos alegria, atrevimento e prazer em relação a Deus e todas as criaturas.

Assim Lutero se expressou quando percebeu o que Deus fez por ele através de Cristo: “Senti-me, então, completamente renascido. As portas se me abriram. Eu tinha entrado no próprio paraíso”. Passar por este drama teológico fez com que Lutero olhasse a realidade ao seu redor e concluísse que a “nova criação” é uma volta ao mundo assim como ele fora criado por Deus e perceber a presença atuante de Deus neste mundo. Ou como ele afirmou: “Deus quer ser Criador de tal forma que ele não nos interpela de nenhuma outra maneira a não ser através das suas criaturas”.

A partir da fé somos surpreendidos por Deus a vermos com outros olhos o que Deus naturalmente já criou.

O CÉU AZUL

O céu azul, Lutero explica a partir da afirmação de que a partir da fé “estamos agora na aurora da vida futura, pois começamos a recuperar o conhecimento das criaturas que havíamos perdido com a queda de Adão. Pela graça de Deus, começamos a reconhecer suas obras extraordinárias e seus milagres também a partir das pequenas flores, quando refletimos sobre como Deus é todo-poderoso e bondoso. Por isso o louvamos, o celebramos e lhe damos graças. Em suas criaturas reconhecemos o poder da sua Palavra, que coisa grandiosa ela é. Ele falou, e as coisas passaram a existir – também dentro de um caroço de pêsego. Mesmo que sua casca seja muito dura, a seu tempo ela se abrirá por força do caroço muito mole que dentro dela se encontra”.

Há um detalhe muito importante nos ensinamentos de Lutero que captou das palavras de Paulo na carta aos Romanos. Considerando que na vida há possibilidade de experimentar Deus a partir da incredulidade ou a partir da fé, Lutero utiliza-se da linguagem metafórica do Novo Testamento das “dores do parto do tempo final” não para colocar o céu na terra, mas para consolar os cristãos para vencer os tempos difíceis. E aqui, numa aparente contradição, Lutero nos sugere que devemos nos preparar para a morte, visto que ela nos leva desta vida de aperto e dor para um lugar com um espaço sem limite e alegre, que é o céu.

Graças à fé em Cristo, Deus nos dá créditos para vencermos as dificuldades e amarguras que passamos pela vida. As tentações e aflições todos as temos, mas elas não são maiores do que nossa fé. Só para lembrarmos o Catecismo, o bloco “Batismo – Ofício das Chaves e Confissão e Santa Ceia” nos mostra claramente que Deus não nos abandona em meio às inseguranças e dificuldades que nos acompanham pela vida. Deus provê a igreja como a “hospedaria e a enfermaria dos que estão doentes e necessitam ficar sãos” (OS 8, 279).

Paulo conclui: “E também nos alegramos nos sofrimentos, pois sabemos que os sofrimentos produzem a paciência, a paciência traz a aprovação de Deus, e essa aprovação cria a esperança. Essa esperança não nos deixa decepcionados, pois Deus derramou o seu amor no nosso coração, por meio do Espírito Santo, que ele nos deu” (Rm 5.3-5).

Afirma Paulo: “Pois sabemos que todas as coisas trabalham juntas para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles a quem ele chamou de acordo com o seu plano” (Rm 8. 28).

O ANEL DOURADO

Preparar-se para morrer (não a compra do caixão e o túmulo no cemitério). Estar preparado para a eternidade, este é sentido que Lutero quer dar ao descrever o anel dourado que circula o seu selo. Aqui percebemos o quão infinito é o que Deus tem reservado para nós, pois ele nos tira do vale da sombra da morte para nos ressuscitar em glória eterna, livrandos-nos assim do julgamento eterno.

CONCLUSÃO

Como dissemos anteriormente, não há como escarpamos de um julgamento nem da parte de Deus muito menos da nossa parte e do próximo.

Como agirmos e reagirmos? Simplesmente com confiança e segurança que em Cristo já fomos julgados para podermos, especialmente em relação ao nosso próximo, “desculpá-lo, falar bem dele e interpretar tudo da melhor maneira” (oitavo mandamento).

Amém.

ORAÇÃO DA IGREJA:

O – Confiantes na misericórdia do Senhor Jesus Cristo, aproximemo-nos do Pai Celeste em oração.

Oramos por toda a Santa Igreja Cristã espalhada pelo mundo, que a Palavra de Deus seja ensinada em pureza e verdade e que os filhos de Deus vivam suas vidas de acordo com ela.

C – Senhor, tem misericórdia.

O – Oramos por todas as pessoas que estão fora da Igreja de Cristo; que possamos proclamar o evangelho de Cristo de forma apropriada a elas, para que através da graça de Deus o Espírito Santo traga-os ao arrependimento e fé.

C – Senhor, tem misericórdia.

O – Oramos para que possamos perseverar até o fim de nossas vidas aqui neste mundo e que continuemos a usar os meios da Graça, através dos quais nossa fé é fortalecida em Cristo e nesta confiança possamos ser vencedores sobre todo o mal, tanto do corpo como da alma.

C – Senhor, tem misericórdia.

O – Oramos pela preservação da Criação de Deus, que continuamente a preserve e mantenha em favor de seu povo, e que de forma sábia e prudente, sejamos bons administradores das dádivas divinas para a glória de Deus.

C – Senhor, tem misericórdia.

O – Oramos pela nossa nação e seus habitantes, que todos possam fazer uso de sua liberdade a fim de que responsabilmente cumpram seus deveres.

C – Senhor, tem misericórdia.

O – Oramos por todos os que sofrem com doenças, injustiças e adversidades, (...) que possam ser consolados nas promessas graciosas de Deus, que possam ser assistidos pelo povo de Deus e que possam viver na alegria da salvação em Cristo.

C – Senhor, tem misericórdia.

O – Oramos por todos que reconhecem a bondade de Deus, especialmente por aqueles que desfrutam dos frutos do seu trabalho, que possam sempre se lembrar das bênçãos que vêm de Deus e que possam viver as incertezas futuras em gratidão e fé.

C – Senhor, tem misericórdia.

O – Oramos por todos os que são beneficiados pelo corpo e sangue de Cristo, no qual recebem perdão por suas iniquidades e têm seus pecados esquecidos por Deus.

C – Senhor, tem misericórdia.

O – Oramos por todos os santos que já estão no reino da glória, especialmente aqueles que nos ensinaram a Palavra de Deus – profetas, apóstolos e reformadores – damos graças. Graças a seu trabalho, podemos hoje ser consolados e animados nas promessas de Deus com a presença de Cristo entre nós.

C – Senhor, tem misericórdia.

O – Em tuas mãos, ó Senhor, colocamos todas as nossas petições, confiando em tua misericórdia através de Jesus Cristo, nosso Senhor.

C – Amém.

*Prof. Clóvis Jair Prunzel
Mensagem da Reforma 2005*

GANHAMOS IRMÃOS PELO BATISMO

Gálatas 3.36-28

O casal Antônio e Adelaide chega ao culto no domingo pela manhã na congregação onde são membros. Sentam, cada um faz sua oração, e começam a olhar o programa do culto que receberam na entrada da igreja. Depois de alguns segundos, a Adelaide cutuca no braço do marido e lhe diz baixinho: “Olha só, Antônio, hoje tem batismo de novo!” – “É mesmo” responde Antônio, e continua, “isso quer dizer que o culto vai ser mais comprido”.

Para o Antônio e a Adelaide, o batismo era nada mais do que uma cerimônia que aumentava o tempo de duração do culto. Eles até pensavam que o melhor seria passar os batismos para antes ou depois dos cultos, pois, afinal, aquilo só interessava aos pais, padrinhos e familiares da criança. Seria bem mais lógico reunir os interessados num momento diferente para não prejudicar as outras pessoas.

Qual o significado do batismo para uma congregação? Tiveram razão o Antônio e a Adelaide, pensando que o batismo só interessa aos pais, padrinhos e familiares da criança, ou será que um batismo, seja de quem for, é importante também para toda a congregação, mesmo que a gente não conheça a criança e seus familiares?

Os versículos que lemos antes fazem parte da carta que o apóstolo Paulo escreveu aos gálatas. Havia uma dificuldade de relacionamento entre eles, porque alguns se consideravam mais filhos de Deus do que os outros. Achavam que ainda era necessário praticar algumas exigências da lei do Antigo Testamento para ser um verdadeiro filho ou filha de Deus. Para resumir, no pensamento deles havia cristãos de primeira e de segunda categoria, ou seja, uns eram mais filhos de Deus do que os outros. Por isso o apóstolo Paulo precisou escrever para colocar ordem na igreja. Escutem novamente o que ele escreveu: ***Pois, por meio da fé em Cristo Jesus, todos vocês são filhos de Deus. Porque vocês foram batizados para ficarem unidos com Cristo e assim se revestiram com as qualidades do próprio Cristo. Desse modo não existe diferença entre judeus e não-judeus, entre escravos e pessoas livres, entre homens e mulheres:***

todos vocês são um só por estarem unidos com Cristo Jesus. Vocês ouviram as palavras de Paulo; e então: *Existe diferença? Há cristãos de primeira e de segunda categoria? Serão alguns mais filhos de Deus do que outros?*

Não, não existe diferença! Todos são filhos de Deus por meio da fé em Cristo! Esta é a verdade que o apóstolo Paulo deixa tão clara. Todos que estão unidos a Jesus por meio da fé são iguais diante de Deus; não há ninguém que esteja acima ou abaixo de outro; não há ninguém que seja mais santo ou menos santo; todos são um porque estão unidos com Jesus Cristo. As diferenças desaparecem, porque Jesus dá para as pessoas tudo de que elas precisam para ser filhos e filhas de Deus!

Acabam as diferenças quando as pessoas ficam unidas a Jesus por meio da fé! Vejam, portanto: a partir da união com Jesus Cristo, por meio da fé, todos são filhos de Deus; acabaram as diferenças. E onde entra o batismo nessa história? É o apóstolo Paulo que responde: ***Porque vocês foram batizados para ficarem unidos com Cristo e assim se revestiram com as qualidades do próprio Cristo!*** Eis, irmãos e irmãs, a extraordinária mensagem que o batismo nos traz: No batismo, Deus nos reveste de Cristo; Deus coloca sobre nós a santidade de Jesus, a justiça de Jesus, a perfeição de Jesus. E qual o resultado disso? Quando Deus olha para nós, ele não vê mais o nosso pecado, a nossa injustiça, a nossa imperfeição, porque ele vê aquilo que nos reveste, que nos cobre. É o próprio Jesus. As qualidades dele cobrem todos os nossos pecados. Por isso, todas as vezes que nós confessamos nossos pecados, nós podemos falar com Deus da seguinte maneira: *Deus, não olha para mim; olha só para aquilo que me cobre, me reveste; são as qualidades de Jesus Cristo.* E podemos ter absoluta certeza de que ele atende esse pedido nosso, pois é ele que nos garante de que somos seus filhos a partir do batismo. *Não olha para mim, ó Deus; olha para aquilo que me reveste, aquilo que tu me deste no meu batismo!* Podemos dizer isso sempre para nosso Deus. Que coisa maravilhosa, que coisa consoladora!

Quem é mais filho de Deus ou melhor cristão? Um cristão maduro e experiente, com uma vida toda de serviço a Deus e à igreja? Ou uma criança recém-nascida e batizada? Os dois são cem por cento filhos de Deus, porque receberam no batismo tudo de que precisam para ser aceitos por Deus como filhos amados. Unidos com Jesus, a partir do batismo, todos são um. Na prática isso significa o seguinte: uma criança batizada, não importa que não a conheçamos, nem seus pais e familiares, tornou-se nosso irmão ou irmã. O que une ela a nós é muito mais poderoso, muito mais forte do que aquilo que nos une com nossos irmãos de sangue. Através do sangue fomos colocados dentro de uma família terrena, porém essa vai acabar, não durará para sempre. Pelo batismo fomos colocados dentro da grande família de

Deus, que não acabará nunca. Por isso, em cada batismo que acontece, nós ganhamos um novo irmão ou irmã da família de Deus! É milagre aquilo que acontece no batismo; quem é batizado, é revestido de Cristo. Isso só Deus pode fazer!

Qual é, portanto, o significado de um batismo para a congregação? Da próxima vez que houver um batismo no culto, como será que nós vamos olhar para ele? *Com alegria e com gratidão*, porque estamos ganhando um novo irmão na família de Deus e a igreja está ganhando um novo congregado. Por um milagre de Deus, aquela criança é arrancada das trevas e trazida por Deus, através da união com Jesus por meio da fé, para dentro da família do Senhor, para ser nosso irmão. Por esse milagre todos nós passamos ... graças a Deus!

Tive a oportunidade de estar presente a um culto nos Estados Unidos quando houve um batismo naquela congregação. Após a cerimônia concluída, o pastor tomou em seus braços a criança batizada, levou-a até o meio do corredor e falou: “Apresento-vos o novo membro de nossa congregação”. Todos os presentes deram uma salva de palmas, manifestando daquela forma a alegria por receberem um novo irmão.

Qual será a diferença entre o cristão adulto e a criança batizada? É uma só: o cristão adulto já pôde experimentar as bênçãos da vida dentro da família de Deus, bem como já pôde ter várias alegrias servindo a seu Deus. Isso tudo ainda espera a criança batizada. Mas a salvação completa está garantida tanto para o cristão adulto quanto para a criança batizada, pois ela foi dada a cada um no batismo, porque os dois foram batizados para ficarem unidos com Cristo e, unidos com Cristo, todos são filhos de Deus!

A minha mensagem pode terminar aqui. Mas talvez vocês ainda estão pensando no Antônio e na Adelaide. Pois bem, para que ninguém fique com uma impressão só negativa daquele casal, preciso dizer que eles mudaram de opinião a respeito do batismo após ouvir um estudo do seu pastor sobre o significado e valor do batismo. De lá em diante passaram a olhar para os batismos de modo diferente e, baseados na experiência deles, ajudaram outros irmãos a conhecer o valor dos batismos para a congregação e também sentir alegria quando há batismo nos cultos.

Que todos nós sintamos a mesma alegria quando ocorrer batismos nos nossos cultos ... uma alegria que nos leve a dizer: *Obrigado, Senhor Deus, porque ganhamos hoje mais um irmão por meio do milagre que tu fizeste por meio do batismo!* Amém.

Paulo Moisés Nerbas

A mensagem foi pregada em dois cultos na Congregação Concórdia de São Leopoldo, RS, nos dias 5 e 6 de novembro de 2005.

Obs.: A congregação promoveu durante o ano uma série de mensagens sobre o tema BATISMO, sempre com um enfoque diferente. Coube-me, como pregador convidado, abordar o tema sob a perspectiva do valor do batismo para a congregação onde ele acontece. O objetivo principal é trazer à lembrança de todos uma verdade extraordinária às vezes esquecida ou ignorada: o batismo não possui valor somente para o batizado, seus familiares e padrinhos, porém para todo o povo de Deus em cujo contexto ele acontece.

A partir da perícopre de Gálatas 3, versículos 26 a 28, a mensagem destaca a ação de Deus através do batismo e o resultado prático de tal ação, tanto no aspecto individual, para o batizado, como coletivo, para a igreja onde tal ação ocorre. Esta não apenas assiste indiferente a mais uma cerimônia batismal, porém participa em espírito daquele momento especial, uma participação jubilosa e agradecida ao Senhor, porque Ele lhes dá a bênção de receber novo irmão ou irmã em Cristo.

VIGIAR E NÃO PERDER O FOCO

Mateus 24.15-28

INTRODUÇÃO

Domingo passado se realizou o Encontro de jovens aqui no Seminário. Na inscrição, cada participante poderia escolher uma dentre as oito oficinas oferecidas para estudos. A mais procurada foi: “Armagedom: sinais do fim dos tempos”.

Eu imagino que haja uma curiosidade natural dos jovens por esse assunto, mas essa escolha também é, em grande parte, pelas inúmeras tragédias e catástrofes registradas nos últimos tempos.

O FATO

O texto do Evangelho de hoje são palavras do quinto e último discurso de Jesus registrado em Mateus. Ele vem logo após o lamento de Jesus sobre Jerusalém (**Mt 23.37-39**) e foi motivado justamente pela curiosidade dos discípulos. Foram eles que escolheram o assunto ao ouvirem Jesus dizer que o templo de Jerusalém seria totalmente destruído. Quando e que sinais haverá antes de sua vinda? Essa foi sua pergunta!

TRANSIÇÃO

Jesus responde na parte inicial de seu sermão à pergunta dos discípulos. Ele diz que haverá tempos complicados: falsos ensinamentos, perseguição a cristãos (Igreja), terremotos (natureza), guerras (mundo), o amor se esfriará (sociedade). Tempo que exigirá perseverança e pregação do Evangelho a todas as nações, então virá o fim (**Mt 24.3-14**).

O TEXTO

Já no texto lido há pouco, Jesus fala da profecia da destruição de Jerusalém, especialmente nos **vv. 15-25**, mas também, quase que ao mesmo tempo, aplicando esse ensino a sua vinda no Juízo Final (**vv.26-28**).

A frase “quem lê entenda” é para quem lê Daniel, mas para o leitor de Mateus, é um encorajamento a pensar e olhar com mais profundidade sobre o que está escrito. Ou seria porque a lição é óbvia?

O “abominável da desolação” já foi considerado o levantamento de um altar dedicado a Zeus, no ano 168 AC., e que culminou com o sacrifício de um animal impuro, um porco, sobre o altar no templo.

Depois, no ano 40 AD, se menciona Calígula, imperador romano e seus planos em colocar uma estátua com sua imagem no templo.

Porém, é provável que esse fato tenha sua referência nos crimes cometidos no templo pelos zelotes, durante sua rebelião contra o governo romano e que começou em 67AD.

Vv.16-18: A verdade é que nem o templo, nem Jerusalém oferecem mais segurança. É preciso fugir e há uma certa urgência nisso. Jerusalém, a cidade das boas novas (**Is 40.9**), agora é lugar de morte, pela fome, sede e espada dos romanos, que cercaram a cidade (durante uma festa da Páscoa, o que fez com que 1 milhão de pessoas morressem nesse cerco). A profecia se cumpriu. (**Lc 19.41-44**).

A tranqüilidade do eirado (e as noites frescas de verão) deveria ser abandonada, as posses materiais não importam mais, é preciso largar tudo, não perder o foco.

V. 19: Jesus revela sua compaixão e preocupação com os mais necessitados, Ele fala das grávidas e das que amamentarem e tem misericórdia delas.

Vv.20-21: Cristo aconselha a orar para que essa fuga não aconteça no inverno (condições climáticas desfavoráveis – talvez enchentes no Rio Jordão), nem no dia de sábado, por causa da lei que impedia os judeus de caminharem trechos mais longos nesse dia.

Jesus sublinha as dificuldades e insiste para que não se perca o foco e não se busque segurança onde não há mais segurança: no templo, em Jerusalém e nas leis cerimoniais, ou mesmo nos bens materiais, naquilo que é temporário.

V. 22: Cristo volta a mostrar sua misericórdia e compaixão. Os dias de sofrimento foram abreviados, pois não havia espetáculo mais horrendo. A mão de Deus continua operando em silêncio para encurtar o sofrimento dos cristãos e das demais pessoas.

Vv. 23-25: Mesmo assim, em tempos de tribulação, é natural olhar para algum libertador, fácil de se perder o foco ou a direção certa para buscar refúgio e a verdade. Aparecerão falsos pregadores, falsos salvadores, impressionando os eleitos com seus sinais, com força suficiente para os enganar. Cristo previne: vigiem, não percam o foco!

Vv.26-28: Porque a volta de Cristo não é segredo e todos a poderão ver. Isto é tão óbvio como enxergar um relâmpago atravessar o céu, como os abutres rodearem um animal morto.

ENSINO

Parece que Jesus satisfizes apenas em parte a curiosidade dos discípulos. Nem quando, nem clareza quanto aos sinais. Ele fala do fim dos tempos e da destruição de Jerusalém, como se estivesse falando da mesma coisa.

Mesmo que isso possa ter acontecido e aconteça, sua intenção não é confundir, mas aconselhar os cristãos a não perderem o foco. E o foco não está no quando, talvez nem nos acontecimentos em si, mas em não perder o foco da vigilância e de não se apegar naquilo que é temporário.

Para os habitantes de Jerusalém, cuja profecia de Jesus se realizou em 70, não havia nada pior que ainda pudesse acontecer. Para o historiador Josefo, qualquer traço de beleza foi eliminado pela guerra e os incêndios decorrentes dela; “é impossível fornecer um relato detalhado, mas eu poderia resumir dizendo que nenhuma outra cidade passou por uma situação tão horrorosa e com tanta maldade”.

- E o terremoto na Síria no ano de 1138 com 230 mil mortos; na China em 1556 com 830 mil mortos; Kanto, no Japão, terremoto e tsunami em 1923 – 142.807 mortos; a grande Tsunami de dezembro de 2004 com 216 mil mortos; Paquistão, há algumas semanas, com cerca de 70 mil mortos; “Haveria espetáculo mais horrendo?”
- E a primeira Guerra Mundial e os 8 milhões de mortos; a gripe espanhola, no início do século (em 3 meses, 20 milhões de mortos); “Haveria espetáculo mais horrendo?”
- E as doutrinas falsas ao longo da história, as filosofias humanas vestidas de religiões cristãs em nosso século, a maldade humana, os temporais, são esses sinais do fim?
- Acrescente-se a isso nossos sofrimentos particulares, na Igreja, das pessoas em geral, a violência, o amor se esfriando; Mas Jesus diz: “é necessário assim acontecer” (Mt 24.6).

Aplicação

O que tudo isto significa para nossas vidas? Será que o foco de nossas atenções deve estar sobre esses acontecimentos? Parece que não. Não é o quando ou mesmo o acontecimento em si, mas é não perder o foco do que realmente interessa.

- ✓ Cuidar para que os tempos difíceis não nos enganem, a ponto de não vermos mais um Deus bondoso em Jesus Cristo; a ponto de pensar-

mos que é o mal que está no controle. “É necessário assim acontecer” (Mt 24.6), diz Jesus. Ele está no controle e o fim acontecerá quando o Senhor determinar.

- ✓ Não dar espaço a nossa tendência natural de considerar mais pecadores os que sofrem essas calamidades (se nós não nos arrependermos, vamos perecer também – Lc 13.1-5);
- ✓ Cuidar para que não se busque e ofereça refúgio em tradições ou mesmo nas posses materiais e passageiras, mas no Evangelho do Senhor Jesus;
- ✓ Vigiar para que o terremoto final, a última tsunami e a derradeira investida do diabo não nos encontrem indiferentes e fora de foco;
- ✓ É preciso perseverar e pregar o Evangelho para levar os outros a não perder o foco, e há uma certa urgência nisso;
- ✓ É preciso ter o foco na palavra do Senhor Jesus e na suas promessas: “os fios de cabelos estão contados” (Mt 10.30), “os dias serão abreviados” (Mt 24.22), “eis que estou convosco até o fim” (Mt 28.20); foco naquilo que o Senhor operou em mim: eu fui redimido no Batismo, sou alimentado na Palavra e Ceia do Senhor, para perseverar até o fim.

CONCLUSÃO

A curiosidade não é exclusiva dos jovens ou dos discípulos, é também nossa. Para todos o sinal de que Deus é conosco já foi dado. Jesus Cristo, o Senhor. E é Ele que diz: “os fios de cabelos estão contados”, “os dias serão abreviados”, “eis que estou convosco até o fim”, “Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo” – Mt 25.34!

O que mais precisamos? Nada mais. Amém.

Prof. Anselmo Ernesto Graff

Mensagem pregada na devoção do Seminário Concórdia no dia 09/11/2005.

VIGIAI

Mateus 25.1-13

INTRODUÇÃO

Na entrada do prédio dos alojamentos está um recado ao povo aqui do campus: *Convites para a janta melancólica devem ser retirados até o dia 21*. E no dia 21, quando chegarmos ao corredor que dá acesso ao local da Janta festiva, vamos ver todos parados aguardando. Aguardando o quê? Em cada festa há um cerimonial, um protocolo, regras de etiqueta, do vestir, do portar-se.

Jesus mais uma vez se vale deste episódio do cotidiano e lhe acentua um aspecto para marcar um fato e deixar um recado: A festa é para todos. Venham participar. E então ele olha para as jovens que nas festas tinham uma função somente. E dali nos vem o recado que Jesus tem para dar:

Vigiai. E somente Mateus guardou essa parábola. Vale a pena estar atento, vigilante, para então, sim, entrar.

I

Vigiai sobre a natureza do repouso que aceitam

É uma parábola enigmática. O recado final é: **Vigiai**. **Mas** todas as virgens estavam dormindo. Um^s entraram. Outras não. Qual é o sentido deste “**Vigiai**”?

A única diferença está não no azeite, mas na função do azeite: iluminar. A única pista que Jesus deixa é: *Portanto, vigiai*. Vocês estão aqui à espera de iluminar o noivo. E a vigília se revela na chama que ilumina o noivo. Que chama é esta que vai acender na vinda do noivo?

Não fui feliz em buscar ajuda na edição americana das Obras de Lutero. Ali a parábola é mencionada uma só vez. Mas, como exemplo de que o número dez é significativo na Escritura.

As Confissões mencionam a parábola uma vez. Mas simplesmente como evidência adicional de que neste mundo tanto os crentes como hipócritas se abrigam na igreja. Mas vamos ficar com esta pista que as Confissões oferecem. A parábola se refere a algo mais do que simplesmente

indivíduos à espera da *parousia*, da segunda vinda de Cristo. É um aviso à igreja. Nesta igreja todos compartilham o descanso à espera do noivo. Parte, quando se levantar, vai iluminar o noivo. Parte não vai iluminar o noivo.

Interessante que todas as teologias e igrejas se sentem identificadas e se utilizam dessa parábola. Uns podem dizer que o azeite é a escolha, fruto da predestinação. Outros que é o estar cheio do Espírito. Outros que é o comprometimento pessoal. Luteranos têm ficado no terreno seguro e dito que o azeite é a fé. As Confissões querem dizer: Sim, mas não só. Se é a fé, então não é qualquer fé. É a fé que ilumina o noivo.

Mas fica o enigma: O que é o azeite?

E o segundo enigma: Se todas estavam adormecidas, por que este imperativo: “Vigiai!”?

Podemos tentar uma outra possibilidade de pesquisa baseada na Confissão de Augsburgo que vê nesta parábola *a igreja tal como se apresenta no mundo todo* em suas várias denominações e ensinamentos, identificando-a à parábola da rede que apanha toda sorte de peixes, bons e ruins (Mt 13.47-50).

E comecemos pelo **sono geral**.

Normalmente este sono é visto como o sono da indiferença, da falta de compromisso e outras sonolências espirituais. Mas isso esbarra no fato de também as prudentes estarem dormindo o mesmo sono. Entretanto, a advertência é: **Vigiai**. Ora, alguma coisa está fora de lugar. Vigiai, talvez não queira dizer: Não dormi. Talvez o vigiai queira dizer: **Cuidado para o tipo de sono que você está dormindo**. Talvez o sono seja de outra natureza.

Se esta parábola retrata a igreja que espera, uma pergunta diretiva possível é: O que todos procuram na igreja? Não é verdade que todos procuram a paz? O consolo? O descanso para as suas angústias mais profundas? Não é isto que Deus espera da sua igreja? Não é isto que se promete? O salmista confessa: *Em paz me deito e logo pego no sono, porque só tu, Senhor, me fazes repousar tranqüilo*. A paz suprema não é o repouso da consciência atribulada em pecados? Não diz Isaías: *Consolai, consolai o meu povo*? Em outras palavras: Dêem ao meu povo o descanso dos seus pecados.

É exclusivo de Mateus o registro dessa palavra de Jesus: *Venham a mim todos vocês que estão cansados de carregar suas pesadas cargas e eu vos darei descanso*. E Mateus registra isso porque ele tinha sido um homem cansado de pecados que encontrou finalmente descanso em Jesus. E somente em Jesus.

Assim todas as igrejas e teologias atraem para si pessoas com a promessa de descanso. E pessoas acreditam porque precisam acreditar em algo que lhes diga que já podem finalmente descansar dos seus pecados, das suas pesadas cargas e esperar ser recebidas nas bodas.

Não é isto que cada grupo de igrejas promete e tem na sua fachada? Aparentemente, todas estão oferecendo descanso e alívio e convidando para as festas de bodas eternas do noivo a partir de agora. Não estão todos na igreja em todo mundo e na nossa igreja sendo acolhidos em nome de Cristo? Mas somente o final, o momento final, vai dar a prova definitiva daqueles que repousaram e os que anunciaram e deram repouso unicamente em Jesus.

E então faz sentido o registro feito por Mateus da advertência de Jesus: **Vigiai, poderíamos então dizer, estai alerta sobre a natureza do repouso espiritual sobre o qual vossas almas descansam.**

II

Vigiai sobre a natureza de repouso que oferecem

Essa parábola é única de Mateus. Assim como são somente dele algumas outras das quais se pode ver um certo ponto em comum. No capítulo 13 estão uma série de ensinamentos permeados de parábolas de Jesus. No núcleo está uma seqüência marcante de material exclusivo de Mateus: nessa seqüência exclusiva de Mateus, a primeira parábola é a parábola do trigo e do joio. Depois, vem a rede que apanha peixes bons e ruins. No meio das duas (exclusivas de Mateus) estão as do tesouro escondido e da pérola. A Apologia da CA faz a conexão entre essas parábolas, expressamente a da rede que apanha peixes bons e ruins com a parábola das virgens para definir a natureza da igreja.

O trigo e o joio. Peixes bons e peixes ruins, virgens néscias e virgens prudentes – este é o reino de Deus. Quem realmente está à espera do noivo tal como ele se deu a conhecer? Quem realmente dá glórias a este Jesus que Mateus conheceu na porta da coletoria?

Mateus aprendera algo muito pessoal na porta da sua coletoria. Sobre a porta da sua coletoria e na sua testa, aqueles que a si próprios definiam como o reino de Deus, isto é, os escribas, os fariseus, tinham posto esta marca: joio, peixe ruim. Mateus teve que viver com esta marca. Pecador sem redenção. Ele tem que se redimir a si próprio. Alguém havia definido que igreja, o reino de Deus se define dessa maneira. E Mateus, e mais uma série de pessoas eram rejeitados como joio e peixe ruim. Não havia socorro para eles.

Para espanto de Mateus, houve aquele dia em que ele foi convidado por aquele Rabi: *Segue-me*. É verdade que não era um Rabi de Jerusalém que brilhava nas academias teológicas mais sofisticadas. Era de Nazaré. Morava, fazia pouco na sua cidade, Cafarnaum. Tinha já alguns discípulos. Pouca coisa. Pescadores. Mas, **ele fora convidado**. Não só isso. No mesmo dia estava com Mateus e muitos dos seus colegas e amigos, gente marcada como peixe ruim, à mesa, **comungando a refeição e a presença** daquele Rabi.

Mateus talvez não entendesse o que estava acontecendo: ele e outros pecadores, marcados como excluídos do Reino, ali acolhidos e comungando

à mesa daquele Rabi. Quem era ele realmente? Talvez à medida em que acompanhou Jesus, ele e outros foram relendo as Escrituras. A carga dos seus ombros era mansamente aliviada e a sua alma entrou no repouso do perdão. Podia repousar tranqüilo. A pérola e o tesouro de Mateus (Mt 13.44-52) foi esta ação de Jesus: ele, Mateus, joio e peixe ruim, estava sendo arrastado como trigo e peixe bom por Jesus.

Por que a rede de Jesus arrastara Mateus e os seus amigos? A resposta veio logo depois: *Os sãos não precisam de médico e sim os doentes*. O reino de Deus, na ação de Jesus, é para pecadores.

Inacreditável para Mateus. Jesus não atua a favor de um reino que seleciona peixes bons. Jesus é o reino que arrasta peixes ruins. É de Mateus também a parábola das bodas do filho do rei. Quando Jesus descreve o reino dos céus a partir de um banquete para o qual são arrastados os indignos dos becos, Mateus certamente lembrava com profundo encantamento o dia do seu chamado e o jantar que se seguiu.

Todos que conhecem o Deus de Israel têm a lâmpada ou a tocha que identifica pessoas que estão ligadas ao noivo e às bodas, pessoas que conheceram o noivo e que se julgam parte do espetáculo. Alguns sabem que o que os traz ali para o momento que antecede a festa é o convite. Não é a lâmpada. Não é o azeite. É o convite que vem do dono da festa.

O noivo já está vindo para a festa. A festa está pronta. Quando o noivo aparecer, então vai se saber de que natureza era o repouso de que as igrejas viveram e ensinaram. **Vigiai, pois.**

CONCLUSÃO

Vigiai, todos, sobre o vosso descanso e repouso. Mas acima de tudo, ministério da IELB, vigiai sobre a vossa boca nos ensinamentos da igreja. Jesus nos dá tudo que é necessário e só uma coisa realmente é necessária: perturbar o falso sono enquanto é tempo. E dar repouso aos cansados como Mateus. E não perturbar o descanso dos que de alguma forma já repousam dos seus pecados em Jesus. Esse repouso é o repouso da fé que nada mais quer saber do que Jesus. Isto é fé com o conteúdo certo, fé que ilumina a obra de Jesus.

Esta é a igreja que nasce e renasce diariamente das nossas confissões no todo e também em pequenas observações que parecem marginais ou casuais. Mas são essenciais para a renovação da vida na igreja. Vigiai sobre o sono da igreja para que a igreja descanse dos seus pecados unicamente em Cristo.

Paulo P. Weirich
Sermão proferido no culto do Seminário Concórdia
23 de novembro de 2005

ESCOLHIDO E SEPARADO

Jeremias 1.5

Em nome de Jesus, Amém.

“Antes do seu nascimento, quando você ainda estava na barriga da sua mãe, eu o escolhi e separei para que você fosse um profeta para as nações.” (Palavras de Deus ao profeta Jeremias)

Era por volta do ano 627 antes de Cristo. Havia um jovem, com cerca de vinte anos, de família nobre, pois era nobre ser sacerdote de Israel. Como todo jovem, devia ter seus planos para o futuro. Apesar de viver numa época em que o futuro parecia muito sombrio. Menos de um século antes, a capital de Israel (reino do Norte) – Samaria, havia caído ante o poder dos assírios. Agora a realidade política internacional ameaçava a soberania de Judá (o reino do Sul). De um lado, o crescente poder babilônico; do outro, o sempre ameaçador Egito. Era uma época de acordos políticos de ocasião, não de convicção. Mas não era aquele o povo de Deus, o povo escolhido, o povo da promessa? Era, mas e o que isto importava agora? As ameaças eram tão grandes que, ao invés de confiar em Deus, lhes parecia mais prudente e seguro fazer acordos políticos. Acordo com o Egito, contra a Babilônia; acordo com a Babilônia, contra o Egito. Além do mais, se dizia, temos entre nós o Templo de Jerusalém. E quem tem o Templo está protegido por Deus.

Aquela era uma bela época para um profeta que fosse conciliador, ecumênico, aberto a influências de outros cultos e crenças. Teria tudo para se dar bem, como conselheiro do rei. Mas este não era Jeremias. Bem que a sua natureza íntima era de um homem com sentimentos profundos de apreço pelo seu país e pelo seu povo. Quanto gostaria de ter palavras brandas, pacíficas, otimistas, para anunciar sobre o futuro das realizações daquele povo.

Mas eis que Deus lhe vem e anuncia que sua tarefa seria derrubar, arrancar, destruir, arrasar; pois só assim seria possível construir e plantar. Era preciso levantar a voz contra um povo tímido, fraco, covarde, descrente,

supersticioso. Era preciso proclamar que as nações, seguindo-se uma a uma no poder, teriam todas um fim. Fazia-se necessário levantar a voz e protestar contra uma religiosidade falsa, aparente, superficial, acomodada. E para isto Deus chamou Jeremias.

Vinte e cinco séculos depois, Deus continua chamando “profetas” – arautos da sua verdade. A forma de fazê-lo pode ser diferente; o contexto político e social tem suas peculiaridades; mas é para o mesmo mundo que Deus envia seus mensageiros. É para uma tarefa árdua, difícil, desafiadora. É preciso derrubar, arrancar, destruir, arrasar, pelo anúncio do juízo divino sobre toda tentativa humana de inventar deuses para si ou formas humanas de procurar agradar a Deus. É preciso denunciar o erro e as ciladas da carne, do mundo e de Satanás. Sim, tudo isto com paciência, serenidade e amor; mas com a seriedade e determinação exigidas para o pastoreio de vidas que Deus quer coroar com felicidade eterna.

O profeta Jeremias teve seus momentos de dor, solidão, questionamentos, dúvidas. Como profeta de Deus, ele não está sozinho nestas agruras. Mas a verdadeira questão não é se temos ou não, enquanto profetas de Deus, nossas angústias e fraquezas na realização de nosso trabalho. Quem não as tem? A pergunta que precisa ser respondida é como conviver com fraquezas e limitações pessoais, sentimentos de frustração e solidão, e assim mesmo fazer uma obra de tamanha envergadura e com conseqüências para a eternidade, como é a missão de Deus?!

Jeremias nos ajuda nesta questão. Nos ajuda não tanto pelo que fez ou deixou de fazer, mas pelo que Deus lhe teve a dizer.

“Eu o escolhi e separei”, diz Deus. Jeremias só pode realizar seu trabalho tão desafiador por ser sempre lembrado por Deus de que sua missão tinha origem divina e não humana. E mais: que ainda que aquele povo de Judá fosse tão rebelde e obstinado na busca de caminhos fáceis, era o povo da aliança, era o povo ao qual Deus se havia comprometido. Ele não seria abandonado. E as nações? Ah! Sim, as nações ... rebeldes, enganadas pela idolatria, afundadas na imoralidade ... mas ainda nações cuja história o Deus de Israel vai interferir. Se não de outra forma, ao menos por lhes dirigir palavras através do seu profeta.

Estimados formandos: o ministério no qual vocês irão ingressar não foi inventado por homens. Foi instituído pelo próprio Senhor Jesus, numa demonstração de misericórdia pelo mundo inteiro; por compaixão das ovelhas que andam desgarradas e aflitas; por amor para com a sua Igreja, que Ele comprou com o próprio sangue. Que missão maravilhosa! Que trabalho de extraordinária importância para as pessoas a quem vocês irão servir como profetas de Deus. Para isto Ele os escolheu e separou. Vocês são dele. É o próprio Senhor que os irá guardar, dirigir e abençoar.

“Eu o escolhi e separei” é uma palavra que dirige e orienta, pois diz, “para que você fosse um profeta para as nações”. Estimados formandos: por mais que as nações, tanto no tempo de Jeremias como hoje, se caracterizem por buscar seus próprios caminhos, não devemos esquecer: Deus continua sendo o Senhor da história. O mundo, que tem visto tanta iniquidade, ainda é o mundo criado e mantido por Deus. Por isso, se por um lado os profetas de Deus são estrangeiros e peregrinos e rumam para a pátria que nos está sendo preparada; por outro lado, em nenhum lugar neste mundo seremos intrusos; pois por mais que o diabo queira arrogantemente declarar-se senhor, não passa de um condenado, a partir da vitória do Salvador Jesus, pela cruz e ressurreição. Vocês são escolhidos e separados por Deus, e por ele preservados, mantidos, sustentados, porque a obra na qual vocês ingressam é obra dele. Vão, pois, com a serenidade e segurança de saberem-se guardados pelo Senhor. Vão com fidelidade à palavra que lhes foi confiada e com a alegria de saberem que o reino que nos está preparado pelo Senhor já se manifesta de maneira vitoriosa na palavra do evangelho, que vocês irão anunciar. Deus os guarde nesta tarefa. Sim, Ele os guardará, afinal ... foi Ele que os escolheu e separou para que sejam profetas para as nações. Amém.

*Prof. Gerson L. Linden
Mensagem proferida na formatura do Seminário Concórdia em
3 de dezembro de 2005*

